



Maria Del-Vecchio Bogado

JUNHO DE 2013

**A expressividade imagética e sonora dos manifestantes como fratura
na comunicação e disparadora da imaginação política**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pelo Departamento de Letras da PUC-Rio

Orientador: Prof. Frederico Oliveira Coelho

Coorientadora: Profa. Helena Martins

Rio de Janeiro

Maio de 2017



MARIA DEL-VECCHIO BOGADO

Junho de 2013 no Brasil: a expressividade imagética e sonora dos manifestantes como fratura na comunicação e disparador da imaginação política

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Frederico Oliveira Coelho

Orientador
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Helena Franco Martins

Coorientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Daniel Fernandes Castanheira

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Joao Camillo Barros de Oliveira Penna

UFRJ

Profa. Monah Winograd

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia e Ciências Humanas –
PUC-Rio

Rio de Janeiro, 05 de maio de 2017.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Maria Del-Vecchio Bogado

Graduou-se em Comunicação Social, com habilitação em audiovisual, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2014.

Ficha Catalográfica

Bogado, Maria Del-Vecchio

Junho de 2013 no Brasil: a expressividade imagética e sonora dos manifestantes como fratura na comunicação e disparadora da imaginação política/ Maria Del-Vecchio Bogado; orientador: Frederico Oliveira Coelho – 2017

141 f. : il.(color.) ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017

Inclui bibliografia

1. Imaginação. 2. Subjetivação. 3. Junho de 2013. 4. Expressividade nos protestos políticos contemporâneos. 5. Comunicação. Coelho, Frederico Oliveira. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD:800

Agradecimentos

À CAPES, pela viabilização da pesquisa.

Ao meu orientador, Frederico Coelho, pelas aulas e pelos apontamentos precisos e inteligentes; pela sagacidade de reunir e mapear a difusa produção de pensamento que se proliferava nas redes sociais e blogs ao longo das manifestações de junho de 2013.

À também orientadora Helena Martins, pela invenção e inventário de maravilhas que distribui nas aulas, notas e conversas de orientação; pela inteligência aguda e humorada; pela abertura do olhar, pelo estímulo à experimentação e pelo apoio sempre sensível.

À Marília Rothier, pela leitura do Sudoeste que é fundadora e encorajadora desta dissertação. Agradeço também pelas aulas preciosas e pelas correspondências. A ciência da possibilidade de uma leitora como a Marília é uma potência disparadora de muitas escritas, é uma sorte ter tido esse encontro.

À Rosana Kohl, pelas aulas tão tocantes e por encorajar uma escrita implicada.

Ao Rodrigo Pinheiro, pela gentileza e paciência.

À Heloísa Buarque, por me apresentar a possibilidade de uma existência tão incrivelmente alegre, pela curiosidade incessante e pelo carinho que me fortalece. Agradeço também por você ter sido uma das nossas feministas precursoras e pela prática de uma ética de não conformidade com a cultura estabelecida.

Ao Carlito Azevedo, pela língua solta do cão, pela poesia urgente e por ter me introduzido a Dante e ao lindo rojão de Geovani Martins.

Ao Paulo Oneto, pela amizade, pelas conversas sempre humoradas e pelo desejo de conectar a filosofia com o presente. Tocam esse trabalho especialmente a aula no Ocupa Rio e os encontros públicos no Teatro de Arena.

À Anita Leandro, pela amizade tão atenciosa e delicada, por entrelaçar tão bem e definitivamente estética e política, pelos arquivos resgatados e por ensinar um olhar crítico diante das imagens e da vida.

Ao Alain Alberganti, por me apresentar o aqui-e-agora e abrir a minha percepção do corpo e do espaço.

Às meninas da ocupação do Pedro II do Realengo, por me permitirem experimentar as melhores reverberações possíveis das manifestações de junho de 2013, pela renovação das minhas expectativas com o futuro e pelo assassinato final do patriarcado.

Às amigas Duda Kuhnert, Daniela Rosa, Lorena Portela, Fernanda Cruz, Júlia Amin e Gabriela Amadei, às Manas e às Molotovs, sem a amizade de vocês não ficaria de pé. Agradeço por serem lindas, experimentais, fortes e arrasadoras.

Aos colaboradores da Revista Beira.

Aos familiares, pelo apoio irrestrito, pelos livros, pelo amor. Ao meu pai e à minha avó pela sensibilidade singular, pela criação de distâncias críticas e pela ligação com a natureza. Em especial, agradeço à minha mãe por ajudar tanto e sempre, por todo incentivo, por estar junto e pela firmeza inabalável com que caminha.

Ao Artur Seidel, pela amizade tão querida, pela percepção cristalina das coisas.

À Luisa Marques (como agradecer a alguém que me apresentou Leonilson?), Suzana Macedo, Marina Burdman, Marina Mendes (e a essas Marinas que me escutam nos momentos de fragilidade?), Francisco Camêlo. Muito importante ter

tido colegas gentis, inteligentes e cheios de referências como vocês. Agradeço por todas as conversas e críticas. Espero que sigam pesquisando e criando!

Ao Charles Jacquard e ao Luiz Fonseca pelas trocas, desejos e pelo por vir.

Por fim, gostaria de agradecer muito especialmente ao Bernardo Girauta, por todo o amor e carinho, por desfrutar da sua sensibilidade tão forte, pela sua entrega às manifestações de junho de 2013 e às questões que elas nos colocaram, por todas as experiências e investigações compartilhadas à fundo e pelo desejo e capacidade de invenção de mundos. Esse trabalho respira profundamente a sua presença e não seria possível sem o seu apoio tão firme e generoso.

Resumo

Bogado, Maria Del Vecchio. Coelho, Frederico Oliveira; Martins, Helena Franco. **Junho de 2013 no Brasil: a expressividade imagética e sonora dos manifestantes como fratura na comunicação e disparadora da imaginação política.** Rio de Janeiro, 2017. 141 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho se debruça acerca dos elementos expressivos contidos no ciclo de manifestações iniciadas no Brasil em junho de 2013. Compreende-se este evento como um acontecimento político que fricciona a linguagem comum e dispara processos de subjetivação vinculados a um uso singular da imagem e do som. Destacam-se os registros audiovisuais produzidos por manifestantes de um ponto de vista interno aos embates travados com a polícia; e sonoros, tendo em vista a materialidade do som proferido pelas vozes dos manifestantes, para além do significado que exprimiam. Nota-se que as imagens e sons dos manifestantes extrapolavam os limites semânticos da palavra tanto quanto os limites figurativos da imagem, escapando, em certa medida, ao regime comunicativo e informacional do debate midiático. Aqui, busca-se uma aproximação com o que na imagem seria tido como falha e o que no som seria tido como ruído. Os borrões da imagem, assim como a própria ressonância do som podem ser tomados como disparadores para a imaginação política. Para esta elaboração, leva-se em conta: a noção de acontecimento proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari, a distinção entre polícia e política em Jacques Rancière, o pensamento acerca da materialidade da imagem em Georges Didi-Huberman, assim como do som em Jean-Luc Nancy, e as noções de subjetivação que atravessam o trabalho desses filósofos com fortes pontos em comum. Em diálogo com esta reação teórica à experiência de 2013, também constitui a dissertação uma reação poética, com a apresentação de um longo poema que busca encenar a relação com o som, com as imagens e os processos de subjetivação que se pensaram aqui.

Palavras-chave

imaginação política; subjetivação; junho de 2013; expressividade nos protestos políticos contemporâneos; comunicação; memória.

Résumé

Bogado, Maria Del Vecchio. Coelho; Frederico Oliveira (directeur); Helena Martins (directeur). **Juin 2013: l'expressivité des images et des sons produits comme fracture dans la communication et déclencher de l'imagination politique.** Rio de Janeiro, 2017. 141 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Ce document se penche sur les éléments expressifs contenus dans le cycle des protestations qui ont commencé au Brésil en Juin 2013. Ces protestations sont comprises comme un événement politique qui est capable de problématiser le langage commun et provoquer des productions de subjectivation liés à une utilisation singulière de l'image et du son. Ici, se détachent les enregistrements audiovisuels produits par des manifestants d'un point de vue interne aux affrontements avec la police; et les enregistrements sonores, en vue de la matérialité du son délivré par les voix des manifestants, au-delà du sens exprimé. Il est possible de noter que les images et les sons des manifestants extrapolent les limites sémantiques de la parole, autant que de les limites figuratives de l'image, échappant dans une certaine mesure, du système de communication et d'information du débat médiatique. Ici, nous cherchons un rapprochement avec ce que dans l'image serait considéré comme une panne et que dans le son serait considéré comme de pure bruit. Les flous de l'image, ainsi que la propre résonance du son peuvent être considérés comme déclencheurs de l'imagination politique. Pour ce développement on tient en compte: la notion d' "événement" proposée par Gilles Deleuze et Félix Guattari, la distinction entre la police et la politique par Jacques Rancière, la pensée sur la matérialité de l'image par Georges Didi-Huberman, ainsi que sur le son, par Jean Luc Nancy, et les points communs sur les notions de subjectivations proposés dans le travail de ces philosophes. Dans un dialogue avec la réaction théorique à l'expérience de 2013, cette thèse est constituée aussi d'une réaction poétique, avec la présentation d'un long poème qui cherche à mettre en scène la relation avec le son, avec les images et les processus subjectifs qui ont été pensés ici.

Mots clefs

imagination politique; subjectivation; Juin 2013; expressivité dans les manifestations politiques contemporaines; communication; mémoire

Sumário

0. Sudoeste	13
1. Apresentação	32
2. O que aconteceu em 2013?	35
2.1. Representação e expressividade, limites e possibilidades	35
2.2. A percepção em disputa: como manter o acontecimento vivo?	47
2.3. 2013 como multiplicidade dos modos de organização política e expressões desejantes	51
2.4. 2013 representado por uma narrativa unificadora	58
2.5. O olhar distanciado e a tendência ao desaparecimento dos povos	62
2.6. Um olhar aproximado e a resistência ao controle	75
2.7. Imagens contra a polícia	87
3. Olhar tátil para peles porosas: o acontecimento visual	93
3.1. Dar as mãos	93
3.2. Construir com as mãos	95
3.3. Ver com as mãos	99
3.4. Debruçar-se, olhar de poros abertos	106
3.5. A política dos equívocos	112
4. Ressonância: o acontecimento sonoro	114
4.1. A Fórmula	116
4.2. O sopro	123

4.3	Imagens em ressonância	127
5.	Referencias bibliográficas	136

Lista de figuras

Figura 1: Imagem de abertura do filme <i>Waleska Molotov</i> , realizado entre 2013 e 2017, dirigido por Amandla Veludo, lançado pelo selo <i>Anarca Filmes</i> . Trata-se de um arquivo produzido por um anônimo durante uma manifestação realizada à noite em junho de 2013. Essa luz, que chega a parecer a luz do sol durante o dia é a luz de um helicóptero que incide sobre a câmera do cinegrafista.	33
Figura 2: Imagem do veículo <i>A Nova Democracia</i> em manifestação realizada em julho de 2013 no Leblon. “A barricada fecha a rua para abrir novos caminhos.”	34
Figura 3: Capa do jornal <i>O Globo</i> do dia 18 de junho de 2013.	65
Figura 4: Capa do jornal <i>O Globo</i> do dia 16 de março de 2015.	66
Figura 5: Capa do jornal <i>O Globo</i> do dia 14 de março de 2016.	67
Figura 6: Imagem aérea publicada no jornal <i>O Globo</i> a partir da qual é possível ver a faixa “impeachment já” inteira.	70
Figura 7: cobertura ao vivo da <i>Globo News</i> de manifestação contra o governo eleito vigente.	71
Figura 8: Assim como as figuras seguintes, é uma imagem do filme <i>Je vous Salue Sarajevo</i> . Trata-se de um recorte de uma fotografia da guerra da Bósnia, realizada em 1992 pelo fotógrafo Ron Haviv.	75
Figura 9: Idem	76
Figura 10: Idem	76
Figura 11: Idem	77
Figura 12: Idem	77
Figura 13: Imagem do filme <i>Je vous Salue Sarajevo</i> . Aqui apresenta-se a própria fotografia de três vítimas da guerra da Bósnia, realizada em 1992 pelo fotógrafo Ron Haviv.	78
Figura 14: Assim como as figuras que seguem, é uma imagem de um vídeo produzido por manifestante no Rio de Janeiro próximo ao Maracanã, no dia 30 de junho de 2013, data da final da Copa das Confederações.	80
Figura 15: Idem	84
Figura 16: Idem	87
Figura 17: Fotografia de Didi-Huberman em Birkenau, publicada junto com o ensaio “Casca”, na revista <i>Serrote</i> , em 2013.	99
Figura 18: Assim como as figuras que seguem, frame de vídeo produzido por manifestante no dia 16 de outubro de 2013.	101
Figura 19: Idem	102
Figura 20: Idem	103

Figura 21: <i>Idem</i>	104
Figura 22: <i>Idem</i>	104
Figura 23: <i>Idem</i>	105
Figura 24: <i>Frame do vídeo da prisão do reporter do Mídia NINJA. Neste momento ele está prestes a ser preso, já segurado pelos policiais.</i>	114
Figura 25: <i>Frame do vídeo da prisão do reporter do Mídia NINJA.</i>	115
Figura 26: <i>Frame do vídeo da prisão do reporter do Mídia NINJA. Assim como a imagem que segue. Trata-se de um frame do vídeo da prisão do Mídia Ninja. Neste momento ele já foi colocado à força no camburão.</i>	130
Figura 27: <i>Idem</i>	130

0.

Sudoeste

Parte I

já são mais de dez caveirões
passando
de raspão
já cinco balas
atravessam
o suporte-corpo
(eu não estava lá)
continuo a correr entre
máscaras meninos
de rua
a despeito de todos os helicópteros
fizemos
uma grande festa de refugiados
sem wi-fi

os meninos da lage acima oferecem cocaína
e jogam
pedras na polícia
eu não estava lá
e Márcia assume o bar
despeja um líquido
em todos os mil copos
peço que me bebam
o colapso
já se deu discretamente

irremediável
é um disfarce indiscreto
e provisório
esse suporte-pele
vestido de preto
fotografado
vendendo cerveja no bar

nossa festa é
uma grande festa de despedida
ainda que angustiados
dançamos
sob os arcos
até as cinco da manhã
sobretudo
sem saber
se o comércio abre
se os lojistas chegam mesmo
às sete da manhã

se de repente um estrondo
dois copos se quebram
com dois estrondos
muito mais barulhentos
que hélices passos corridos caixa
de som

ainda dançamos
ainda que com algum pudor
da nossa desmedida
alegria
é que não sabemos mesmo
se os ônibus já voltaram
a circular

não estamos caindo
incessantemente?
minha mucosa escorria
entre os copos derramados
os cacos

alguns amigos
ainda escondidos nas beiradas
dão pequenos voos rasantes
sem medo de se perder
em corpos estranhos
suportes-abelhas-caga-fogo

os policiais já dormem
e estamos todos tão tontos
e em tantos pedaços no chão
e não estamos caindo incessantemente?

Parte II

e Márcia é a imagem
de uma camisola branca
em 35 milímetros
sub-reptícia
amarra
em correntes finíssimas de um metal prateado
cada copo, um lastro
do seu corpo espectral

arrebata a cena
o timbre
das vozes inaudíveis
dos desaparecidos

Carol é imagem
e é som

os desaparecidos estão
por vir
e a nossa festa
é uma grande festa
de boas vindas

sobre o terraço
um corpus
movente reptiliano
rebola como sopa
de enguias frescas
respingos

Carol sobe o short
que insiste em
cair
Carol se auto-intitula
Bandida, diz:
bateu uma onda forte

não chove ainda
mas sentimos
concretamente
um sereno gelado
respingos
de suor
ou um fluído
irreversível
de sedimentação

Márcia registra

pequenas erosões
imagens invisíveis
da terra
ela corta o cabelo
com uma tesoura
enferrujada
de jardinagem
corta
as plantas murchas
as folhas secas
os galhos quebradiços
(com uma tesourinha menor)
as unhas
das mãos
as unhas
dos pés
as peles
mortas
um crime é silenciado
na padaria mais quente da baixada
no seu sismógrafo
bateu, já avisava Carol

uma onda forte
movimentações
sigilosas
de terrenos
estrondos encarnam
todas as sugestões
da imagem granulada
de Márcia em preto e branco

"larguei a família
a escola, você sabe

vou perder os amigos
se prostituir faz parte
com um copo
de guaravita
eu fico suave"

Carol é luxúria
um fantasma sensual
de banhas oscilantes
pintado por Bruegel
numa festa de arruaça

"agora o baile virou boite
pode se soltar
solta a purpurina"

Márcia atravessa o palco
de velocípede
transforma
um concerto "Winter music"
em
"Música para dois velocípedes e pianos"

Márcia brinca de bonecas
com 28 caminhas
compõe
uma suruba infantil
imagens de Kaminhas Sutrinhas
dignas
de Bruegel
duplas e trincas movimentam
seus suportes plástico-parafuso-pilha
conectados por
correntes finíssimas de metal prateado

dão voos rasantes
gargalham
como só um adulto capaz
de gargalhar
em estado
de ereção

Márcia é cirúrgica
com sua camisola
branca
embora
semi transparente
entremeia
as correntes finíssimas de metal prateado
com pequenas coroas
de santos católicos

recolho os fios
da aparelhagem de som
tossindo
gás lacrimogêneo
despejando
lágrimas
coçando a vista
embaralhando
a imagem da fotografia

já não sei se é ela
que puxa
as correntes finíssimas
derruba
todos os copos que dispôs
meticulosamente
em torres mal equilibradas

se sou eu que prendo
as coroas de santo como brincos
no suporte-orelha-destrutiva
me desloco
lânguida
cabelos soltos
e alguns fios arrastando pelo chão

peço que me bebam
não posso
mais fugir dos imperativos
publicitários
duas por cinco
se prostituir faz parte

lá onde sou
suporte líquido
torno o chão escorregadio
será que esses contornos
imprecisos
são
capazes
de gargalhar
em estado
de exceção?

e não estamos caindo
incessantemente?
e não estamos caindo
no fluir violento de uma chuva sobre
os guarda-chuvas dos ambulantes
pontuais?

e não estamos jogando
nossos próprios suportes-corpo-menino-de-rua-mascarado
violentamente
contra
tapumes
só pra cair mais violentamente ainda?
e não estancaremos como estalactites?
com um punho cerrado em um concerto "Winter Music"?

a fotografia é o rastro
do corpo que se foi
cabelos molhados
brincos
e derrubou
todos os copos
e se deixou no chão
sob os helicópteros
erigidos
sobre os arcos

a nossa festa
é ruína
de imagem e som
captada por mãos
trêmulas
câmeras de baixa
resolução

Parte III

os ombros
rígidos
as pedras
polidas

ele segue
se
lança
em suporte-cúbico-esburaca-chão
mais uma imagem noturna
ruidosa

ele
(o meu amor)
é fitado
ao longe
por um gato
ou drone
aéreo
temido
por um gato
ou drone
aéreo
um vulto
ágil
como gato
ou drone
aéreo
irreconhecível por mim

hoje choveu
muito
e ainda chove
nas espreiadas
embaça
o streaming
impressionista
a confusão de corpos
guarda-chuvas

pretos
borrados
por Renoir
encharca
os acessos ao
Maracanã
uma bolsa
de líquido amniótico
estourada
em bile

bateu
uma onda forte
aqui
ninguém sabe de nada
enrola um pano
no rosto
se esconde
em cima do poste

o amor
é truculento
ele dizia
em outras palavras
com uma arma apontada
e armaduras de robô:

"corre, piranha"

medroso
Ulisses
de mãos ocupadas
não podia
tampar o ouvido

gritava
muito alto
(para não sucumbir)
ao canto
trincado
da nossa festa
ao amanhecer

sorte, não haver o que segure
som
a nossa festa
é uma grande festa de gestação
de estouros
de bolsas
de líquido
amniótico
vestimos preto
e celebramos
do alto da lage
o lodo uterino derramado
a impossibilidade
de sair

estamos presos
em plena
festa
e Ulisses
do lado de fora
nos ama tanto
e com tanta truculência
baleia
os próprios
tímpanos

e
com as duas balas que restam
o próprio globo
ocular

celebramos
com música alta
também o luto
de Ulisses
suporte-alvo-de-suporte-cúbico-esburaca-chão
nosso inimigo
querido se perdeu
em armaduras
para não derramar
pelas frestas
dos copos quebrados
corpos
caindo
chuvosos
nas espreiadas

Parte IV

é manhã
de domingo
e
uma bomba de efeito moral
explode
no pé de um
mascarado
em pleno desfile
militar

no beco

apenas um muro
sobre ele
a polícia
ante ele
meu corpo
a rigidez dos ossos
contra
a rigidez do concreto
minha roupa preta
contra
a parede branca
escuta o corpo ranger
enlaçar
refluir
em silêncio
e os olhos incrustados
na parede
os homens do choque passam por nós
em silêncio
e os olhos incrustados
nos escudos

às cegas
não nos vemos
mas
trepidamos juntos
em suporte-medo-agitação-micro-celular
água fervente
em
estado de evaporação
preparando a chuva
que molhará
todos os corpos despedaçados
que

insistem
numa grande festa
ácida
sob o som
de helicópteros
erigidos
sobre os arcos

perdi de vista
o meu amigo
mascarado
entre tantos
mascarados

enquanto
levava
uma fratura exposta
nem percebeu
as outras balas
que perfuravam
seu suporte-carne

ele também
se perdeu
de vista
perdeu
os pés
de vista

um policial
quebra uma câmera
diz
é proibido filmar
o show

não adianta
buscar
no youtube
os membros perdidos

ele percorre
imóvel
suas imagens pixeladas
tenta
relembrar
uma grande festa
de corpos
partidos
em cacos
caindo
incessantemente

progressiva
aproximação
dos termos em
oposição
todas as mediações
serão
fracassadas

um mito
deve ser
alucinado e rigoroso
como
meninos de rua se jogando contra
tapumes

pela pura aberração
dos

escândalos lógicos
mascarados queimam
todo o lixo
do Leblon

"línguas estranhas em profusão
exclamações de dor, acentos de ira
gritos, rangidos e bater de mão"

é domingo
na Presidente Vargas
o instante
encosta
aflição secreta
o ar
está crispado
afundo
uma guimba de cigarro
no seu suporte-pele
perdi a esperança
de subida
e não estamos
caindo
incessantemente?

"a fera hedionda, que te pôs chamando
não franquia a ninguém sua estrada
e a quem encontra, nela vai matando"

mansamente
como
quem queima o braço com a guimba
de cigarro
já são cinco caveirões

e não podemos
sair daqui
ao passo
que
nossos corpos
são
ligeiramente amputados
como as sombras
que essas chuvas
derrubam
são
a prática
de uma filosofia
prática
o mito
tão secreto
escancarado
fratura exposta no suporte-fêmur
o amor
é uma forma de truculência
ele dizia
antes de balear os tímpanos
o globo
ocular

apesar do irremediável
tombo
na Cinelândia
um mascarado
entre tantos mascarados
estende a mão
ergue
um corpo caído
corre

apesar
dos 45 presos na noite de ontem
uma terrível festa
corrosiva
continua
a latejar nos discos
rompidos
da coluna
vertebral

1.

Apresentação

Um dos espantos na vivência das manifestações de junho a outubro de 2013, tanto para os próprios manifestantes quanto para os agentes da repressão, foi a realização de atos não programados, antes impensáveis. A dinâmica de passos que levava a multidão a avançar diante da polícia era desprovida de central de comando que pudesse dar um sinal imediato e comum. Alguém dava uns tímidos passos para frente. Não havendo resposta, retornava. Um pouco depois, outro tentava avançar com alguns passos. Se mais alguém fosse adiante, continuava. Outros, vendo que esses passos eram possíveis, também se aventuravam. Criava-se, com múltiplos focos, um atento jogo de vai-não-vai até que, de repente, já eram muitos e corriam. A fala, muitas vezes, intervinha nesse caminhar, mas não apenas pelo teor significativo de elaborações argumentativas. Também pela musicalidade que incitava os corpos a se mexerem, os pés a seguirem. Ritmo.

Corpos respondendo uns aos outros. O impulso no encontro. A errância de um pisar positivada, como elucidaria o filósofo Jean Luc Nancy:

Errância e método, método de errância, errância metódica, via que não é traçada mas que é o traço ela própria de um passo enquanto avança, enquanto passa, justo enquanto desperta para si mesmo a possibilidade da direção, de uma destinação, de um desejo.¹

As manifestações eram marcadas por discussões acerca dos melhores trajetos – vias – a serem traçados. No entanto, diversos desdobramentos ocorriam sem discussão prévia, no momento. Dispersão e reagrupamentos marcavam a imprecisão de qualquer percurso completamente premeditável. Os caminhos eram inscritos não exatamente nas delimitações fixas da geometria das ruas e calçadas, mas no espaço móvel da presença, que refuta toda a estabilidade aterradora do mundo do espetáculo. Por isso mesmo esses eventos foram um tanto refratários às câmeras do jornalismo televisivo.

¹ NANCY, Jean-Luc. *Demande*, Literature et philosophie. 2015, p. 12. As traduções que seguem são minhas. No original: “Errance et méthode, méthode d'errance, errance méthodique, voie qui n'est pas tracée mais qui est la trace elle-même d'un pas en train d'avancer, en train de passer, juste en train d'éveiller pour lui-même la possibilité de la direction, d'un destination, d'un désir.”

Nancy afirma: “Estar no mundo é o oposto de estar no espetáculo. É estar dentro, não defronte”². A presença no mundo não consiste nunca em delimitações fixas de posições exatas, transcritíveis por coordenadas precisas. Uma presença figura no espaço na medida em que o atravessa e é atravessada por ele.

Partindo-se do pressuposto de que no campo da presença qualquer instância interior e imutável, impermeável ao fora, é ponto cego, proponho tatear também as superfícies, instáveis por excelência. Por isso, a impossibilidade de concepções totalizantes, fechadas, acerca do acontecimento, das identidades e dos espaços a serem observados. Um tanto de errância assumida como método. O desvendar dos caminhos nunca antes premeditado, as vias feitas e desfeitas nos empurrões, nas explosões, nos sustos, no mover dos tapumes.

Busco assinaturas anônimas. Assinaturas em dissipação. Assinaturas em ato, na iminência de escapar, derrapar, cair. Assinatura na mão de um corpo que se detém diante do fluxo e ajuda outro corpo a se erguer. Nas mãos que retomam a velocidade de uma fuga e já uma assinatura maior do correr de um coletivo com seus trajetos ofuscados pela luz vermelha das viaturas, pelos holofotes dos helicópteros. (As luzes do poder tentam sobreassinar ostensivamente, cancelar essas precárias assinaturas).



Figura 1: Imagem de abertura do filme Waleska Molotov, realizado entre 2013 e 2017, dirigido por Amandla Veludo, lançado pelo selo Anarca Filmes. Trata-se de um arquivo produzido por um anô-

² NANCY, Jean-Luc. *Demanda*. Literature et philosophie. 2015, p. 221. No original: “Être au monde est tout le contraire d’être au spectacle. C’est être dedans, non devant.”

nimo durante uma manifestação realizada à noite em junho de 2013. Essa luz, que chega a parecer a luz do sol durante o dia é a luz de um helicóptero que incide sobre a câmera do cinegrafista.

O corpo se desprende de uma identidade para se lançar ao cosmos e se destaca pela singularidade de seus movimentos, desdobra-se no espaço, assim como desdobra o espaço. Em breve, a correria se dissolve também. Rastros dessas assinaturas tornam o mundo estranho no caminhar dos pés que seguem seu cotidiano na manhã seguinte. As ruas do Rio de Janeiro acordavam com restos de lixo queimado pelo chão, tapumes deslocados, agências bancárias desmembradas, vitrines rompidas, as pixações ainda não apagadas. Os anônimos dissolvidos no mundo. O mundo resiste às assinaturas, mas é *precariamente* outro.

Em 2013, manifestantes tomavam as ruas para torcer – diretamente – projetos de cidade alheios aos que pisam o chão. Cortavam os mapas pré-definidos e criavam novos caminhos a partir do ato de pisar. A frase a seguir, nesta bandeira erguida por um anônimo, torna-se mais legível à medida que é um tanto ilegível:



Figura 2: Imagem do veículo A Nova Democracia em manifestação realizada em julho de 2013 no Leblon. “A barricada fecha a rua para abrir novos caminhos.”

O percurso proposto parte dos meus pés. São variados os impulsos e intercessores deliberadamente heterogêneos que o modulam. Parte de onde pisei, na cidade do Rio de Janeiro. Parte dos momentos em que os pés pensavam por mim, os momentos de conflito. Parte do que toca o corpo hoje: imagem e som.

2.

O que aconteceu em 2013?

2.1

Representação e expressividade, limites e possibilidades

No texto *Anônimo, vanguarda, imperceptível*, publicado em novembro de 2016, Rodrigo Nunes propõe que a crise da democracia representativa pode impulsionar certos tipos de ativismo. Ele destacaria aquilo que chamou de “ativismo de código aberto”³, caracterizado por prescindir de lideranças estruturadas ou identificadas formalmente. As manifestações de junho de 2013 no Brasil apresentam, como uma das suas múltiplas facetas, um ativismo que se aproximaria desta forma de organização, que teria como pontos relevantes de sua genealogia (resguardando-se as diferenças cruciais entre os distintos contextos) a Primavera Árabe e, numa relação um pouco mais distante, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN).

Três características fundamentais do EZLN são, de certa forma, atualizadas nos levantes que se propagam pelo mundo desde 2011. Uma delas foi, já no início da década de 1990, o uso inovador da internet. Esta ferramenta, que então se popularizava, era um fértil mecanismo para fazer frente às narrativas hegemônicas cunhadas pelos veículos de comunicações convencionais e pelo Estado. Inovaram também na busca por se conectarem com diversos grupos e coletivos, não só no México, mas também ao redor do mundo, formando “uma rede de redes sem centro”⁴ que Rodrigo Nunes chama de *sistema-rede*, configurando “ao mesmo tempo meio transindividual de comunicação e contágio afetivo”⁵.

Há de se pensar as redes através do seu caráter relacional, não a partir dos indivíduos que as constituem. Uma rede se explica mais a partir da pergunta “como” do que da pergunta “quem”. O que significa que, como propõe o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, não há de se extrair o “ente” da rede, mas o “entre”, ou seja, “uma perspectiva, um modo de inscrição e de descrição”⁶. As perspecti-

³ NUNES, R., *Anônimo, vanguarda, imperceptível*, 2016, n.p.

⁴ *Ibid.*, n.p.

⁵ *Ibid.*, n.p.

⁶ VIVEIROS DE CASTRO, E., *Metafísicas Canibais*, 2015, p.117.

vas, sendo internas à rede, submetem-se a variações imanentes, diferenciam-se de si mesmas a partir das trocas e dos embates travados. Portanto, em uma rede não se trata da articulação entre vários uns, mas de suas implosões multiplicatórias, tornando cada um menos que um, em diferenciação contínua a partir das relações. Uma organização do múltiplo enquanto tal vê o um como algo a ser subtraído, daí a fórmula deleuziana “n-1”⁷, na qual o n só pode ser esta incógnita variável.

É forte a possibilidade de diálogo com essa fórmula ao observarmos a terceira característica EZLN a ser aqui destacada: o anonimato de lideranças e participantes, explicitado, por exemplo, pelo rosto desconhecido do Subcomandante Insurgente Marcos⁸. O anonimato se estabelece como estratégia de defesa aos mecanismos de contrainsurgência, que isolariam e recriminariam lideranças. Mais ainda, interessa como uma performatização da abertura política das lutas a qualquer um, elemento fundamental para constituir a analogia com os softwares livres, que permite, enfim, a alcunha de “ativismo de código aberto”. Se, por um lado, a penetração cada vez maior do anonimato provém de uma reação desconfiada ao modo de funcionamento da democracia representativa (dotada de líderes identificados) e até mesmo de qualquer modo representação política, por outro lado, também expõe um caráter propositivo. O anonimato pode ser tomado como um horizonte para uma prática política que encena justamente um modo de organização cuja possibilidade de participação seria mais aberta a qualquer um, ou seja, mais inclusiva.

O Subcomandante Insurgente Marcos tende a não se apresentar como um indivíduo, sendo comum a adoção de divisas como “nós somos a rede, todos nós que resistimos”⁹. Apesar de ser uma liderança tenta evitar que se torne a imagem icônica do movimento: em janeiro de 2014, quando os zapatistas celebraram 20 anos da revolta armada que projetou o grupo internacionalmente, Marcos não compareceu em nenhum dos diversos atos públicos que realizaram. Além do mais, propõe que o seu próprio nome não seja a marca de sua identidade pessoal. Pelo contrário, supõe que seu nome atue como ponto de transmutação de elementos desta rede: “Marcos é o nome de um colega que morreu, e sempre usamos os

⁷ DELEUZE, G.; GUATTARI, F., *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1 / Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de Janeiro : Ed. 34, 1995, p. 13-14.

⁸ Ele costumava a apenas se apresentar em público com um capuz que cobria o seu rosto.

⁹ Apud:NUNES, R., Anônimo, vanguarda, imperceptível, n.p.

nomes daqueles que morreram nesta ideia de que um não morre, se a luta continuar¹⁰”. Ainda em 2014, no mês de maio, quando o professor zapatista José Luis Solís López, conhecido como Galeano, foi assassinado, o Subcomandante Insurgente Marcos veio a público declarar a sua própria morte. Assumiria, então, uma nova identificação, a de Subcomandante Insurgente Galeano: “Ao assassiná-lo, ou a qualquer zapatista, os de cima pretendiam assassinar o EZLN”, assinalou. “Pensamos que é necessário que um de nós morra para que Galeano viva... Decidimos então que Marcos deixa de existir hoje”¹¹, disse.

Preciado, essa figura de identidade instável, em junho desse mesmo ano, ao tomar ciência dessa autodeclaração de morte de Marcos, assume o nome de Beatriz Marcos Preciado. No texto em que declara sua nova assinatura temporária, assinala a importância desta relação com o nome próprio proposta pelo EZLN. Preciado considera o anonimato de Marcos como uma técnica crucial de subjetivação política proposta pelos zapatistas. Cito:

Desprivatizar o nome próprio com o nome emprestado é desfazer a ficção individualista do rosto com o capuz. (...) Como o rosto, com a ajuda do capuz, o nome próprio é desfeito e coletivizado.¹²

Há de se frisar, contudo, que, tendo em vista experiências já concretizadas, o anonimato parece ter limitações claras. Se a identidade de Marcos não é conhecida, sua máscara o é. Isso demonstra certa limitação do anonimato; em lutas contínuas, ele tende a se materializar em pelo menos algumas máscaras que sejam reconhecíveis. O gesto de tornar-se anônimo tende a se sustentar mais em intervenções localizadas, ao servir como catalisador para protestos, ou mesmo fator de

¹⁰ Verbete Subcomandante Marcos. *Wikipedia*, nov. 2015. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Subcomandante_Marcos> Acessado em 09 de dezembro de 2016.

¹¹ BEAUREGARD, L. P. A metamorfose do Subcomandante Marcos. *El País*, Cidade do México, mai. 2014. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/26/internacional/1401056860_449766.html> Acessado em 07 de abril de 2017.

¹² PRECIADO, B. Marcos for ever. *Libération*, Paris, jun. 2014. Seção Chronique. Disponível em <http://www.liberation.fr/chroniques/2014/06/06/marcos-for-ever_1035394> Acesso em: 28 nov. 2016. As Tradução minha. No original: “déprivatiser le nom propre par le nom emprunté et défaire la fiction individualiste du visage par la cagoule.”

Neste texto, Preciado estabelece uma ligação desta operação em relação ao nome próprio com grupos trans, demonstrando como o imaginário do movimento pode se espalhar por outros coletivos minoritários: “Não tão distante do subcomandante, habito um outro espaço político onde usamos as mesmas forças teatrais e xamânicas para se desfazer da estabilidade do nome próprio e da verdade do rosto como referentes últimos da identidade pessoal: as culturas transexuais, transgêneres, drag-king e drag-queen. Toda a pessoa trans tem (ou teve) dois (ou mais) nomes próprios. Esse que lhe foi designado ao nascer e com o qual a cultura dominante procura o normatizar e o nome que indica o começo de um processo de subjetivação dissidente.”

intervenção importante no decorrer destes. Já ações continuadas, com projetos de médio a longo prazo, tendem a exigir a existência de pelo menos nomes ou máscaras. Ou seja, exigem elementos minimamente representáveis, que, mesmo em casos complexos ou até paradoxais como o de Marcos, podem até ser lidos como novas identidades também cristalizáveis. No entanto, o anonimato não deixa de agir pelo menos como um ideal regulador de luta, como um exercício de não se ater a uma figura que a represente e domine individualmente deixando seus próprios interesses se sobreporem aos do coletivo. Através da construção de identidades ofuscadas, ou intercambiáveis como a de Marcos, uma vez existindo uma liderança, o anonimato tende a torná-la mais frágil ao permitir que outra pessoa ou elemento a substitua com maior facilidade. Nem sempre, e talvez pouco provavelmente, os movimentos que se apresentam como “sem líderes” são de fato completamente destituídos de liderança. Contudo, é certo de que se trata de outra forma de organização e constituição das lideranças.

Sendo a ação o foco, mais do que o sujeito que a realiza, a efetividade da liderança varia em um “processo de diferenciação permanente”¹³ que faz variar consigo a topologia da rede. Se a horizontalidade plena talvez seja um horizonte irrealizável na prática, não deixa de ser um princípio de orientação das práticas a convocar a maior abertura à participação possível. Talvez não haja efetivamente o desaparecimento de lideranças, mas a diluição destas a partir mesmo de suas proliferações, ocasionando uma multiplicação de microlideranças, mais próximas do qualquer-um. As grandes corporações de mídia e o estado acabam com a dificuldade de encontrar lideranças uma vez que ainda colocam o problema em torno de grandes líderes, ou seja, das figuras que *unificariam* um certo movimento em torno de si, representando-o.

Se uma das recusas dessas novas formas de organização é justamente o sistema representativo, as novas lideranças devem se estabelecer de modo mais imanente, mais de acordo com a efetividade imediata de suas ações e sua capacidade de aglutinar discursos e afetos. Tal efetividade parece estar ligada mais a faculdades expressivas do que representativas. Ou seja, o ato de liderar passa mais pela capacidade de exprimir desejos do que de acordo com o resultado de lutas passadas e os ganhos de posição dados em estruturas formais (sindicato, partido).

¹³ NUNES, R., Anônimo, vanguarda, imperceptível, 2016, n.p.

Trata-se, portanto, de direções-imanentes que, embora certamente envolvidas por certos parâmetros metodológicos ou orientações políticas já adotadas, apontam caminhos a serem seguidos a partir dos próprios atos, no sentido de que mais por contágio do que por garantia proporcionada por uma estrutura prévia, rígida e hierárquica. Na cartilha *Como ocupar uma escola?* elaborada por estudantes anônimos da Argentina, que realizaram ocupações em escolas inspirados nas ocupações secundaristas chilenas em 2006 e 2011, conhecidas como “Revolta dos Pinguins”, é interessante notar como propõem, para parafrasear Nunes, uma metodologia de código aberto. Essa cartilha foi usada por estudantes secundaristas que ocuparam suas escolas em 2015 em São Paulo. No item 2, *Organização da ocupação*, afirmam:

Não existe uma fórmula secreta nem perfeita para ocupar um colégio. Simplesmente é necessário seguir alguns princípios básicos, ter clareza sobre como se organizar e ajeitar o que for planejado à conjuntura geral, à correlação de forças, etc.¹⁴

Parece uma evidência de que, para além dos estudos e elaborações que tecem um acontecimento, os estudantes destacam a necessidade de se deixar afetar pelo acontecimento. Desse modo, os líderes devem estar atentos às situações em que se inscrevem para agir segundo as alterações que propõem, segundo “à correlação de forças, etc”.

Evidente que em qualquer gama de relações, certos agentes, por capacidade organizacional ou respeitabilidade já adquirida previamente, são mais capazes de tomar essa posição de direção imanente. De qualquer forma, contudo, a ideia é que não haja posições pré-definidas que lhes garantam tal estatuto. O diretor-imanente deve conquistar continuamente essa posição a partir de suas ações, o que significa que é um agente instável por definição. Ou seja, tendo o foco mais nas *ações* do que nas *identidades* de certos sujeitos em posições firmemente estabelecidas. Nunes descreve o caso do movimento que se inicia em 2011 em Madrid, que a partir de certas *ações* se propaga vertiginosamente e chega a ser nomeado. Quando em Madrid 40 pessoas decidiram ocupar a Praça Puerta del Sol com suas barracas, após a manifestação do dia 15 de maio de 2011, talvez sem consciência

¹⁴ Autoria anônima. Como ocupar uma escola? 2012. *O mal educado*, São Paulo, out. 2015. Disponível em: <<https://gremiolivre.files.wordpress.com/2015/10/como-ocupar-um-colc3a9gio.pdf>> Acessado em 03 de março de 2017. Trad. *O mal educado*.

prévia, efetivaram uma função de liderança do movimento. O gesto logo foi seguido por milhares de pessoas em Madrid e por toda a Espanha. Não se tratava de uma liderança instituída que a partir de certos mecanismos de poder poderia impor algo, mas da capacidade de contágio. O Comitê Invisível, coletivo de autores anônimos, ao comentar as ocupações espanholas e o Occupy Wall Street, também realizado em 2011, sintetizou claramente o modo de efetivação deste tipo de liderança: “As decisões vingavam ou não, elas nunca eram tomadas”¹⁵.

No Rio de Janeiro, o grupo de indivíduos que vestia majoritariamente roupas pretas e realizava ações diretas (por certos pontos de vista concebidas como “vandalismo”), também reconhecido como Black Bloc, apresenta um exemplo curioso de experimento desta função. Demonstraram uma grande capacidade de mobilização apesar de não disporem de um histórico conhecido de lutas na cidade e nem de uma organização marcada por um processo rigoroso com etapas clássicas como tomada de decisões em assembléias. Vale salientar, inclusive, que até hoje atuam nas redes sociais denunciando a violência policial nas periferias e nos protestos e reivindicando melhorias nos serviços públicos. A página do Black Bloc Rio no Facebook tem hoje 96.207 seguidores, outras páginas do grupo na cidade também contam com números expressivos: “Black Bloc de verdade” com 2.784, “Black Bloc” com 7.825, “Black Bloc RJ Centro” com 5.649. Há ainda outras páginas do Black Bloc em cidades vizinhas e ao redor do país, como o “Black Bloc Romântico”, de São Paulo, com 2.491, que apresenta um tom humorado, mas tende a propagar as mesmas causas¹⁶. Trata-se de números atentáveis, sobretudo, se levarmos em consideração o fato de que esses gestores não investem dinheiro para que as postagens se ampliem automaticamente, como permitido e estimulado nesta rede. Suas publicações alcançam uma adesão espontânea a partir da propagação por indivíduos que se identificam e divulgam estes conteúdos. Atualmente, estas páginas têm se destacado ao divulgarem ou mesmo proporem atos contra a legitimidade do presidente Michel Temer e as reformas propostas pelo seu governo, que tendem a retroceder nos direitos dos trabalhadores e nos investimentos pela qualidade e ampliação dos serviços públicos. Embora setores tradicionais da mídia tenham tentado destacar alguns arbitrariamente, não há ainda

¹⁵ COMITÊ INVISÍVEL., A os nossos amigos: crise e insurreição, 2016, p.71

¹⁶ Pesquisa realizada no dia 29/12/2016 através do perfil da autora nesta rede social.

um indivíduo marcado como liderança declarada dos Black Blocs. Os gestores destas páginas são anônimos e, por isso, não se sabe o quanto são mutáveis.

É possível verificar nessas novas práticas, uma clara *tensão* entre expressão e representação. Assim como seria simplificador pensar horizontalidade e verticalidade como vetores de organização totalmente opostos, também não cabe criar uma dicotomia dura entre movimentos (ou sistemas-rede) calcados na representação ou na expressão. Mais interessante seria verificar tendências, para qual dos pólos os sistemas-rede se inclinam mais ou menos. A identificação destas tendências é crucial para construir um olhar acerca dos acontecimentos políticos, os modos de organização e subjetivação que implicam e suas possibilidades de reverberações para além dos atos pontuais realizados nas manifestações de rua.

A representação seria marcada por determinar formas estáticas para as relações, enquanto que o campo das expressões se liga a processos e movimentações dinâmicas. As relações entre os dois pólos podem ocorrer em qualquer tipo de movimento político. Os sistemas-rede podem valorizar o foco na expressividade como vetor que evita a culminação de um processo na estabilidade da representação. Já um sistema representativo pode agir no sentido de se manter, em alguma medida, aberto às expressões e assim se autodesfazer; ou, pelo contrário, desmanchar a possibilidade de expressão culminando em uma representação fechada a intervenções exteriores, que cristalizaria certas relações de poder. São variações mais de grau do que de natureza. Nunes observa esta oscilação entre expressividade e representatividade na ação do grupo de atores variáveis que ficou conhecido com o nome de Black Bloc a partir de junho de 2013 no Rio de Janeiro. É um exemplo especial uma vez que se trata de um grupo que mencionava declarada e reiteradamente uma recusa à ideia de representação:

Eles expressaram o desejo de muitos outros militantes, não necessariamente praticantes dessa tática, de seguir ocupando as ruas e manter aberta a brecha que junho criara. Ao mesmo tempo, porém, para os meios de comunicação, para boa parte da população e mesmo para muitos que estiveram antes nas ruas, a prática Black Bloc passou a ser cada vez mais representativa daquilo que os protestos haviam se tornado (...). A relação expressiva dos Black Blocs com outros setores do movimento teve seu ponto alto na greve dos professores municipais, em que seu apoio à luta dos docentes foi crucial e lhes conferiu em troca uma nova legitimidade,

além de abrir possibilidades inéditas de diálogo. Esse momento, contudo, foi interrompido pela pesada repressão à manifestação do Dia dos Professores, a maior vista desde o auge dos protestos de junho, abortando as novas possibilidades ali sinalizadas.¹⁷

Quando algum agente se estabiliza como diretor do movimento, isso caracterizaria uma inclinação à representação. Este passaria a representar os demais. É o que parecia estar se esboçando com os Black Blocs, apesar de serem um grupo de anônimos, a não ser pelo desvio mencionado nesta breve descrição de Nunes. Naquele momento, em outubro, cerca de quatro meses após o início de suas aparições, o grupo se rearticulou em função de uma tomada de direção das manifestações pelos professores em greve. Em uma das manifestações realizadas em outubro com coordenação marcante dos professores, um dos docentes, ao assumir o microfone de um carro de som situado na Praça Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro, afirma que os Black Blocs estão lá para lhes dar apoio e que estão perguntando se devem ficar na praça ou seguir para Cinelândia. A multidão ao redor do carro, majoritariamente composta pelos professores, decide que devem ir para a Avenida Rio Branco. Os Black Blocs seguem para lá obedecendo a demanda. Portanto, manter o campo da expressão aberto significa exercer a direção somente enquanto devir. Quando a política está ligada ao campo expressivo, não se é uma liderança, mas se devém líder. Ou seja, a liderança passa a ser compreendida como algo que nunca se cristaliza em uma forma fixa, em uma posição adquirida de antemão, mas que se constitui sempre em relação. Configura-se aí um esboço inicial de resposta à pergunta zapatista: como “mandar obedecendo”? Conversando com essa interrogação, podemos então nos indagar: como, mais do que representar, expressar desejos e demandas coletivas?

Um encaminhamento possível desta resposta deve seguir na exploração do embate entre expressão e representação. Quando se age por expressão não se tem como objetivo *realizar* um projeto de possíveis já visíveis, mas *atualizar* um campo de virtualidades. A recusa à realização não significa um afastamento do real, mas um afastamento da ação por representação. É justamente o contrário, trata-se de abrir uma escuta às modulações emaranhadas no real, ao invés de tentar impor surdamente algo sobre o real. Aquele que age a fim de realizar algo

¹⁷ Apud: NUNES, R., Anônimo, vanguarda, imperceptível, 2016, n.p.

procura moldar o real, entendido como matéria inerte, de acordo com uma intencionalidade racional, com o intuito de nele concretizar suas imagens pré-concebidas. Já o que age por atualizações, o faz a partir do desejo de dar corpo a potenciais latentes, percebidos sensivelmente, levando em consideração o campo de forças já de algum modo inscrito no real. Esse agente é capaz de criar com elas a produção de uma realidade antes inimaginável, o que não significa que fosse inconcretizável.

Peter Pál Pelbart, ao comentar o evento que conseguiu “de uma maneira inédita manifestar a potência multitudinária que prolongou o que de melhor houve em 2013”¹⁸, as ocupações dos estudantes secundaristas em São Paulo, assinala a importância da imaginação para a política. Os estudantes, mais do que conquistar a efetuação de uma pauta específica, ao impedirem uma reforma autoritária e prejudicial às escolas proposta pelo então governador do Estado, segundo Pál Pelbart, destravaram a imaginação como elemento chave da ação política:

A imaginação política não é uma esfera sonhadora e desconectada da realidade, ao contrário, é precisamente a capacidade de se conectar com as forças reais que estão presentes numa situação dada, as forças do entorno, mas também as forças vossas.¹⁹

Representa-se aquilo que se pode projetar, visualizar, previamente. Se o real extrapola o campo limitado dos possíveis já visíveis, mas acumula potenciais em camadas de virtualidades nem sempre visíveis, o campo da expressão pode apresentar possibilidades de criação e pensamento que extrapolam o campo da representação. Pode parecer um desvio a uma concepção mais pragmática da política, levando-a a uma concepção quase etérea do real. Contudo, o que se percebe é o oposto, trata-se de uma abordagem que busca escapar de um pensamento transcendente para se aproximar de uma imanência. Não se trata, mais uma vez, de opor os dois pólos, mais de verificar diferenças de grau entre o campo da expressão e o da representação.

O inantecipável é uma característica marcante de manifestações iniciadas em junho de 2013, bem expressas nesse exemplo de encontro inesperado entre grupos de tendência sindical, mais ligados ao pólo da representatividade, os pro-

¹⁸PÁL PELBART, P. Carta aberta aos secundaristas. *Outras Palavras*, mai. 2016. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/brasil/pelbart-tudo-o-que-muda-com-os-secundaristas/>> Acesso em: 28 nov. 2016.

¹⁹ Ibid., n. p.

fessores grevistas, e grupos marcados por táticas de ação direta, mais ligados ao pólo da expressividade, os chamados Black Blocs. Para o Comitê Invisível é justo nos encontros inesperados, momentos férteis para liberação de imaginação política, que reside um acontecimento político. É importante distinguir o acontecimento de certas representações que se fazem dele e minam suas peculiaridades:

Aí reside o acontecimento: não no fenômeno midiático que se forjou para vampirizar a revolta através de sua celebração exterior, mas nos encontros que efetivamente ali se produziram. Eis o que é bem menos espetacular do que ‘o movimento’ ou ‘a revolução’, mas muito mais decisivo. Ninguém pode antecipar a potência de um encontro.

É dessa forma que as insurreições se prolongam, molecularmente, imperceptivelmente, na vida dos bairros, dos coletivos, das ocupações, dos centros sociais, dos seres singulares, no Brasil como na Espanha, no Chile como na Grécia.²⁰

Esta perspectiva de “ativismo de código aberto”, ou de uma ação política mais ligada à expressividade, remete à compreensão dos meios e agentes das ações enquanto produzidos por/produtores de *acontecimento*, compreendido como “estado instável”. Esta noção foi assim elaborada por Gilles Deleuze e Félix Guatarri ao relacionarem o conceito às manifestações realizadas por jovens no ano de 1968 em Paris, em pequeno artigo intitulado *Maio de 1968 não ocorreu*, publicado inicialmente em maio de 1984 em revista francesa:

O próprio acontecimento, por mais que seja antigo, não se deixa ultrapassar: ele é abertura de possível. Ele passa no interior dos indivíduos tanto quanto na espessura de uma sociedade. (...) O acontecimento cria uma nova existência, ele produz uma nova subjetividade (novos entrelaços com o corpo, o tempo, a sexualidade, o meio [milieu], a cultura, o trabalho...).²¹

Se um *acontecimento* dispara novos possíveis, significa que não é algo a ser previsto ou realizado. Não se pode prever exatamente nem *quem* realizaria o acontecimento, uma vez que suas ações criam um território de novos possíveis que reverbera necessariamente em mutações nos modos de subjetivação, alterando cada agente a partir das relações intensivas. Dessa forma, o acontecimento pode

²⁰ COMITÊ INVISÍVEL, *Aos nossos amigos – crise e insurreição*, 2016, p. 52.

²¹ DELEUZE, G.; GUATTARI, F., *Maio de 60 não ocorreu* (p. 245-248) in *Dois regimes de loucos*, textos e entrevistas (1975-1995). 2016, p. 245-246.

ocorrer numa temporalidade difusa, atualizar-se de modos diferentes em indivíduos distintos, de forma que ele “segue acontecendo”²² O acontecimento é definitivamente algo que impacta a linguagem, por isso é fundamental compreender que certas relações com a linguagem são mais aptas a deixá-lo passar do que outras. Contudo, é importante frisar que ele extrapola um dualismo linguagem/mundo. Passa tanto pela linguagem como pelo mundo, simultaneamente, alterando os dois termos e suas imbricações. Sobre esse aspecto vale a longa citação de Zourabichvili:

O paradoxo do acontecimento é tal que, puramente ‘exprimível’, nem por isso deixa de ser ‘atributo’ do mundo e de seus estados de coisas, de modo que o dualismo da proposição e do estado de coisas correspondente não se acha no plano do acontecimento, que só subsiste na linguagem ao pertencer ao mundo. O acontecimento está, portanto dos dois lados ao mesmo tempo, como aquilo que, na linguagem, distingue-se da proposição, e aquilo que, no mundo, distingue-se dos estados de coisas. Melhor: de um lado, ele é o duplo diferenciante das significações; de outro, das coisas.²³

Um acontecimento, portanto, se fechado sob um significado que o representante, talvez deixe de seguir acontecendo. Há de se manter aberto seu caráter diferenciante, multiplicador de agências.

Antitaxonomista assim como antiessencialista, uma teoria das multiplicidades busca escapar de atividades fundamentais da metafísica tradicional, resistindo a relações por oposição, analogia ou identidade. Em outros termos, esquiva-se “às categorias tipológicas da semelhança”²⁴, assim como se esquiva das noções de substância e sujeito ao esboçar tentativas de pensar através de singularidades intensivas, que podem se contagiar, mas não se fundir. Para Viveiros de Castro:

As intenções filosófico-políticas dessa decisão são claras: transformar a multiplicidade em conceito e o conceito em multiplicidade visa cortar o vínculo natal entre o conceito e o poder, em outras palavras, entre a filosofia e o Estado.²⁵

²² NUNES, R., *Anônimo, vanguarda, imperceptível*, 2016, n.p.

²³ ZOURABICHVILI, F. *O vocabulário de Deleuze*, 2004, p. 7

²⁴ VIVEIROS DE CASTRO, E. *Metafísicas Canibais*, 2015, p. 116

²⁵ VIVEIROS DE CASTRO, E. *Metafísicas Canibais*, 2015, p. 116

Ou seja, o conceito de acontecimento assim pensado escapa ao pensamento dualista, que recusa a multiplicidade, próprio da forma Estado. Por isso, é mais propício para se pensar modos de organização em rede e que tendam mais ao campo da expressividade. Em contrapartida, pode oferecer conexões do tipo *síntese disjuntiva*, um modo de relação do qual não se espera conexão absoluta de termos, mas justamente uma distância.

É a distância, essa diferença irrevogável entre os termos que os provoca devires, ou seja, os desestabiliza sem os fundir. Daí a importância deste tipo de relação pelo qual a diferença não se deixa capturar pelo “atrator circular da contradição e superação dialéticas”²⁶. Mas a diferença mesma pode agir como meio de contágio entre heterogêneos, como motor do encontro.

Deleuze, em breve ensaio intitulado *O que a voz traz ao texto*, inicialmente publicado em 1987, verifica como os conceitos são atualizáveis de diferentes modos em diferentes momentos, o que refuta a ideia de que seriam absolutamente fixos e abstratos. O autor verifica como, numa explicação, ou mera leitura, uma voz pode trazer novas percepções e afectos que passam a “rodear”²⁷ o conceito, que é afinal, uma multiplicidade. Por isso, também no uso dos conceitos a diferença age no momento da enunciação e dela deriva o potencial de contaminação.

Dessa forma, segundo o autor, a “trindade filosófica”²⁸ se completa quando os conceitos se articulam com perceptos e afectos e é por isso que uma filosofia pressupõe um modo de percepção para ser apreendida: “E os conceitos são outros-sim inseparáveis de afectos, de novas maneiras de sentir, todo um *páthos*, alegria e cólera (...)”²⁹. Ou seja, um *acontecimento*, seja ele no âmbito das insurreições ou no âmbito da filosofia, implica sempre um modo de perceber que passa por afectos e perceptos específicos. Nos modos de organização políticos recentes há um tensionamento do modo dominante de subjetivação, que passa por uma percepção específica, mais ligada à expressividade. Portanto, para que reverberem e *aconteçam* enquanto pensamento, precisam adquirir uma dicção que abale os modos dominantes de pensar e possam assim sustentar os afectos e perceptos que emanam dessas experiências coletivas.

²⁶ Ibidem.

²⁷ DELEUZE, G. O que a voz traz ao texto (344-345) in *Dois regimes de loucos*, textos e entrevistas (1975-1995), 2016, p.344.

²⁸ Ibid., p.344.

²⁹ Ibid., p.344.

2.2

A percepção em disputa: como manter o acontecimento vivo?

Aos nossos amigos — crise e insurreição é um livro que parece reconhecer a importância da percepção dos *acontecimentos* e se esboça como um encaminhamento de resposta sobre como disputá-la diante das articulações discursivas a partir das quais o *acontecimento* não pode “seguir acontecendo”. Lançado em 2014, com autoria coletiva, é assinado pelo Comitê Invisível. Esse livro específico foi editado simultaneamente em oito línguas e publicado em quatro continentes diferentes. Cada capítulo tem como ponto de partida uma pixação anônima em alguma cidade que tenha passado por um acontecimento insurrecional recente. Os vestígios de anônimos são atualizados por outros anônimos. Integrantes do Comitê viajaram pelo mundo e participaram de diferentes levantes desde Atenas em 2008 até 2014, quando o livro é editado. Neste emaranhado, pincelam alguns comentários sobre junho de 2013. Alguns dos membros foram mortos e outros presos. Afirmam:

Se organizar nunca quis dizer se filiar a uma mesma organização. Se organizar é agir segundo uma percepção comum, em qualquer nível que seja. (...) O que nos falta é uma percepção partilhada da situação. Sem essa ligatura, os gestos se apagam no nada e sem deixar vestígios.³⁰

Uma percepção compartilhada é fundamental para a ocorrência do que Nunes chamou de direções imanentes. O grupo que ficou conhecido como Black Bloc, no caso brasileiro recente, por exemplo, se não tem uma liderança ou posição que possa impor algo, só ganha adesão às suas ações à medida que consegue tocar a percepção dos indivíduos, seja passando a realizar os atos que propõe, compartilhando suas demandas pelas redes sociais ou apoiando-os de qualquer outro modo. O interessante desta perspectiva de organização é remeter a uma concepção de política que envolve como fator capital os processos de subjetivação, uma vez que a percepção passa pelos perceptos e afectos que constituem a sensibilidade de um indivíduo. Prefigura-se uma linha de mão dupla entre ação política e

³⁰ COMITÊ INVISÍVEL. *Aos nossos amigos — crise e insurreição*. 2015, p. 286.

subjetivação. Uma mudança em um desses âmbitos implica (ou deveria implicar) alteração no outro.

Assumir o processo imanente é assumir o próprio ato político como construção de ferramentas úteis para a constituição de outras formas de vida, não apenas como o caminho neutro, pré-estabelecido para se atingir um fim, como se pudesse um levante ser a linha demarcatória simples entre um mundo de antes e um mundo de depois. Compreender o levante como processo significa saber recolher as pequenas ferramentas que cria:

Não é o povo que produz o levante, é o levante que produz o povo, suscitando a experiência e a inteligência comuns, o tecido humano e a linguagem da vida real, que haviam desaparecido. Se as insurreições do passado prometiam uma nova vida, as insurreições contemporâneas fornecem as ferramentas.³¹

Se não colocam um “programa político em marcha”, mas “devires-revolucionários em ação”³², não significa que os levantes estejam condenados a uma efemeridade vazia que se esvai depois do ato. Um anônimo do Comitê Invisível afirma que “o que se viveu brilha de tal forma que aqueles que o experienciaram se tornam fiéis, não querem se separar disso”³³. Isto não significa se ater a repetição de uma forma para tentar reconstituir a potência dos encontros proporcionados por um levante, como aquela mencionada por Nunes quando professores e jovens marginalizados que compartilhavam a tática Black Bloc se uniram, mas “de fato construir o que agora *faz falta a sua vida de antes*”³⁴. E esta construção certamente passará por uma construção perceptiva, apresentada em certas singularidades que fazem variar tanto o mundo como a linguagem, simultaneamente.

Numa quinta-feira de abril de 2016, estava na escola ocupada no Rio de Janeiro, a Amaro Cavalcanti, quando uns meninos vieram pulando avisando que estudantes do movimento das ocupações também tinham acabado de ocupar a SEDUC (Secretaria Estadual de Educação). Cortaram logo uns panos para amarrar no rosto caso precisassem se defender do gás lacrimogêneo. Eu perguntei se eles fariam resistência caso a polícia chegasse. Um deles (antes de sair correndo porque gritaram que o BOPE já estava por lá) respondeu: “Resistência? Resistência é

³¹ COMITÊ INVISÍVEL. *Aos nossos amigos – crise e insurreição*, 2016, p.52

³² Ibid., p.52.

³³ Ibid., p. 52

³⁴ Ibid., p. 52-53

nós!!” Perguntei se eles participaram das ações diretas realizadas nas manifestações de 2013. Um deles responde que não porque ainda “não tinha idade”, mas que acha que aquilo ficou no “subconsciente”. Outro, afirmou ter participado, praticado a tática Black Block e aparecido no jornal “fazendo merda”. Os meninos vestiram seus casacos com capuz e amarraram os panos no pescoço, saíram prontos para se tornarem anônimos, caso necessário. Gritavam “uh, uh, uh”, canto expressivo, mais do que representativo de algum significado, comumente entoado em 2013 pelo grupo que ficou conhecido por Black Bloc nos momentos de conflito, e seguiram para dar continuidade a uma luta por uma educação pública de qualidade, para construir novas possibilidades de futuro (brevemente estancadas com a repressão da greve dos professores em 2013). Em 2013, os professores protagonizavam a luta por uma educação de qualidade, agora os alunos assumiam esta “direção imanente” com as ocupações e potente reverberação midiática de que têm sido capazes. Peter Pál Pelbart afirmaria em sua *Carta Aberta aos Secundaristas*, em maio deste mesmo ano, que: “contra o teatro esgotado da velha política, vocês reacendem a potência do desejo, da ruptura e do dissenso”³⁵. Pelbart segue conectando as ocupações a acontecimentos anteriores pela via do desejo, algo que pode proliferar imperceptível e impessoalmente:

Reivindicações podem ser satisfeitas, mas o desejo obedece a outra lógica – ele tende à expansão, ele se espraia, contagia, prolifera, se multiplica e se reinventa à medida em que se conecta com outros. Falamos de um desejo coletivo, onde se tem imenso prazer em ocupar coletivamente um espaço antes policiado, em ir à rua juntos, em sentir a pulsação multitudinária, em cruzar a diversidade de vozes e corpos, sexos e tipos, e apreender um “comum” que tem a ver com as redes, com as redes sociais, com a conexão produtiva entre os circuitos vários, com a inteligência coletiva, com uma sensorialidade ampliada, com a certeza de que a escola deveria ser o coração de uma sociedade, e não seu apêndice agonizante, assim como em 2013 alguns sustentaram que o transporte em São Paulo deveria ser um bem comum, assim como na Turquia os jovens consideraram que o verde da Praça Taksim em Istambul era comum, assim como o deveria ser a água, a terra, a internet, as informações, os códigos, os saberes, a cidade, de modo que toda espécie de privatização e *enclosure* na

³⁵ PÉLPART, Peter Pál. Carta aberta aos secundaristas. 2016, n.p.

sua versão atual constitui um atentado às condições da produção contemporânea, que requer cada vez mais o livre compartilhamento do comum. Tornar cada vez mais comum o que é comum – outrora alguns chamaram isso de comunismo. Um comunismo do desejo. A expressão soa hoje como um atentado ao pudor. Mas é a expropriação do comum pelos mecanismos de poder que ataca e depaupera capilarmente aquilo que é a fonte e a matéria mesma do contemporâneo – a vida (em) comum, a inteligência comum.³⁶

O interessante no encadeamento de *acontecimentos* políticos proposto por Pelpart, passando por junho de 2013, pelas escolas e pela Praça de Taskim, é que o fio conectivo escolhido pelo filósofo não passa por “reivindicações” que podem ser satisfeitas, *realizadas*, mas pela ação do desejo. Ou seja, ao invés de eleger elementos representáveis, ele convoca justamente o irrepresentável, a produção desejante. O desejo não é a materialização de um objeto pré-existente, representável, que falta, mas a produção de algo. Ele pode ser expresso, mas não representado. O desejo, se observado a partir da ótica deleuziana, não remete à interioridade de um sujeito, nem ao menos à cena familiar. Não se deseja algo sozinho, desejam-se conjuntos e *em* conjunto. A produção desejante atravessa como é atravessada pelo *socius*, modificando sua paisagem. É possível desejar algo antes inimaginável, justamente porque o desejo é construtivista, não se atém aos limites do já criado:

Proust disse, e é bonito em Proust: não desejo uma mulher, desejo também uma paisagem envolta nessa mulher, paisagem que posso não conhecer, que pressinto e enquanto não tiver desenrolado a paisagem que a envolve, não ficarei contente, ou seja, meu desejo não terminará, ficará insatisfeito.³⁷

O desejo propõe também a criação do que ainda não existe, seja uma nova paisagem ou uma nova forma de organizar o comum. O desejo é sempre já coletivo, uma vez que é encadeador de agenciamentos. Por isso é possível afirmar que uma organização dos levantes contemporâneos passa, sobretudo, pela construção

³⁶ PÉLPART, Peter Pál. Carta aberta aos secundaristas, 2016, n. p.

³⁷ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze, avec Claire Parnet*, Pierre-André Boutang (dir.), Video Editions Montparnasse, 1996. Utilizo aqui a tradução e transcrição integral do vídeo, para fins didáticos, disponibilizada pela Escola Nômade de Filosofia em: <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>, acesso em 14/08/2016.

de uma maneira de perceber em comum, construção essa que permite contágios desejantes. Se “Todo agenciamento implica estilos de enunciação”³⁸, reconhecer esses estilos é fundamental para que eles possam ser ouvidos. Experimentar as produções desejantes exige uma sensibilidade atenta ao seu modo de enunciação; tentar interpretá-lo a partir de categorias prévias pode levar a sua desapareição. Se, como afirmou o Comitê Invisível, sem uma ligatura perceptiva “os gestos se apagam no nada e sem deixar vestígios”³⁹, é necessário forjá-la antes que os levantes contemporâneos, para além de não se conectarem entre si, sejam esquecidos e tenham assim os possíveis que liberaram dizimados, deixem de “seguir acontecendo”.

Para compreender melhor como uma diferente percepção pode alterar radicalmente a avaliação do campo de possíveis que um acontecimento libera, contrastarei a seguir dois pontos de vista bem distintos acerca das manifestações de 2013. Um deles é o do Rodrigo Nunes, cujo pensamento acerca da tentativa de criar organizações pautadas mais pela expressividade do que pela representatividade foi brevemente apresentado. O outro é de um cientista político que busca compreender as manifestações de junho de 2013 a partir de fatores representáveis, Jessé Souza, cuja análise é apresentada no livro *A radiografia do golpe, entenda como você foi enganado*, de 2016⁴⁰. Não cabe aqui assinalar a perspectiva mais verdadeira, ou a melhor construída sob algum critério hierárquico, mas apenas demonstrar o quanto as diferentes perspectivas fazem variar o acontecimento, a ponto de potencializá-lo, ou mesmo, soterrá-lo.

2.3

2013 como multiplicidade dos modos de organização política e expressões desejantes

Rodrigo Nunes, nos artigos de 2014, *Juin n'est pas fini, Geração, acontecimento, perspectiva – Pensar a mudança a partir do Brasil* e na entrevista de

³⁸ Ibid., n.p.

³⁹ COMITÊ INVISÍVEL, Aos nossos amigos – crise e insurreição, 2015., p. 286

⁴⁰ O autor comenta o assunto especificamente no capítulo *O golpe “legal” e a construção da farsa*, cuja subdivisão *O ovo da serpente as manifestações de junho de 2013 e a construção da “base popular” do golpe* se atém mais com mais precisão ao tema.

2016 *Vai ter luto e luta, ou não vai ter nada*⁴¹ analisa os manifestantes que saíram às ruas entre junho de 2013 e outubro do mesmo ano dividindo-os em quatro grupos, ligados a diferentes escalas temporais. Esses grupos se separam mais por suas experiências políticas, do que por faixa etária. Há um primeiro grupo constituído por jovens urbanos da “classe média precarizada” ou “nova classe média”. São jovens que passam a ter consciência política quando o PT já está no poder e tendem a desconfiar dos modos tradicionais de organização política, sendo refratários à lógica representativa. Estes jovens têm como principal meio de divulgação de suas demandas as redes sociais e agem mais por contágio mimético do que por ação coordenada. Assim, formam a geração que mais precisamente se liga às insurgências mundiais ocorridas nos últimos anos, aqui já brevemente mencionadas. Como já se disse, numa escala internacional, Nunes verifica, assim como Peter Pál Pelbart e o Comitê Invisível, conexões entre a série de insurgências ocorridas ao redor do mundo nos últimos anos e as manifestações iniciadas em junho de 2013, com as quais compartilham certos modos de organização acima expostos.

Vale destacar também que o movimento de ocupações de praças, simbolizados pelo grupo do 15M na Espanha e pelo Occupy Wall Street também chegou a diversas cidades brasileiras tendo as praças sido um espaço de encontro, convivência e realização de debates entre moradores de rua, estudantes secundaristas, universitários, artistas e participantes de movimentos sociais. No Rio de Janeiro, os líderes comunitários da Vila Autódromo, que lutavam contra a remoção de suas casas, a ser promovida em prol de obras ligadas a Copa do Mundo e às Olimpíadas alcançaram ali um espaço de escuta e amplificação de suas vozes.

Já em escala mais estritamente nacional, também há uma história de lutas que se atualizam e ganham maior visibilidade a partir de Junho de 2013. Em abril de 2014 uma edição da revista francesa *Les Temps Modernes*, foi dedicada a pensar este evento. Segundo o editorial, tratou-se de “um movimento social de amplitude considerável que surpreende não só os comentaristas, mas também os atores”⁴². Se o evento aparece como um acontecimento para diversos teóricos, com

⁴¹ NUNES, Rodrigo. Vai ter luto e luta ou não vai ter nada. *IHU*, 08 de maio de 2016. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/554559-vai-ter-luto-e-luta-ou-nao-vai-ter-nada-ou-seja-a-fortuna-existe-sera-preciso-ter-virtu-entrevista-especial-com-rodrigo-nunes> > Acessado em 20 de novembro de 2016.

⁴² *Les Temps Modernes*, n. 678, 2014, p.3. Tradução minha, as demais que seguem são minhas. No

um teor imprevisível e intempestivo, não é impossível remeter posteriormente a uma pequena genealogia de constituição desta geração que aí parece emergir de supetão. Nunes remonta esta constituição a pelo menos uma década de engajamentos contínuos. Considero importante aqui frisar a expressão que o autor usa para iniciar a sua descrição deste breve histórico: “Quem estivesse atento teria podido observar”⁴³. Este sutil aviso já indica um certo grau de invisibilidade a que essas mobilizações estavam submetidas — não era qualquer pessoa que as podia observar isto exigia uma atenção especial, exigia um (ou alguns) ponto de vista específico para serem observadas. Segue sua breve descrição:

Quem estivesse atento teria podido observar uma proliferação de protestos e mobilizações nos últimos anos: contra as remoções de comunidades pobres causadas pelos megaeventos esportivos e pela especulação imobiliária desenfreada; contra a expansão da fronteira agrícola e de grandes projetos de energia e mineração sobre terras indígenas e os ataques aos direitos e à integridade física destes povos; contra a tomada de posição inequívoca do governo a favor de um modelo de desenvolvimento no qual as questões ambientais são consideradas como meros obstáculos ou, no melhor dos casos, como um verniz retórico; contra as concessões do PT ao conservadorismo social de certas forças que compõem a coalizão de governo, negociando com temas que são bandeiras históricas do partido, como os direitos reprodutivos e de orientação sexual; e, finalmente, uma grande revolta operária na obra da central hidrelétrica de Jirau, na Amazônia.⁴⁴

Esta geração não se forma sem constituir uma sensibilidade específica:

Sua especificidade decorre de acontecimentos e experiências coletivas em torno das quais foram formadas maneiras qualitativamente diferentes de sentir, de perceber, de pensar, logo também, de fazer cálculos políticos.⁴⁵

original: “un mouvement social d’une ampleur considérable, qui surprend non seulement les commentateurs, mais aussi les acteurs”.

⁴³ NUNES, Rodrigo. Geração, acontecimento, perspectiva, pensar a mudança a partir do Brasil. *NUEVA SOCIEDAD*, 2014a, p. 17

⁴⁴ *Ibid.*, p. 17-18.

⁴⁵ NUNES, Rodrigo. Juin n’est pas fini. *Les Temps Modernes*, n. 678, 2014b. As traduções desse artigo são minhas, no original: “Sa spécificité découle d’événements et d’expériences collectives autour desquels se sont formées des façons qualitativement différentes de sentir, de percevoir, de penser, donc aussi de faire de calculs politiques.”

Todas essas lutas, de certa forma, aparecem em junho de 2013, quando as manifestações contra o aumento das passagens desembocam também na expressão de demanda por melhoria nos serviços públicos como um todo e no descontentamento com as consequências da organização dos mega eventos, além de uma crítica à conduta extremamente violenta da Polícia Militar e uma recusa à ascensão do conservadorismo na classe política brasileira⁴⁶.

Um segundo grupo, com interesses contíguos a este primeiro, remete a uma geração que participou da criação do PT e dos movimentos sociais que lhe foram contemporâneos, como o MST. São atores que têm se posicionado à esquerda do PT, de fora ou no seu interior, mas ainda compartilham as formas tradicionais de organização política. Muitos destes filiaram-se aos partidos de esquerda que tem início como desdobramentos do PT, como o PSOL. Este grupo, composto por dissidentes à esquerda do PT e antigos movimentos sociais, segundo Nunes, tem ligação estreita com o período de redemocratização brasileiro, quando estas organizações começaram a aparecer e tiveram um período de intensa mobilização, depois entravados pela crise dos anos 1980 e pelas reformas neoliberais. O Movimento Passe Livre (MPL), grande vetor do início das manifestações, fundado em 2005, é um exemplo interessante de combinação de práticas tradicionais de movimentos sociais, com um forte trabalho de base; e os novos anseios de organização política, o que se verifica a partir da busca por uma horizontalidade na distribuição de sua organização interna, sem grandes lideranças destacadas. São esses dois grupos, os ligados às recentes insurreições mundiais e os ligados ao período da redemocratização que formam a primeira fase dos protestos de junho. Esta fase é marcada pelos protestos convocados pelo MPL contra o aumento das passagens, de 06 de junho a 13 de junho.

Já a segunda fase dos protestos de junho, marcada pelos dias 17 a 20 desse mês, quando o número de manifestantes aumenta vertiginosamente, passa a contar com novos agentes que não substituem, mas se somam (mesmo que de forma antagônica) aos anteriores. Esses compõem um terceiro grupo, desta vez, bem distinto dos anteriores. Trata-se de um perfil de manifestantes que remete ao período do

⁴⁶ Quanto a este último ponto, vale destacar a Macha das Vadias, que em 2013 ganha mais adeptos do que nos outros anos. Na ocasião da visita do Papa ao Rio de Janeiro para o evento católico Jornada Mundial Juventude esse grupo confrontou os religiosos com demandas pró-aborto e pelo respeito à expressão dos corpos trans e homossexuais.

Mensalão, quando, pelo enfoque dado pela grande mídia, é criado um imaginário que associa a corrupção majoritariamente, ou quase estritamente, ao PT. Esse grupo apresentava como pauta basicamente o tema da anticorrupção. Enquanto os outros grupos são críticos ao governo, esse último é realmente contra o governo. Com a entrada desse grupo, há uma mudança na cobertura midiática hegemônica. Se antes seus formadores de opinião e reportagens destacavam a necessidade de repressão policial, agora começavam a valorizar a importância das manifestações.

No entanto, há ainda uma terceira fase dos protestos, que se inicia depois do dia 20, após a diminuição das passagens. É patente a distinção desta para com a segunda fase, de maior quantidade e heterogeneidade de indivíduos nas ruas. Essa terceira fase tem um diálogo profundo com uma quarta escala temporal a ser aqui elencada, liga-se a uma história mais profunda do país, marcada pelos:

Dispositivos de segregação social e racial herdados do período colonial, a maneira como o Estado reproduz sistematicamente a divisão entre cidadãos de primeira e de segunda classe, a impermeabilidade do sistema político, os mecanismos pelos quais estes antagonismos são mascarados e rejeitados. O processo começado em junho jogou sobre esta história novas luzes.⁴⁷

Esta terceira fase dos protestos se propaga especialmente na cidade do Rio de Janeiro, na qual esta quarta escala temporal demonstra-se claramente em certas reações à depredação de uma loja de roupas no Leblon:

A de dois pesos duas medidas na reação do governo e da mídia, que explica, por exemplo, que o saque de uma loja num bairro rico do Rio tenha atraído muito mais atenção que o massacre de dez pessoas pelas forças de segurança numa favela da mesma cidade.⁴⁸

Nessa fase é possível destacar a agência dos Black Blocs. Este grupo, como demonstra pesquisa publicada posteriormente⁴⁹, é formado majoritariamente

⁴⁷ NUNES, R. *Juin n'est pas fini*. 2014, p. 13. No original: “dispositifs de ségrégation sociale e raciale hérités de la période coloniale, la manière dont l'État reproduit systématiquement la division entre citoyens de première et de deuxième classe, l'imperméabilité du système politique, les mécanismes par lesquels ces antagonismes sont masqués et désavoués. Le procès commencé en juin a jeté sur cette histoire de nouvelles lumières.”

⁴⁸ NUNES, R. *Juin n'est pas fini*. 2014, p. 13. No original: “celle du deux poids deux mesures dans la réaction du gouvernement et de médias, qui explique, par exemple que le saccage d'un magasin dans un quartier riche de Rio ait attiré beaucoup d'attention que le massacre de dix personnes par les forces de sécurité dans une favela de la même ville”

⁴⁹ *Mascarados: A verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc* livro de Esther Solano, Bruno Paes Manso e Willian Novaes publicado em 2014, editora Geração.

por jovens de periferia, o que evidencia a ligação desse período com as heranças coloniais de segregação radical de classe no Brasil. Esses agentes são os mais afetados pelos preços das passagens, uma vez que além do baixo poder aquisitivo precisam se deslocar mais pela cidade para ter acesso ao trabalho. Além do mais, também são os que mais sofrem violência policial. Geralmente não têm a oportunidade de criticar a instituição que deles abusa cotidianamente, enquanto nas manifestações de 2013, realizadas no centro da cidade e na zona sul (pensando no caso do Rio de Janeiro), era possível enfrentar a polícia física e simbolicamente.

Além do mais, são as comunidades periféricas as mais vulneráveis a remoções em decorrência das obras realizadas em função dos megaeventos. Talvez por causa da linguagem das ações diretas propostas pelos Black ou por se tratar agora em grande escala de agentes historicamente marginalizados, esta terceira fase é a menos comentada quando se fala do *acontecimento* de junho de 2013. Nunes relaciona esta terceira fase com alguns eventos posteriores que teriam sido deflagrados pelo campo de possíveis aberto por junho de 2013. Dentre esses eventos destacam-se os *Rolezinhos*, quando jovens de periferia resolveram marcar de passear em grandes grupos por shoppings do país, gerando reações violentas, tanto físicas quanto simbólicas, por parte da segurança destes estabelecimentos e de muitos lojistas e clientes. Os *Rolezinhos* tornavam visível o desejo radical de exclusão que certa parte da população nutre diante das populações periféricas.

Na terceira fase, como na primeira, há um retorno a pautas mais específicas, o que volta a garantir resultados concretos, como a diminuição do preço das passagens. Desta vez, contudo, é possível reconhecer uma nova localização das lutas, que mobilizam de maneira mais pontual problemas que de certa forma exemplificam mazelas de todo o país. No Rio de Janeiro, por exemplo, esta fase fica marcada por duas conquistas notoriamente ligadas a populações marginalizadas, o que estabelece mais uma vez ligações com a relação à herança colonial. Uma delas foi a devolução da Aldeia Maracanã aos indígenas e a outra foi a não remoção da Vila Autódromo.

Apesar destes resultados, esta fase tende ao esquecimento. É interessante notar como, nas produções discursivas acerca de junho de 2013, grupos historicamente antagônicos se unem ao destacar apenas a segunda fase das manifestações: “De onde uma nova ironia deste período: as histórias contadas pela mídia e as defendidas pela esquerda leal [ao Partido do Trabalhadores] se encontram num pon-

to: a verdade do que se passou residiria na segunda fase das manifestações”⁵⁰. Do ponto de vista da mídia hegemônica, destacar este ponto seria interessante como forma de ressaltar o momento que seria possível relacionar a um antipetismo. O curioso, contudo, é que os petistas, com o objetivo de evitar a propagação deste antipetismo então fomentado pela mídia, escolhem justamente dar maior visibilidade a este mesmo momento. O objetivo era deslegitimar, a partir deste ponto, as manifestações como um todo, para que se retornasse à estabilidade anterior. Contudo, talvez o resultado concreto acabasse justo por acentuar aquilo que de fato os afetaria negativamente. Nunes critica essa “redução” discursiva proposta por esta narrativa unificadora protagonizada por grupos não só distintos como verdadeiramente conflitantes:

Uma coisa, ao menos, é clara: é preciso rejeitar absolutamente a redução do conjunto de manifestações à <<segunda fase>> apenas, redução que convém igualmente, por razões distintas, à mídia e à esquerda legalista. Se junho foi uma cacofonia, é porque ouvimos numerosas vozes, mais ou menos claras e distintas, certo, mas às vezes mais lúcidas que as que dominam o debate político *mainstream*.⁵¹

Ou seja, Rodrigo Nunes vê um *acontecimento* que conecta múltiplos agentes sem os fundir em um todo único, o que considera uma redução. O seu ponto de vista é, de certa forma, interno ao *acontecimento*. O artigo citado acima se inicia ao descrever uma reunião da qual o autor participava duas semanas antes das grandes manifestações do período. Era um encontro do Comitê Popular da Copa do Mundo, formado em diversas capitais com composições que aglutinavam os dois primeiros grupos mencionados, a geração da redemocratização e os novos ativistas, justamente para promover ações que diminuíssem os impactos negativos

⁵⁰ NUNES, R. Juin n’est pas fini. 2014b, p.17. No original: “D’où une nouvelle ironie de cette période: les histoires que racontent les médias et celles que défend la gauche loyaliste se rejoignent en un point: la vérité de ce qui s’est passé résiderait dans la deuxième phase des manifestations”

⁵¹ NUNES, R. Juin n’est pas fini. 2014b, p.19. No original: “Un chose, du moins, est claire: il faut rejeter absolument la réduction de l’ensemble des manifestations à la seule <<deuxième phase>>, réduction qui convient également, pour des raisons différents, aux médias et à la gauche loyaliste. Si juin a été une cacophonie, c’est parce qu’on y entendait de nombreuses voix, plus ou moins claires et distinctes, certes, mais parfois plus lucides que celles qui dominent le débat politique *mainstream*”

dos mega eventos nas cidades sede: “Estávamos à espera de algumas centenas de pessoas; foram centenas de milhares”⁵².

Veremos a seguir a análise de Jessé Souza, que pensa esse acontecimento a partir da cobertura do Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. Sua perspectiva teleológica exemplifica um procedimento crítico muito distinto daquele adotado por Nunes: cria uma narrativa majoritariamente unificadora acerca das manifestações. Enquanto o pesquisador que parte do ponto de vista interno tende a destacar a multiplicidade, esse que se propõe a lançar um olhar distanciado tende a ofuscá-la. Para o cientista político, as manifestações de junho de 2013 acabam por ser representadas pela *reivindicação realizada*, três anos após, da retirada da presidenta Dilma Rousseff do poder: “Em Junho de 2013 constrói-se a base social do golpe”⁵³. Souza, ao construir esta leitura, ignora a pergunta que Nunes deixa em aberto: “É possível que toda esta atividade, com as esperanças e as questões que ela suscita, seja integrada pelos mecanismos de representação e o sistema político, tal como eles existem”⁵⁴?

2.4

2013 representado por uma narrativa unificadora

Jessé Souza, ao avaliar as manifestações iniciadas em junho de 2013 no Brasil, destaca de início a dificuldade de realizar tal tarefa. O sociólogo nota o “caráter enigmático e multifacetado dessas manifestações, que desafiou a capacidade interpretativa dos analistas”⁵⁵. Diferente de Nunes, Souza as divide apenas em duas fases. Quanto à fase inicial ele tende a coincidir com a leitura de Nunes, ainda que de modo mais simplificado. Até-se ao posicionamento contrário ao aumento do preço das passagens e à organização do Movimento Passe Livre. Já a leitura da segunda fase é convergente com a de Nunes, ao sublinhar e caracterizar

⁵² NUNES, R. *Juin n’est pas fini*, 2014b, p. 5. No original: “On attendait quelques centaines de personnes; ils furent des centaines de milliers.”

⁵³ SOUZA, J. Para Jessé Souza, golpe nasceu em junho de 2013. *GGN*, nov. 2016 <<http://jornalggn.com.br/noticia/para-jesse-souza-golpe-nasceu-em-junho-de-2013>> Acesado em 23 de novembro de 2016.

⁵⁴ NUNES, R. *Op. Cit.*, p.21. No original: “Est-il possible que toute cette activité, avec les espoirs et les demandes qu’elle suscite, soit intégrée par les mécanismes de représentation et le système politique tels qu’ils existent?”

⁵⁵ SOUZA, Jessé. *A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado*, 2016, p. 106.

o aparecimento de um novo perfil de manifestantes. Souza verifica: "Mudaram não só as bandeiras iniciais do movimento, mas também o público que as apoiava. Em vez de jovens e estudantes, tínhamos agora famílias de classe média com perfil de renda alta"⁵⁶. É aí que surge, segundo o sociólogo, a "bandeira da antipolítica e antipartidos"⁵⁸. O aparecimento dessas “novas” bandeiras é coincidente com o início do apoio midiático conferido pela rede Globo, rejeitado por parte considerável dos manifestantes:

Entraram com toda a força o ataque a PEC 37 e o tema cada vez mais importante da corrupção. O jornal chegou a dizer que ‘quem é contra a PEC não precisa cobrir o rosto’. Disse também que a Globo pretende ‘dar voz aos manifestantes’ e por isso lamenta a depredação de carros da imprensa que começa a acontecer. O ataque à imprensa se dá por uma pequena minoria de manifestantes que perceberam, precisamente, a manipulação midiática de um processo que estava em seu comando no início e que foi paulatinamente tomado pela atuação combinada dos órgãos da imprensa conservadora.⁵⁹

Há de se problematizar dois pontos. Não necessariamente trata-se de uma "manipulação", o que pressupõe a existência de um discurso verdadeiro em absoluto, mas sem dúvidas de um ponto de vista parcial, embora apresentado como neutro. Também não é claro que os que discordam deste ponto de vista sejam uma "minoria". Queimar carros de imprensa não é uma ação tão simples de ser realizada por qualquer indivíduo, trata-se de um gesto que demanda certas aptidões físicas e psíquicas, mas muitos dos que não as realizam concretamente podem demonstrar apoio diante dessa ação, o que ficou patente através da grande reverberação midiática desses gestos em tom de apoio em compartilhamentos nas redes sociais. Souza segue descrevendo como o apoio dado pelo Jornal Nacional, que qualificaria as manifestações como “festa pacífica e democrática”⁶⁰, descarta certas ações e sublinha outras para tentar forjar uma unidade: “A ala direitista da classe

⁵⁶ Ibid., p. 91

⁵⁷ Esta informação provém de uma pesquisa realizada pelo IBOPE em setembro de 2013.

⁵⁸ Ibid., p. 91

⁵⁹ Ibid., p.91-92

⁶⁰ SOUZA, Jessé. A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado, 2016, p.92

média (...) tendia a ser percebida como ‘o povo’ clamando nas ruas. Os ‘baderneiros’ eram agora agentes infiltrados no movimento democrático e pacífico”⁶¹.

Na leitura de Souza, esse novo perfil se sobrepõe definitivamente ao anterior. É aí que ocorre a bifurcação definitiva entre os dois pontos de vista aqui elencados. Opondo-se a Nunes, Souza deixa de reconhecer a existência de uma terceira fase, quando novamente jovens de menor renda e com pautas de esquerda assumem as ruas. O autor traça uma linha de continuidade direta entre a segunda fase das manifestações iniciadas em junho de 2013 e as manifestações que se iniciam em março de 2015, que formam a base popular para o golpe concretizado em 2016.

No entanto, apesar de enfatizar uma continuidade direta e linear entre o que se inicia ainda em junho de 2013 e a concretização da retirada da presidenta Dilma Rousseff do poder, Souza não deixa de reconhecer que o sucesso da empreitada de vincular as demandas colocadas em 2013 com um antipetismo foi apenas parcial:

A reação da presidenta, com seu discurso no dia 21 de junho de 2013 à nação, foi parcialmente bem sucedida ao, corretamente, reinterpretar as manifestações no sentido de atender as reivindicações populares da primeira metade da onda dos protestos.⁶²

Souza não deixa de notar também uma radical mudança estética da primeira para a segunda fase: “A camisa da seleção brasileira e a bandeira nacional se tornaram os símbolos que ninguém mais conseguiu retirar ou sequer disputar com essa fração de classe”⁶³.

A estética aí descrita é realmente compatível com o ciclo de manifestações que se inicia em 2015 com o tema da corrupção. No entanto, depois de 20 de junho de 2013, dia em que apareceu em grande escala, sai de cena e deixa novamente outras formas de expressão se proliferarem nas ruas até outubro do mesmo ano. Essas formas ou simplesmente não aparecem no *Jornal Nacional*, ou aparecem unificadas sob o signo do “vandalismo”.

Souza ao se ater ao *Jornal Nacional* como fonte principal de sua pesquisa não se esforça em compreender as dinâmicas que não podem figurar nessa prática

⁶¹ Ibid., p. 96

⁶² Ibid., p. 104

⁶³ Ibid., p. 100-101

específica de jornalismo. Contudo, o que parece ainda mais grave, é que o autor não se questiona acerca dos limites e do sentido político, intrínsecos à própria linguagem do telejornal. Ele percebe o sentido político do veículo apenas ao sublinhar que conteúdos ganham maior ou menor destaque, deixando de lado a indagação acerca de *como* esses conteúdos são mostrados; ou o que pode ou não se tornar visível ou audível naquela relação específica (montagem) entre palavra, som e imagem.

Faço uma pequena digressão para compreender melhor como o uso reiterado da palavra “vândalo” marcava, mais do que uma má avaliação dos atos, uma distância e uma incapacidade de representar as práticas assim configuradas. Cabe aqui uma rápida pesquisa etimológica, acerca da palavra “vândalo”. Verifica-se que o termo deriva de um vocábulo do alemão antigo *wandeln*, que significa vagar. A palavra designa também o nome de um bando que, efetivamente, tem uma história marcada por constantes deslocamentos territoriais. O bando chega a penetrar o Império Romano no decorrer do século V, onde realiza saques, destruições simbólicas e permanece insubordinado, como um estrangeiro a ser combatido. Já o termo vandalismo é cunhado por um bispo francês, apenas no século XVIII, para nomear a destruição de monumentos e objetos artísticos. No seu livro de memórias o líder religioso Henri Grégoire diria, em 1794: “Inventei a palavra para abolir o ato”⁶⁴. É possível sugerir daí que a mídia, ao nomear os jovens da terceira fase como vândalos, indicava, curiosamente, o caráter estrangeiro desses indivíduos que eram, em sua maioria, naturais e habitantes das mesmas cidades em que agiam. Não se tratava, portanto, de ser estrangeiro na acepção mais direta do termo. Por trás da nomeação de vândalo, havia certamente um subtexto que dizia: essa produção discursiva não tem lugar aqui, não é possível (ou desejável) compreendê-la aqui. A única maneira que encontraram de comportá-la foi a partir da nomeação, demarcação e sublinhação incansável do seu caráter estrangeiro. Vândalo era, portanto, uma palavra empenhada em demarcar distância ou mesmo abolir a diferença que se inscrevia nas ruas, “abolir o ato”.

Se Souza certamente concorda com a afirmação de Nunes de que uma das maiores clivagens a dividir a sociedade é aquela entre os sub-representados (a

⁶⁴ Vandalismo. *Wikipedia*, mai. 2012. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia:Vandalismo> Acessado em 15 de março de 2017.

grande maioria) e os sobre-representados (elites corporativas, financeiras em particular, cuja influência é desmesurada mesmo sobre aqueles outrora reconhecidos como partidos da esquerda)⁶⁵ acaba por reforçar essa lógica ao analisar um *acontecimento* múltiplo como as manifestações de 2013 apenas a partir da ótica dos sobre-representados. Além do Jornal Nacional, em sua análise aqui comentada, há apenas uma única citação proveniente de outra fonte, a pesquisa do IBOPE, realizada em setembro de 2013. O cientista político contribuiria para a construção de uma pluralidade das leituras se, em vez de apenas constatar e criticar o que se representou à distância, *abolindo* a multiplicidade dos atos, aproximasse-se o suficiente para ser tocado mais diretamente pelos atos. Assim, seria mais apto a resgatar, então, as forças sub-representadas, que não figuram em seu livro.

2.5

O olhar distanciado e a tendência ao desaparecimento dos povos

As manifestações de 2013 foram excessivamente expostas. Muito vistas no Brasil e no mundo. Minutos televisivos — na televisão, meio no qual atualmente cada plano dura pouquíssimos segundos, os minutos tem o valor de infinidades — e capas de jornal da oligarquia midiática hegemônica não se furtaram ao tema. Paradoxalmente, talvez o próprio excesso tenha produzido uma invisibilidade fundamental para abafar a multiplicidade de afetos e a densidade das experiências que se proliferavam nas ruas. Certas imagens, como fator ilustrativo de comprovação de discursos, por vezes, circulavam como um significante vazio a ser preenchido por significados cambiáveis de acordo com interesses diversos⁶⁶.

Essa relação com a imagem, relegada à ilustração de uma legenda, fica bem clara nas montagens dos telejornais, como o Jornal Nacional, para retomar como exemplo o objeto de estudo de Jessé Souza. Na linguagem do telejornalismo, o comentário do repórter tende a ditar o sentido do que é visto. Para que essa voz se sobressaia soberana, no campo sonoro, convém à ofuscação do som direto, do ambiente; assim como no campo visual convém uma montagem de planos calculadamente curtíssimos, encadeados com a velocidade necessária para que não

⁶⁵ NUNES, *Anônimo, vanguarda, imperceptível*. 2016, n. p.

durem o tempo suficiente para se tornarem visíveis; sem o respiro necessário para que se possa pensar através do que as próprias imagens estão propondo e quiçá, enquanto espectador crítico, friccioná-las com a sentido da fala da voz *off*⁶⁷. Em contraste, é possível pensar na montagem realizada por veículos alternativos como *A Nova Democracia (AND)*, *Mídia Independente Coletiva (MIC)* e *Mídia Narrativas Independentes Jornalismo e Ação (Mídia NINJA)*, que ou emergiram ou ganharam maior notoriedade a partir das manifestações de junho de 2013.

Das múltiplas distinções entre as grandes corporações de mídia e esses grupos, destacaria o fato de apresentarem outra estrutura de equipe, na qual um mesmo indivíduo pode realizar diversas funções, diferente da especialização e segregação hierárquica que vigora em uma grande empresa, além da utilização de ferramentas técnicas também bem díspares. Ainda há o fato de se relacionarem mais com a internet e não com a televisão. Contudo, um ponto crucial de bifurcação entre essas diferentes práticas de jornalismo seria a urgência em conjunção com certa precariedade. Para esses coletivos a urgência é um fator decisivo, de modo que é possível levantar a hipótese de que seja mais a pressa de postar, do que uma proposta consciente de criar outra relação entre a construção audiovisual e o real, que os leva realizar uma montagem menos dogmática. Explico: uma montagem que deixa as imagens e sons emergirem na tela sem a preponderância da voz que narra ou comenta o que se deveria ver ou ouvir. Nesses vídeos postados pelos midiativistas, a montagem é, em certa medida, deixada em aberto para o espectador. Lançam planos de longuíssima duração com poucos comentários, ou até nenhum comentário, dando lugar à presença enfática do som direto. Ou, mesmo quando nas transmissões de *streaming* (ao vivo) aqueles que filmam narrem e comentem ostensivamente os acontecimentos ao seu redor, o som do ambiente ainda assim acaba por se fazer mais presente do que nas narrações televisivas em voz *off*, de modo que compete com o que se diz. Ou seja, aqui se convoca um espectador mais crítico, também ele montador, que deve criar sentido para o que efetivamente vê e escuta. Dá-se o tempo e o volume sonoro necessário para que a

⁶⁷ Voz exterior à cena, quando não se vê o corpo de quem comenta ou narra uma cena.

imagem e o som confrontem a voz do narrador, para que essa não se sobressaia tendendo a uma univocidade discursiva⁶⁸.

Além do mais, outro ponto crucial de diferenciação, sendo esse possível verificar também em comparação com o jornal impresso, é o ponto de vista adotado pelos cinegrafistas ou fotógrafos. Vale comparar a capa do jornal O Globo do dia 18 de junho de 2013 com a capa do mesmo jornal dos dias 16 de março de 2015 e 14 de março de 2016, referentes a um ciclo distinto de manifestações políticas recentes.

⁶⁸ Nessa dissertação optei por comentar imagens estáticas, ou fotografias, ou imagens congeladas dos vídeos. No entanto, considero a duração dos planos presente na montagem dos vídeos dos veículos alternativos e a relação que ela propõe ao espectador contemporâneo uma questão frutífera a ser desenvolvida em trabalhos futuros.

O GLOBO

TERÇA-FEIRA, 18 DE JUNHO DE 2013 ANO XLXCVIII - Nº 28.070

Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho

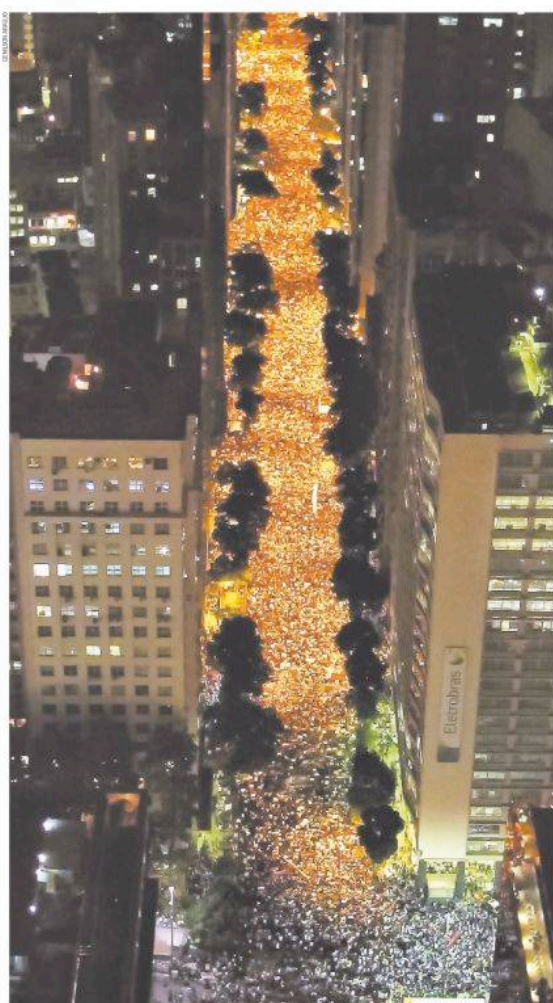
RIO DE JANEIRO oglobo.com.br

UM PAÍS QUE SE MEXE

O Brasil nas ruas

Convocados nas redes sociais, protestos mobilizam pelo menos 240 mil pessoas em 11 capitais

Redução do preço das tarifas de ônibus é mais importante bandeira do movimento, que reúne principalmente jovens e é marcado pela ausência de partidos na organização; atos foram pacíficos na maior parte das cidades. Para Dilma, manifestações são legítimas



"A nova marcha dos 100 mil". Multidão toma a Avenida Rio Branco, no Centro do Rio, no maior dos protestos realizados ontem pelo país

Numa mobilização como há muito não se via no Brasil, pelo menos 240 mil pessoas, em sua maioria jovens, tomaram ontem as ruas de 11 capitais para protestar principalmente contra o aumento das passagens de ônibus. No Rio, o público foi estimado entre 80 mil e 100 mil. Em tempos de internet, os atos foram marcados pelo uso intensivo das redes sociais para convocar participantes e pela ausência de partidos políticos, sindicatos e da União Nacional dos Estudantes entre os organizadores. Desta vez, o comportamento da polícia foi diferente. Em São

Paulo, o governo cumpriu a promessa de não fazer uso da tropa de choque ou atirar balas de borracha. Os protestos foram pacíficos na maioria das cidades, mas houve alguns atos de violência em Porto Alegre, Rio e Macaé, condenados pela maioria dos participantes. País agora, outros temas, como gastos com a Copa e o projeto que limita poderes de investigação do MP apareceram nas faixas. Vaia da abertura da Copa das Confederações, a presidente Dilma disse que as manifestações pacíficas são legítimas e próprias da democracia. **PÁGINAS 3 A 11**



NO ALVO DE RADICAIS

Um carro foi incendiado e a Alerj foi depredada no Rio por um grupo de radicais, que não teve apoio da maioria. Em Brasília, manifestantes lunaram o bloqueto e subiram no teto do Congresso.



— Que começo de semana!

DILMA ROUSSEFF: "As manifestações pacíficas são legítimas e próprias da democracia. É próprio dos jovens se manifestarem."

EX-PRESIDENTE FERNANDO HENRIQUE: "Desqualificá-los como ação de baderneiros é grave erro. Dizer que são violentos nada resolve."

EX-PRESIDENTE LULA: "A única certeza é que o movimento social e as reivindicações não são atos de polícia, mas de mesa de negociação." **PÁGINA 10**

Seleção atrai 7 mil no Ceará

Felipão contraria determinação da Fifa e abriu as portas do estádio, onde a seleção treina em Fortaleza, para sete mil torcedores, que foram apoiar os jogadores. **CADERNO ESPORTES**

Taiti perde sob aplausos

O público mineiro adotou a seleção taitiana, apesar da goleada de 6 a 1 para a Nigéria. A seleção africana desembarca hoje em Salvador. **CADERNO ESPORTES**

Estrangeiros deixam Bolsa

Este mês, os estrangeiros saíram US\$ 5,1 bil da Bovespa, recorde em 5 anos. Já os brasileiros enviaram US\$ 8,5 bil ao exterior no ano. O dólar subiu a R\$ 2,166. **PÁGINAS 21 e 22**

O imbróglio da espionagem

Rússia, Turquia e China cobraram explicações dos EUA e do Reino Unido por terem sido espionados na rede denunciada pelo ex-agente da CIA. **PÁGINA 26**

Síria isola Putin no G-8

As divergências sobre a guerra síria isolaram o presidente russo e criaram constrangimento no seu encontro com Obama, que terminou sem consenso. **PÁGINA 26**

Uma geração sem ocupação

Em dez anos, aumentou de 12,6% para 16,2% o percentual de jovens cariocas entre 15 e 24 anos que não estudam, não trabalham e não procuram emprego. **PÁGINA 12**

Figura 3: Capa do jornal O Globo do dia 18 de junho de 2013.



Figura 4: Capa do jornal O Globo do dia 16 de março de 2015.



Figura 5: Capa do jornal O Globo do dia 14 de março de 2016.

A semelhança aparente entre a manifestação do dia 17 de junho de 2013 e as que se iniciam a partir de 2015 pode demonstrar o grau de invisibilidade que a superexposição é capaz de produzir. O ponto de vista da maior imagem que ilustra as legendas é exatamente o mesmo, distante e vertical. Já as legendas cumprem uma função de aproximação entre essas diferentes ocasiões. A capa de março de 2015 apresenta o verbo “voltar” com o enunciado “A volta dos protestos”. Indica-se aí que esse seria um retorno, ou melhor, uma continuidade tardia, daqueles anteriores, de 2013. Já a capa de março de 2016 tem sua imagem legendada com uma frase idêntica a da capa de 2013, ambas apresentam “O Brasil vai às ruas”. No entanto, na capa de 2016 complementa-se o “O Brasil vai às ruas” com “contra Lula e Dilma e a favor de Moro”. Complemento que soaria estranho, ou mesmo impossível, para a capa de junho de 2013, cujo conteúdo do complemento ao “Brasil vai às ruas”, que seria segundo o próprio jornal “a redução do preço das tarifas de ônibus”, aparece apenas como um subtítulo, com as letras bem menos destacadas. Nesse dia, que como vimos na avaliação de Nunes já compõe aquilo que o autor considera a segunda fase dos protestos, havia uma multiplicidade de grupos e indivíduos com distintas perspectivas políticas e diferentes modos de se apresentar esteticamente. Algum indivíduo que andasse pela Avenida Rio Branco naquele momento, passando pelos diferentes grupos reunidos formando as diferentes regiões do ato (pessoas com bandeiras de partidos, do PSOL, PSTU e PT, pessoas vestidas de verde-amarelo que cantavam o hino nacional, pessoas de movimentos sociais organizados, estudantes, etc.) dificilmente elaboraria uma frase como “O Brasil vai às ruas”. No mínimo, afirmaria que alguns brasis, não sem graves conflitos entre si, vão às ruas. Contudo, o que gostaria de sublinhar é que o que permite essas legendas semelhantes que criam uma sensação de continuidade é o ponto de vista de extremo distanciamento, que capta com muita precariedade as singularidades internas ao acontecimento. Nas imagens à direita, menores, porém um pouco mais aproximadas, já é possível notar as diferenças cruciais entre as duas fases distintas de protestos. Nas manifestações iniciadas em março de 2015 o verde-amarelo é mais do que preponderante, é quase homogeneizador do todo, diferente de qualquer manifestação em junho de 2013; que por sua vez, apresenta as imagens de fogo e depredações, inimagináveis nesse ciclo distinto. Vistas com proximidade (de dentro, horizontalmente) a aparente semelhança total constituída nessas capas seria muito dificilmente imposta. O que as imagens pro-

duzidas do ponto de vista dos manifestantes revelam são brutais diferenças que essa superexposição acaba por se esforçar em omitir.

As imagens produzidas de um ponto de vista interno aos acontecimentos, pelos próprios manifestantes ou midiativistas, asseguram a especificidade das relações intrínsecas ao momento, diferentes dessas imagens gerais e distanciadas, facilmente intercambiáveis, reconfiguráveis a partir da legenda. Por exemplo, se as manifestações de 2013 são marcadas tanto pela repressão, como por uma pauta crítica à polícia brasileira (a demanda pela desmilitarização)⁶⁹, esse ciclo distinto é marcado por uma relação pacífica e de admiração com essa instituição. Muitas das imagens marcantes das manifestações de 2013 são justamente de conflitos com a polícia. Acontecimento inexistente no segundo ciclo de manifestações exibido pelo jornal com legenda tão próxima. Como descreve Vladimir Safatle:

Então vieram as manifestações pelo impeachment e o milagre aconteceu: uma polícia ordeira, catracas abertas para manifestantes passarem gratuitamente, confraternização entre a polícia e as senhoras com sua nostalgia por ‘intervenção militar’.⁷⁰

Outro ponto crucial de diferenciação é justamente a relação com a mídia hegemônica. É interessante notar que, como já foi dito, em 2013 há um verdadeiro descontentamento por parte de certos manifestantes em relação a sua representação elaborada pela mídia hegemônica, o que culmina na proliferação e fortalecimento de mídias alternativas que registravam os eventos em relação mais harmônica com os manifestantes. A disparidade entre as maneiras de filmar e os discursos produzidos a partir dos diferentes registros é oportuna para elaborar um pensamento crítico acerca de como (e se é possível) representar um povo.

Portanto, vale a pena notar que, se em 2013 há um hiato entre ser exposto pela mídia hegemônica e se sentir realmente representado por ela, no ciclo de manifestações que se inicia em 2015 parece haver, pelo contrário, uma encenação que se reporta diretamente às lentes dos helicópteros, que demanda justamente a

⁶⁹ Um canto freqüente era: “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar.” O caso Amarildo também marca as manifestações como exemplar para se criticar a instituição policial e o tratamento da mídia em relação a operação e a vítima, buscando naturalizar o acontecimento. Em relação a Amarildo cantava-se “O-lê-lê! O-lá-lá! A Rocinha quer saber onde o Amarildo está!”.

⁷⁰ SAFATLE, Vladimir. A arma mais forte será ampliar a não cooperação com o governo. *Portal Az*. Disponível em: <<https://www.portalaz.com.br/blog/blog-do-murilo/379742/a-arma-mais-forte-sera-ampliar-a-nao-cooperacao-com-o-governo>> Acessado em 14 de março de 2017.

tecnologia das grandes empresas de comunicação para ser vista. Os grandes signos figurativos elencados pela massa convocam um ponto de vista de grande distanciamento. Para serem realmente vistos, precisam ser mirados do alto e de longe, diferente do que se passava em 2013. Talvez por isso a “grande mídia” fosse rechaçada constantemente pelos manifestantes em 2013, uma vez que pressupunham que esta não se disporia a uma aproximação que se propusesse a enxergar a multiplicidade do evento, mas que provavelmente o reduziria a um estereótipo legendável segundo clichês de seu interesse. Seguem algumas imagens do ciclo de manifestações pró-golpe que indicam essa encenação para lentes que filmam à distância.



Figura 6: Imagem aérea publicada no Jornal O Globo a partir da qual é possível ver a faixa “impeachment já” inteira.⁷¹

⁷¹ Protestos contra Dilma reúnem 3,6 milhões em todos os estados. *O Globo online*, mar. 2016. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/brasil/protestos-contradilma-reunem-36-milhoes-em-todos-os-estados-18865889>> Acessado em 15 de fevereiro de 2017.



Figura 7: cobertura ao vivo da Globo News de manifestação contra o governo eleito vigente.⁷²

Um fator crucial separa certas imagens das manifestações de 2013, quando os manifestantes foram em grande parte tomados por uma sensação de hiato entre a experiência e a representação produzida pela mídia hegemônica, das imagens daquelas iniciadas em 2015: apenas no primeiro caso produzem-se imagens cuja legibilidade desafia uma comunicação simples, a serem analisadas mais adiante. Se no segundo ciclo os manifestantes agem por uma encenação de signos bem definidos e produzidos em escala a serem vistos de bem longe, nas manifestações iniciadas em junho de 2013, os conflitos, gestos e ações nem sempre permitiam uma visibilidade à distância ou comportavam legendas fáceis.

Segundo Didi-Huberman, quando um clichê visual demanda um clichê verbal “É que o jogo já está perdido, tanto sobre o plano da imagem como sobre o da linguagem e do pensamento”⁷³. No caso desta encenação mediada por grande signos, a produção das legendas é simples e imediata. É evidente que olhando de perto, de um ponto de vista interno e horizontal, talvez essas manifestações também resguardem uma multiplicidade que não se deixa apaziguar por esses grandes elementos centrais. Contudo, há de se convir que a disposição destes elementos convoca uma leitura que tende a unificar o sentido destas manifestações, enquanto que em 2013 não se encontravam tantos elementos com essa função comunicativa

⁷² Pato de Tróia começa a atacar. *O cafezinho*, jul. 2017. Disponível em <http://www.ocafezinho.com/2015/12/15/pato-de-troia-comeca-a-atacar/> Acessado em 16 de fevereiro de 2017.

⁷³ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Peuples exposés, peuples figurants*. *L'Œil de l'histoire*, 4, 2012, p. 17. No original: c'est que la partie est déjà perdue, tant sur le plan de l'image que sur celui du langage et de la pensée.”

e centralizadora. Vale frisar, por outro lado que, se não há em 2013 uma encenação que se propõe explicitamente a tender ao uno, ofuscando multiplicidades, não foi possível de todo impedir certas construções discursivas, como a da capa acima exposta (Figura 1), que proporcionassem esse tipo de clichê ou “redução” narrativa, como afirmava Nunes.

A riqueza desse evento, das manifestações de 2013, está, sobretudo em convocar um novo olhar, mais aproximado e horizontal, numa espécie de recusa ao olhar vertical, distanciado e estereotipado, produzido pela mídia tradicional. O sociólogo Luiz Eduardo Soares nota essa peculiaridade do evento:

Sendo pequenos os cartazes e pequenas as letras em que as palavras estavam escritas, quem os podia ler? Para quem foram feitos? Para o outro com O minúsculo, o próximo, o vizinho da caminhada, o parceiro ou a parceira de travessia, quem estivesse ao lado e se dispusesse a olhar, ler e mostrar ao interlocutor o seu próprio cartaz, acrescentando comentários, talvez. O espaço do pequeno cartaz individualizado e expressivo é o do diálogo. Diálogo do tipo eu-tu, que só se sustenta se os sujeitos supõem-se iguais, enquanto interlocutores, partícipes de um conjunto mais abrangente que os compreende, os inclui.⁷⁴

Não cabe aqui, evidentemente, estabelecer uma dualidade simplista entre os dois ciclos de manifestações. Certamente, apesar da encenação clara para mídia hegemônica no segundo ciclo, também há pequenos cartazes direcionados aos vizinhos e a produção de suas imagens pessoais que circulará nas redes sociais. E em 2013, evidentemente, também há uma camada forte de diálogo com a mídia hegemônica. Contudo, é plenamente possível destacar uma disparidade entre esse pólos, que convocam distintos exercícios do olhar e, por consequência, do pensar.

Portanto, ao invés de se contentarem com a representação proposta por um grande Outro, a “grande mídia”, os próprios manifestantes passam a se filmar. Mesmo os midiativistas, livres da posição de suposta neutralidade proposta pela “grande mídia”, nestes casos costumam exercer um duplo papel: de jornalista e ativista simultaneamente. Não se tratava de arriscar-se para *comparecer* ao campo dos embates, como um jornalista comum que comparece para cobrir eventos que

⁷⁴ SOARES, Luiz Eduardo. “Eles’ antes de junho de 2013” in: *O Brasil e seu Duplo*, livro a ser lançado.

independentem de sua presença, mas de *participar* como agente dos embates. Não se tratava apenas de registrar a imagem de algo que estaria à espera do cinegrafista, como o jornalista que chega para cobrir de fora o evento do qual não se considera participante, mas de produzir com o próprio corpo o acontecimento. Provocar a imagem. O manifestante-cinegrafista de 2013 é este que não apenas registra a ostensiva violência policial que impede o direito à manifestação, mas ele próprio se posiciona no embate que torna visível a repressão. O enunciado silencioso que proibia o acesso às ruas como local de reivindicação torna-se audível no som estourado dos vídeos, através das bombas que são lançadas sobre aqueles que insistiram na ocupação desse espaço; assim como se torna visível na invisibilidade mesma proporcionada pelo tremor das imagens de quem filma mais do que formas, borrões, de quem mostra antes a própria impossibilidade de filmá-las.

No entanto, como legendar as imagens que escapam ao regime de comunicação midiático regido por uma clareza informativa? Uma imagem contém uma legibilidade própria, o que é muito distinto de uma tradutibilidade direta para a linguagem verbal, que possibilite uma legenda corriqueira. A própria imagem oferece uma descrição, uma construção discursiva, uma restituição de sentido que podem ter sua legibilidade despercebida pela palavra, a não ser que se trate de clichês. Portanto, a legibilidade das imagens pressupõe desordem recíproca, troca *com* a palavra, não *pela* palavra. Não se espera a “palavra final”, derradeira, que se impõe diante da imagem e a determina. Pelo contrário, imagem e palavra se relançam uma diante da outra. Essas instâncias só podem se responder, reagir umas às outras, diante de uma relação crítica. Portanto, quando há uma relação direta entre palavras e imagens, uma correspondência aparentemente “natural” ou “espontânea”, é possível afirmar que tanto imagens, como palavras, foram reduzidas ao “estereótipo”:

Isto para significar claramente que uma imagem só pode expor adequadamente o tema se envolver a relação com a linguagem que sua visibilidade mesma é capaz de suscitar, perturbando-a, solicitando que sempre se reformule, colocando-se em questão.⁷⁵

⁷⁵ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Peuples exposés, peuples figurants*. L'Œil de l'histoire, 4, 2012, p. 17. As traduções desse texto são minhas. No original: “Cela pour signifier en clair qu’une image ne peut correctement *exposer son sujet* qu’à *impliquer le rapport* au langage que sa visualité même est capable de susciter en la troublant, en lui demandant de toujours se reformuler, de se remettre en question.”

As imagens que escapam ao regime de visibilidade da mídia hegemônica parecem abrir oportunidades para as palavras, para o pensamento. A produção crítica incide sobre as imagens e também é uma ferramenta de disputa de narrativas. É ela que pode fraturar o clichê e reerguer multiplicidades ofuscadas. No entanto, trata-se de uma operação que pressupõe uma via de mão dupla, por isso é necessário se aproximar das imagens para que elas mesmas afetem as palavras. Como verifica Didi-Huberman:

As imagens, como as palavras, se brandem como as armas e se dispõem como campos de batalha. Reconhecê-lo, criticá-lo, tentar conhecê-lo tão precisamente quanto possível, eis talvez uma primeira responsabilidade política da qual o historiador, o filósofo ou o artista devem assumir os riscos e a paciência.⁷⁶

E diante dessa responsabilidade, cabe ainda reconhecer os perigos para os quais o historiador, o filósofo ou o artista devem atentar:

Os perigos de morte se formam, se antecipam ou bem fermentam, no uso das palavras. Se os povos são expostos ao desaparecimento, é também que discursos foram formados para que, não vendo mais nada, nós possamos crer ainda que tudo se torna acessível a nós, que tudo permanece visível e <<sob controle>>, como se diz”.⁷⁷

Deleuze/Guattari ao discorrerem sobre as insurreições de Maio de 1968 em Paris, no já mencionado ensaio *Maio de 68 não ocorreu* afirmariam que o *acontecimento* não ocorreu, não conquistou lugar para existir naquela sociedade, uma vez que: “Tudo o que era novo foi marginalizado ou caricaturizado”⁷⁸. Ou seja, o problema do desaparecimento dos possíveis frutos de Maio de 1968 não reside apenas na marginalização do evento. A caricaturização, sua superexposição *sob controle*, tem efeito análogo à marginalização. Portanto, o fator determinante para o desaparecimento de um povo, ou sua sobrevivência, não é o *quanto* ele será visto, se muito ou pouco, mas principalmennte *como* será visto.

⁷⁶ DIDI-HUBERMAN, Georges. Peuples exposés, peuples figurants. L'Œil de l'histoire, 4, 2012, p. 21. No original: “Les images, comme les mots, se brandissent comme des armes et se disposent comme des champs de conflits. Le reconnaître, le critiquer, tenter de le connaître aussi précisément que possible, voilà peut-être une première responsabilité politique dont l'historien, le philosophe ou l'artiste doivent assumer les risques et la patience”.

⁷⁷ Ibid., p. 17. No original: “Les dangers de mort se forment, s'anticipent ou bien fermentent, dans l'usage des mots. Si les peuples sont exposés à disparaître, c'est aussi que des discours se sont formés pour que, ne voyant plus rien, nous puissions encore croire que tout nous demeure accessible, que tout reste visible et <<sous contrôle>>, comme on dit.”

⁷⁸ DELEUZE, G.; GUATTARI, F., Maio de 60 não ocorreu (p. 245-248) in *Dois regimes de loucos*, textos e entrevistas (1975-1995). 2016, p. 246

2.6

Um olhar aproximado e a resistência ao controle

"*Todo mundo* fala a regra: cigarro, computador, camisetas, televisão, turismo, guerra". *Ninguém* fala a exceção. Godard [grifo da autora]

O filme de Jean-Luc Godard, *Je Vous Salue Sarajevo*⁷⁹, de 1993, apresenta recortes de uma única fotografia, criando um percurso para o olhar, até mostrá-la inteira por fim. Depois de olhar cada parte, a totalidade da fotografia se apresenta estranhamente cotidiana e aterradora.



Figura 8: Assim como as figuras seguintes, é uma imagem do filme *Je vous Salue Sarajevo*. Trata-se de um recorte de uma fotografia da guerra da Bósnia, realizada em 1992 pelo fotógrafo Ron Haviv.

⁷⁹ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=LU7-o7OKuDg> >. Acessado em 03 de fevereiro de 2017. Recomendo que o leitor assista ao filme para melhor fruição do texto. Duração: 2 minutos e 15 segundos.



Figura 9



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13: Imagem do filme *Je vous Salue Sarajevo*. Aqui apresenta-se a própria fotografia de três vítimas da guerra da Bósnia, realizada em 1992 pelo fotógrafo Ron Haviv.

A fotografia lentamente decupada por Godard dá a dimensão da brutalidade da regra. Ou da regra ela mesma como brutalidade. No filme *Je vous salue Sarajevo*, ao longo de dois minutos, ao apresentar recortes de uma única fotografia, intensifica-se o contraste entre a tranquilidade dos policiais de pé e a situação deplorável das vítimas deitadas. Os reenquadramentos sublinham a leveza dos dedos que seguram o cigarro, o distanciamento dos olhares que ignoram os corpos desfalecidos, o peso da bota dirigido ao rosto assentado sobre o implacável duro do chão. A fotografia, contudo, é um arquivo da regra: cigarro, camisetas, guerra. É a montagem de Godard, o encontro com as suas palavras, que longe de explicar o que se vê, sobrepõe novas camadas à fotografia. É a sua voz, a música escolhida, o tempo de duração de cada recorte na tela e a ampliação dos pequenos pedaços em tela cheia que esgarçam a imagem, desfazendo, por vezes, até mesmo a clareza dos contornos e da paisagem. É a montagem o que torna o filme resistente à integridade da fotografia: é o que a quebra, a denuncia, faz dela uma exceção. A montagem torna, enfim, audível e visível o horror mudo da regra.

No ensaio *O que é um ato de criação?*⁸⁰ de 1987, Gilles Deleuze, ao discorrer sobre o ato de criação, propõe uma distância necessária entre comunicar algo (transmitir uma informação) e ter uma ideia (criar algo), talvez a distância equivalente entre regra e a exceção, aproximável com a distância proposta por Godard entre o que todo mundo fala e o que ninguém fala. Se a única coisa que se comunica são informações, isso significa que a comunicação é da ordem do controle. Informar é fazer circular palavras de ordem, a gama de pressupostos nos quais todos devem crer (ou pelos menos agir como se). Não por acaso, os veículos de comunicação hegemônicos usam o termo “formador de opinião”⁸¹, assim como a polícia usa o termo “comunicado” para exprimir suas informações. O policial, com seus comunicados, é como um coreógrafo do espaço urbano. É eloquente a memorável cena do clássico hollywoodiano *Singing in the rain* (1952), na qual basta a percepção da presença de um policial para que o passageiro apaixonado, ao cantar e dançar no meio da rua, desperte do seu estado distraído e volte imediatamente para o lugar que lhe seria devido: a calçada. Obedece de pronto à ordem (ou o comunicado) implícito pela simples presença policial⁸².

Nas manifestações de 2013 foi cristalino o uso da informação, nas redes sociais e pelos veículos de comunicação, como mecanismo de controle. A imagem espetacularizada da violência exposta nos veículos de massas era exatamente um comunicado, um comando que, mais do que legitimar, convocava a repressão policial. Os manifestantes, por sua vez, também tentaram usar a comunicação como ferramenta de controle. Comunicar os abusos da polícia e da mídia servia como uma ferramenta indispensável de proteção contra tais agentes. A estratégia da contrainformação teve resultados efetivos, urgentes e imprescindíveis. Sem dúvida protegeu a integridade e a liberdade de muitos indivíduos, tal como progressiva-

⁸⁰ DELEUZE, Gilles. *O que é um ato de criação?* In: *Dois Regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*, São Paulo: Editora 34, 2016.

⁸¹ O jornal *O Globo*, na página da Infoglobo, auto define-se como: “O jornal preferido dos formadores de opinião.” Disponível em <<https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=91>> Acessado em 14 de outubro 10 de 2016.

⁸² André Lepecki, teórico da dança, explora esse exemplo no artigo *Coreopolítica e coreopolícia*, no qual classifica os policiais como coreógrafos urbanos, que efetuariam a coreopolícia, responsável por estabelecer o consenso (ou consentimento) dos fluxos da cidade. Em contraposição, há a noção de coreopolítica, que abarcaria todos os movimentos de implicação de dissenso à cinética cotidiana dos espaços urbanos.

mente contribuía para manter o simples direito à manifestação, impondo limites mínimos à repressão juridico-midiática-militar.

Contudo, agora, passados três anos, talvez seja interessante retomar os arquivos das imagens dessas manifestações para buscar nelas o que resistiu a comunicar, o que escapou ao regime de dizibilidade, visibilidade e audibilidade informativo e permaneceu invisível e mudo – o que *ninguém* disse.



Figura 14: Assim como as figuras que seguem, é uma imagem de um vídeo produzido por manifestante no Rio de Janeiro próximo ao Maracanã, no dia 30 de junho de 2013, data da final da Copa das Confederações.

Criar algo é, como se disse, um ato bem distinto do ato de comunicar. Se a obra de arte é aquilo que nada tem a comunicar, teria ela alguma ligação com um ato de resistência? De resistência ao controle, à regra? Deleuze questiona: “que entrelace misterioso é esse entre uma obra de arte e um ato de resistência, visto que os homens que resistem não têm nem o tempo nem, às vezes, a cultura necessários para se ter o menor entrelace com a arte?”⁸³ Aqui não me parece que Deleuze corrobore com uma noção de arte que pressuponha uma “cultura necessária” para que se possa produzir ou dela fruir. Parece que o filósofo busca justamente friccionar essa noção de arte compreendida como um campo específico que de-

⁸³ DELEUZE, Gilles. O que é um ato de criação? In: *Dois Regimes de loucos: textos e entrevistas* (1975-1995), São Paulo: Editora 34, 2016, p. 341-342.

manda conhecimentos específicos para com ela se relacionar com uma noção mais ampla, que abarcaria gestos ou ações não declarados enquanto tais. Cabe lembrar que o autor, apenas seis anos antes da realização desse ensaio, teria afirmado junto com Félix Guattari que “a arte não é privilégio do homem”⁸⁴. Segundo Deleuze/Guattari a arte está ligada a criação de *assinatura* capaz de instaurar um território:

Podemos chamar Arte esse devir, essa emergência? O território seria o efeito da arte. O artista o primeiro homem que erige um marco ou faz uma marca... (...) A propriedade é primeiro artística, porque a arte é primeiramente *cartaz*, *placa*. Como diz Lorenz, os peixes de recife de coral são cartazes.⁸⁵

Essas imagens produzidas por indivíduos no momento em que resistiam teriam alguma coisa a ver com arte? Imagens produzidas no momento em que resistir à polícia era mais urgente do que conceber enquadramentos ou ajustar o foco?

Uma das sugestões de ligação entre a obra de arte e o ato de resistência estaria no fato de que as obras de arte resistem. Resistem ao tempo. Resistem à morte. Sobrevivem. Será que as imagens produzidas pelos manifestantes resistirão? Muitas transmissões por *streaming*, locadas em um determinado site, já desapareceram da rede. Ao fazer uma transmissão usando essa plataforma, o material ficaria disponível por um mês e depois seria automaticamente apagado. Muitos links de vídeos e notícias com fotos, hoje, já se mostram indisponíveis. Certamente, se essas imagens forem tomadas do ponto de vista da informação, não terão outro destino senão o desaparecimento, o descarte. Contudo, seria possível conceber que as câmeras teriam agido concomitantemente como ferramentas para atos de criação? Teriam agido como um material que possibilita ideias necessárias e específicas, capazes de criar territórios próprios, que escapavam à simplicidade das palavras de ordem e, portanto, à lógica do controle e da comunicação? Sendo assim, poderiam ser tomadas como atos de resistência. Propor esse olhar é um gesto que as convoca a sobreviver, a resistir ao tempo.

Ainda, se é possível ver nessas imagens atos de criação, que, enquanto tais, contém ideias embrenhadas pela matéria que lhes dá suporte, seria plausível e necessário falar sobre elas? Se não é possível conceber uma ideia em geral, que seja

⁸⁴ DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix. *Mil Platôs*, Vol. 4, São Paulo: Editora 34, p. 129.

⁸⁵ *Ibidem*.

transitável e comunicável em diferentes suportes ou domínios do conhecimento, elas podem gerar, contudo, bons encontros. Proponho aqui, portanto, não um pensamento *sobre* essas imagens, mas a tentativa ter ideias a partir de um esforço de aproximação, de encontro *com* elas.

A resistência

Como, então, pode alguém ou alguma imagem resistir? Se efetivamente todo mundo fala a regra, a exceção, que paradoxalmente é aquilo que resiste, ninguém diz. Godard: “Ninguém fala a exceção. Ela não é dita, ela se escreve: Flaubert, Dostoievski. Ela se compõe: Gershwin, Mozart. Ela se pinta: Cézanne, Vemeer. Ela se filma: Antonioni, Vigo. Ou ela é vivida e se torna, então, a arte de viver: Srebenica, Mostar, Sarajevo”⁸⁶.

É conhecida e muito comentada a resposta do manifestante do Movimento Passe Livre, que, em junho de 2013, diante de um comunicador (jornalista) que demanda sua identidade, responde: “Anota aí, eu sou ninguém”. Fórmula que Vladimir Saflate compreenderia como: “eu sou o que você não nomeia e não pode representar”⁸⁷. O filósofo questiona ainda a colocação do problema da reivindicação de visibilidade e participação política dos manifestantes como: “eu quero a minha visibilidade no regime de visibilidade atual, também quero o meu lugar na axiomática do Estado atual”⁸⁸. Ou seja: eu quero minha dizibilidade lá onde se diz o que todo mundo diz. Sem o colapso da linguagem do poder é impossível resistir, não há lugar reservado para este que é ninguém.

Conversar com essas imagens é buscar um diálogo com algo que, em certa medida, escapa ao regime de visibilidade atual. Esses rostos não catalogáveis, impúblicáveis nos grandes veículos de comunicação, invisíveis para tais, ameaçam o regime de visibilidade hegemônico. Mais do que conquistar uma parte ou lugar, seria interessante abalar a própria lógica de distribuição de partes e lugares, uma vez que aqueles que controlam os regimes de visibilidade e nomeação determinam também o que deve aparecer e o que deve literalmente desaparecer. Godard: “a regra quer a morte da exceção”⁸⁹. No encontro com essas imagens, nas quais a

⁸⁶ Texto de Jean-Luc Godard pronunciado em voz off no filme *Je vous Salue Sarajevo*.

⁸⁷ SAFATLE, Vladimir. Quando as ruas queimam: manifesto pela emergência., 2016, p.7.

⁸⁸ Ibid., p. 20.

⁸⁹ Jean-Luc Godard, op. cit.

comunicação periga e os borrões acometem o primeiro plano, ninguém aparece na exposição paradoxal de sua invisibilidade. Se essas imagens não mostram claramente alguém, tornam visíveis a invisibilidade de ninguém. São rostos que quebram fisionomias, como ninguém é uma “nomeação que quebra nomes”⁹⁰.

Por enquanto, parece que as ruas deixaram de queimar com a intensidade que explodia em 2013. Contudo, seria possível propor que, como sugere Safatle, teriam apenas deslocado as suas intensidades para outras matérias? No pequeno panfleto intitulado *Quando as ruas queimam: manifesto pela emergência*⁹¹, o filósofo coloca a seguinte pergunta: “O que fala o fogo? O que se diz apenas sob a forma do fogo?”, seria possível reconhecer nessas imagens trêmulas uma ressonância com a voz da “forma do fogo”, justamente aquela que é informe por excelência? O que o encontro com essas imagens que ainda queimam os olhos que as veem pode suscitar como ideia no campo do pensamento acerca dos modos de subjetivação?

Em *A hora da micropolítica*, panfleto publicado por Suely Rolnik na mesma série, *Caixa Pandemia de cordéis*, a autora discorre sobre uma distinção entre pelo menos duas camadas de subjetivação contrastantes, que, apesar de poderem ser experimentadas simultaneamente, apontam para relações bem diversas com a linguagem. O primeiro modo seria o do sujeito. Este, herdeiro do que ela chama de “inconsciente-colonial-capitalístico”⁹² da cultura moderna ocidental, é intrínseco à cartografia cultural “antropo-falo-ego-logocêntrica” atual. O sujeito é aquele que atribui sentido a partir dos códigos e representações já disponíveis. Esta camada, calcada na cognição, é, atualmente, fundamental para aptidões como sociabilidade e comunicação. Contudo, é possível experimentar outra camada subjetiva a qual Rolnik chama de fora-do-sujeito ou extra-pessoal⁹³.

A tensão entre essas duas camadas corresponde ao descompasso entre o fechado e o aberto, o conhecido e o desconhecido, o enclausurado em si mesmo e o poroso ao outro. O fora-do-sujeito extrapola as delimitações de um indivíduo e se

⁹⁰ SAFATLE, Vladimir. Quando as ruas queimam: manifesto pela emergência., 2016, , p. 7.

⁹¹ A editora *N-1*, que traz no próprio nome a fórmula deleuziana tão cara a este trabalho, publicou em 2016 a *Caixa Pandemia de cordéis*, incluindo além desse texto de Safatle, 9 outros, todos empenhados em “contaminar cada leitor com o bacilo do pensamento, atacando isto que dizem ser o nosso único presente.” (Cf. Website da Editora, <http://n-1publications.org/pandemia>, acesso em 20/12/2016).

⁹² ROLINK, S. A hora da micropolítica. 2016, p.16.

⁹³ Ibid., p. 10.

deixa atravessar por forças que não sabe nomear, extracognitivas e irrepresentáveis embora reais e sensivelmente reconhecidas. São afectos e perceptos que carecem ainda de palavra, som, imagem ou gesto. Portanto, para fazer propagar essas forças que os afetam, os fora-do-sujeito, ou os ninguéns, necessitam de atos de criação. Criam não representações, uma vez que são tocados justamente por aquilo que não figura ainda na cartografia cultural. O fora-do-sujeito não cabe em signos prontos, precisa erguer sobre eles corpos sensíveis que passam a habitar o corpo do mundo modificando sua paisagem. Os ninguéns se deixam habitar por “germes” de mundo.

Sendo essas imagens muito provavelmente destinadas ao descarte, ao desaparecimento, o esforço aqui, no encontro com elas, é convocar o ato de resistência a resistir. Através de um gesto de montagem, que consiste na extração de momentos congelados, expostos como fotografia, este trabalho convida o leitor a se deparar com o que, nos vídeos produzidos por manifestantes, resistiu e desafiou o regime comunicativo. Essas imagens que desidentificam os sujeitos produzem corpos ninguéns, que dão a ver não a identidade exigida pelo jornalista ou policial, não o nome próprio do qual poderia-se alcançar os dados biográficos, convidam a imaginar esse que nega a si enquanto sujeito para construir modos de subjetivação mais amplos, que reconfigurem as linhas de passagem entre eu e outro, tanto quanto as relações com o espaço e com o tempo presente.

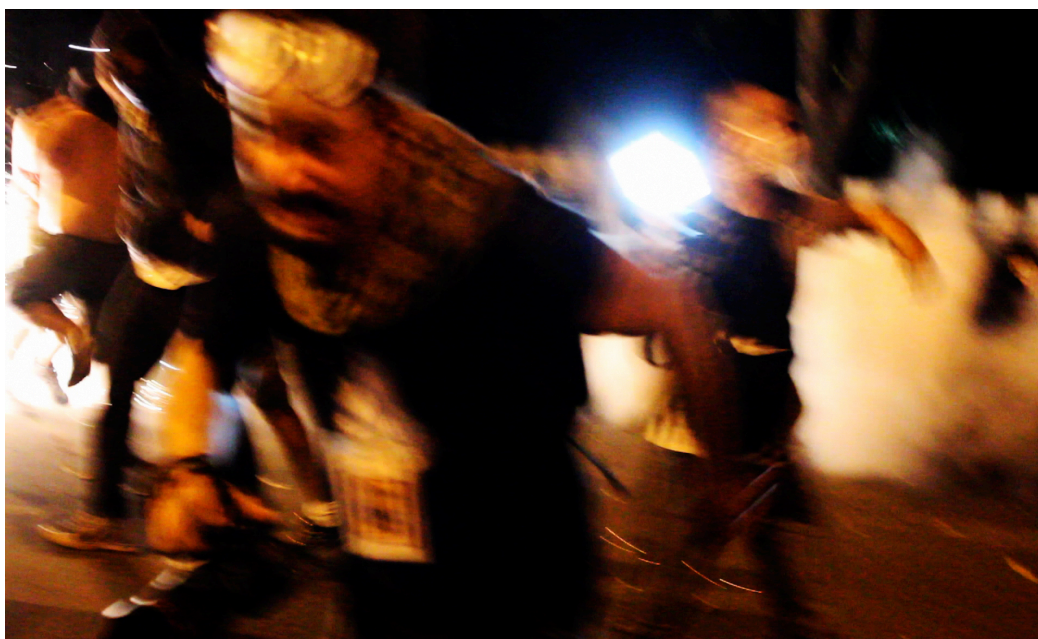


Figura 15

Na série de entrevistas que formariam o *Abecedário de Gilles Deleuze*, realizada por Claire Parnet nos anos 1988 e 1989, no diálogo a partir da palavra *gauche* (esquerda), o filósofo apresentaria uma concepção aparentemente contrária à de Godard em relação à ligação entre, por um lado, *ninguém* e a vivência e fala da exceção e, por outro lado, *todo mundo* e a vivência e fala da regra. Deleuze: “Eu afirmo: a maioria é ninguém e a minoria é todo mundo”⁹⁴. Ora, se todo mundo fala a regra e ninguém fala a exceção, como propõe Godard, seria, então a exceção dita pela maioria e a regra dita pela minoria?

Cabe aqui retomar o paradoxo exposto por Godard ao trazer junto com o ninguém nomes próprios. *Ninguém* diz a exceção, mas Cézanne, um nome próprio, a pinta, Rossellini, outro nome próprio, a filma. Como compreender essa ligação entre *ninguém* e os nomes próprios? Certamente não se trata aqui da concomitância possível entre a experiência do sujeito e a do fora-do-sujeito descrita por Rolnik. Retomando Rolnik, caberia recordar que a dimensão criativa da subjetividade está ligada justamente ao fora-do-sujeito. Não faria sentido, portanto, que o nome próprio remetesse ao sujeito, esse que está ligado ao campo da comunicação. Portanto, o nome próprio aqui não é uma referência ao sujeito, que simplesmente o identifique, mas sim a uma *assinatura*, tal como propõe Deleuze/Guattari em *Acerca do Retorno*: “a assinatura, o nome próprio, não é a marca constituída de um sujeito, é a marca constituinte de um domínio, de uma morada. A assinatura não é a indicação de uma pessoa, mas a formação aleatória de um domínio”⁹⁵.

Para compreender melhor essa noção de assinatura, cabe aqui retomar as imagens de arquivo dos manifestantes. Essas imagens são marcadas por acidentes, que dificultam o seu caráter comunicativo. Elas trazem para primeiro plano justamente sua materialidade singular. Não informam tanto sobre as pessoas ou lugares. Os borrões e estouros de luz chegam mesmo, por vezes, a desfazer os contornos reconhecivelmente humanos. A paisagem urbana chega a desaparecer, dando lugar a uma espacialidade diversa daquela organizada pela geometria da perspectiva. Os corpos e o espaço não têm contornos bem delimitados. Todas essas carac-

⁹⁴ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze, avec Claire Parnet*, Pierre-André Boutang (dir.), Video Editions Montparnasse, 1996. Utilizo aqui a tradução e transcrição integral do vídeo, para fins didáticos, disponibilizada pela Escola Nômade de Filosofia em: <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>, acesso em 14/08/2016.

⁹⁵ DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix. *Mil Platôs*, Vol. 4, São Paulo: Editora 34, p. 129.

terísticas refutam a ideia de possibilidade de um registro neutro dos acontecimentos. Ao contrário, evidenciam a presença de um ponto de vista. Trata-se de um ponto de vista interno ao acontecimento.

Os riscos da imagem provêm dos movimentos arriscados, das mãos que filmam enquanto precisam se proteger da polícia. Compreender que assinatura essas imagens implicam não é resgatar uma autoria. Não interessa colocar o problema nos seguintes termos: “quem é o sujeito que produziu essas imagens?” Trata-se de pensar que há nessas imagens, uma liberação das matérias de expressão e é nisso que consiste sua *assinatura*. Liberação essa que tem o potencial de fundar um novo território, uma vez que escapa ao restrito campo de controle da informação. A assinatura aqui é compreendida como colocação de código, que permite um atravessamento de meios, que os fluxos circulem. Ou seja, se a assinatura é tomada em seu potencial territorializante, o seu enfoque está em ser justamente uma linha de passagem entre indivíduos.

É nesse ponto que é possível retomar o problema da relação entre exceção e regra, *ninguém* e *todo mundo*. Segundo Deleuze, ninguém é maioria, porque a maioria é justamente um padrão vazio, um modelo ideal, com o qual *todo mundo* se identifica, mas que em última instância, *ninguém* pode ser. Nesse sentido, ser de esquerda seria refutar esse padrão estratificante para que enfim os devires-minoritários pudessem proliferar. Segundo o filósofo: “[s]er de esquerda é isso: saber que a minoria é *todo mundo* e que é aí que acontece o fenômeno do devir”⁹⁶. Ou seja, ser de esquerda significa inverter a relação entre o todo mundo, que fala a regra, e o ninguém que fala a exceção. Ser de esquerda é desejar (tomando o desejo na sua dimensão construtivista, produtiva, como ímpeto criador de agenciamentos que se inscrevem diretamente no *socius*) o dia em que não mais se almeje falar a regra, esta língua de ninguém, abstrata e sem assinatura, mas que todo mundo possa falar a exceção. É na fala da exceção que o ninguém adquire uma assinatura. É o que essas imagens dizem em sua assinatura que desafia o regime de visibilidade da mídia hegemônica, que provoca ruídos no fluxo das informações. Olhar para essas imagens e reconhecer suas potencialidades de contágio sensível é deixar que um ponto de vista se expresse sem almejar a língua abstrata da regra. É

⁹⁶ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze, avec Claire Parnet*, 1996. n.p, [grifo da autora].

deixar emergir a língua exceção, uma língua não necessariamente marcada por nomes próprios, mas certamente por singularidades, assinaturas mesmo que anônimas.



Figura 16

2.7

Imagens contra a polícia

Os manifestantes não resistem à polícia apenas ao escaparem de suas armas nos momentos de embate e ao se recusarem a ocupar apenas os lugares que os *coreopoliciais* lhes *comunicam* como possíveis. Resistem porque desobedecem aos modos estabelecidos de participação do sensível. Não apenas através da presença nas ruas, mas também pela transmissão de imagens. Há diversas maneiras e diferentes lugares de onde se participar da partilha do sensível, cada um deles pressupõe uma gama restrita de possíveis ou impossíveis. Quando a polícia se detém diante dos manifestantes, ela diz: “este não é o seu lugar”. Quando os manifestantes insistem em ocupar as ruas eles dizem: “queremos este lugar, pois não temos outro lugar.” *Acontece*, porém, que há um desentendimento entre a polícia e os manifestantes.

Se a polícia aparece visivelmente com a figura dos policiais que operam a “organização” (ou repressão) física nas ruas, é possível, contudo, compreender o

policial como um agente de uma lógica mais ampla que envolve uma gama bem maior de agentes em diversos cargos ou posições sociais. Para o filósofo Jacques Rancière⁹⁷, a *polícia* é todo o sistema legitimado de ordenação, de distribuição de poderes, partes e lugares em uma sociedade. É a *polícia* que determina os falantes e os não falantes de uma sociedade, ela distribui os corpos aos quais são permitidos certos modos de fazer, de ser e dizer. Essa concepção de *polícia* abarca aquilo que o senso comum entende por política. *Política*, segundo essa acepção, seria algo bem distinto do que supostamente fazem os políticos legitimados enquanto tais. A *política* requer o abalo da *polícia*. A *política* é um caso raro e o seu terreno por excelência é o desentendimento. Se as manifestações de 2013 proporcionam um terreno fértil para a *política*, é porque criam uma cena de claros desentendimentos.

Um desentendimento acontece quando um dos termos do debate não compreende o outro como falante ou simplesmente não vê os objetos de que este fala. O desentendimento está no confronto entre o que é visível e o que é invisível, o que é palavra e o que é ruído. Para que haja ordem numa sociedade é necessário que uns mandem e outros obedeçam, uns falem e outros apenas escutem. Para que isso aconteça os obedientes devem compreender a ordem e compreender que a ordem deve ser obedecida. Há a língua da ordem, compreendida por certos falantes e a língua dos problemas, compreendida e praticada por outros falantes. Há aqueles que podem compreender a língua das ordens, mas ao enunciarem problemas, soam como ruído para essa comunidade específica de falantes.

Numa manifestação, por exemplo, se um manifestante qualquer diante de uma ordem imposta por um policial (tal como é concebido pelo senso comum, um membro uniformizado da instituição policial), lhe coloca um problema, essa colocação tende a ser compreendida por essa outra parte como ruído. Ou seja, por vezes, na partilha do sensível, há um afastamento entre a capacidade falante e a contagem da palavra, ou seja, a compreensão da palavra pelos falantes da língua da ordem. Na mesma escola estadual do Rio de Janeiro ocupada onde conversei com os meninos que vestiam panos para enfrentar o choque, conversei com uma menina que desconfiava da contagem da sua palavra. Ela dizia que era a favor de que quebrassem coisas e realizassem práticas consideradas “vandalismo”. Considero

⁹⁷ RANCIÈRE, J. O Desentendimento — *política e filosofia*, 1996.

rica a sua formulação, disse: “se a gente não fizer barulho, como vão escutar a nossa voz?” Ou seja, ela sabia que, na distribuição de lugares da ordem estabelecida, não havia lugar para que escutassem a sua voz. Para tal, ela precisava criar uma cena que reconfigurasse a distribuição dos lugares e das possibilidades de fala. Tanto o exercício das práticas denominadas pela ordem como “vandalismo”, como a própria ocupação, na qual estávamos presentes, são exemplos ricos desses deslocamentos das fronteiras que delimitam quem e como se pode dizer algo.

Qual seria o meio mais propício de manter a ordem? De fazer com que todos se subjuguem à ordem sem se rebelar contra ela? Através da ficção da igualdade. A igualdade seria a única propriedade de todos os cidadãos, por isso mesmo é uma propriedade de nenhum. Sendo a igualdade de todos, ela não pode configurar uma parte específica. A liberdade “que é simplesmente a qualidade daqueles que não tem nenhuma outra (nem mérito, nem riqueza)—é ao mesmo tempo contada como virtude comum”⁹⁸. Por meio da liberdade, aqueles que detêm apenas a igualdade, participam do comum. Contudo, ao tentarem exercer a liberdade e serem reprimidos, revelam sua ausência de lugar no comum. Por isso, precisam criar uma cena específica para que possam tomar lugar. Nesses deslocamentos, os estudantes tentam articular um mundo comum “numa encenação paradoxal que coloca juntas a comunidade e a não-comunidade”⁹⁹. Criam uma encenação política ao juntarem aqueles que têm propriedades com aqueles que têm apenas igualdade e liberdade, impropriedades. A demonstração política não exige apenas uma argumentação, mas também uma abertura de mundo que possa abarcar essa argumentação.

Essas imagens interpelam a polícia ao expor o dano: mostram a impossibilidade de mostrar. Ou apenas a possibilidade de mostrar apresentando outra linguagem. Mostram a impossibilidade de estar ali e se comunicar produzindo as mesmas formas que caberiam em um jornal da mídia hegemônica. Quando os sem-parcela reivindicam uma parcela, ou quando os sub-representados querem se representar, o fazem enquanto borrão. Eles podem até aparecer nas capas dos jornais da grande mídia, mas, com raras exceções, a partir do ponto de vista dos outros, não eles mesmos enquanto falantes. Geralmente, apareceriam através das imagens

⁹⁸ RANCIÈRE, J. O Desentendimento — *política e filosofia*, 1996, p. 23

⁹⁹ Ibid., p. 66

produzidas pelos cinegrafistas que se situam à distância do acontecimento¹⁰⁰.

Essas imagens estão neste limiar entre o visível e o invisível porque se situam entre a ausência de parcela e a reivindicação de parcela. É na aparição dessas imagens que pode acontecer a política: “A política existe quando a ordem natural da dominação é interrompida por uma instituição de uma parcela dos sem-parcela”¹⁰¹. Anita Leandro ajuda a pensar essa tensão ao se debruçar sobre um filme de título curioso: *Sans images [Sem Imagens]* (França, 2006). Trata-se de uma obra anônima, realizada por estudantes ao longo de uma greve marcada por intensos conflitos com a polícia. Como em 2013, por filmarem de dentro do conflito, muitas vezes suas imagens eram relegadas a não mostrar a cena para além dos borrões causados pelo tremor das mãos dos cinegrafistas, por isso esse título quase paradoxal, tratando-se de uma obra audiovisual. A pesquisadora assinala a novidade desse ponto de vista, uma vez que não fosse a difusão do digital, seria pouco provável. Assim, ela nota um momento de emergência contemporânea dos “sem-imagens”, tanto de povos que antes tinham menos acesso a tecnologias de produção de imagens, quanto aos que antes tinham um acesso mais restrito a certas situações e agora podem produzir imagens mesmo em ocasiões de risco:

No contexto histórico atual, a realização de materiais audiovisuais fora dos circuitos tradicionais de produção e de distribuição é uma atividade política e estética da maior importância, que envolve, no Brasil e no mundo, prisioneiros, índios, sem-terra, estudantes, trabalhadores, manifestantes, grevistas, e grupos sociais inscritos em situações de urgência. Em diferentes países, os “sem imagem” foram para trás das câmeras. (...) inauguram um novo ponto de vista sobre o presente, um ponto de vista interno em relação às lutas sociais. Surge aí, uma nova produção audiovisual, que projeta em direção ao futuro uma imagem diferenciada do presente, pois proveniente da ação política direta.¹⁰²

¹⁰⁰ Cabe aqui uma pequena ressalva. A Rede Globo chegou a usar brevemente imagens de manifestantes que circulavam na internet diante da grande visibilidade que alcançaram por fora, nas redes. Houve também a tentativa de incorporar repórteres que transmitissem as manifestações ao vivo e de dentro, na tentativa de se aproximar da estética da Mídia NINJA e dos midiativistas em geral. Contudo, a tentativa foi frustrada uma vez que esses repórteres não eram bem aceitos pelo coletivo de manifestantes.

¹⁰¹ RANCIÈRE, J. O Desentendimento — *política e filosofia*, 1996, p. 26

¹⁰² LEANDRO, Anita. Sem Imagens. *ESTUDOS DA LINGUA(GEM)*, v. 12, n. 1, p.121—134, jun. 2014, p. 123

Quando os manifestantes interrompem o fluxo das ruas, desfazem a naturalidade da ordem da dominação ao criarem uma cena onde enfim podem aparecer enquanto falantes. A consequência disso é a aparição de um imensurável próprio do desentendimento: ali onde falam mostram a distância entre a fala, a sua palavra, e a contagem da palavra. Esta palavra será contada ou compreendida como mera exceção a ser banida? Será compreendida como mero distúrbio da ordem a ser repreendido ou como uma abertura de possíveis? Certamente a compreensão variará de acordo com o ouvinte. Por parte da polícia, apreendida em seu espectro amplo, a resposta já foi enunciada. No entanto, talvez outras escutas ainda possam seguir emergindo e se contrapondo a essa.

Ao falar uma outra língua, os sem-parcela, ou os “sem imagem” desmantelam o próprio fundamento da dominação: a suposição de igualdade. É o que acontece quando manifestantes “literalizam o ‘espaço público’ as vias de *comunicação urbana*”¹⁰³. Enfim, tanto nas imagens que *resistem* à lógica da comunicação, quanto a própria presença dos corpos que *resistem* à lógica das “vias de *comunicação urbana*”, há um potencial político. Mas esse potencial não está meramente na resistência. Está no encontro. O encontro entre duas lógicas distintas. Está no encontro entre a pressuposição de subordinação à ordem policial, por parte dos policiais e da mídia hegemônica, e na apresentação de novos falantes que aparecem enquanto falantes, justo ao não se subordinar (e na ordem só podem figurar enquanto borrões). A política dos borrões está, contudo, em riscar a naturalidade das imagens da ordem. Apresentando-se outra lógica possível, risca-se a naturalidade das determinações entre os possíveis e os impossíveis.

Ao mesmo tempo em que essas imagens iam sendo produzidas e divulgadas através dos veículos alternativos, muitos criados ao longo das manifestações, uma nova comunidade de espectadores ia se formando. Novas redes iam se criando, como as citadas páginas dos Black Blocs, que existem até hoje. Assim como a cena de um *acontecimento* político é inantecipável, os sujeitos que a constituem e a linguagem que usarão também o são. Rancière quase afirma que a política é assunto de sujeitos, mas logo após refina sua colocação ao afirmar: “A política é assunto de sujeitos, ou melhor, de modos de subjetivação”¹⁰⁴.

¹⁰³ RANCIÈRE, J. O Desentendimento — *política e filosofia*, 1996, 42-43 [grifo da autora].

¹⁰⁴ Ibid., p. 47

Nos capítulos que se seguem busco investigar os modos de enunciação ligados a esses modos de subjetivação em emergência nas manifestações iniciadas em junho de 2013, que se estendem até outubro do mesmo ano. Destaco apenas o que diante da linguagem da comunicação foge à visibilidade ou à audibilidade informacional, o que nesse regime se manifesta enquanto erro, borrão ou ruído.

3.

Olhar tátil para peles porosas: o acontecimento visual

Para a manifestante fotógrafa

Neste capítulo, propõe-se uma reflexão sobre o desafio de tocar as imagens e ser tocada por elas. Na cultura contemporânea ocidental, diante da avassaladora quantidade de imagens que nos perpassam, como se deter demoradamente diante de uma imagem? A partir do ensaio *Cascas* escrito em 2013 por Didi-Huberman, que promove um passeio desacelerado pelas imagens que apresenta, proporcionando um contato aproximado com elas, desenvolvo a tentativa de criar aproximações com imagens das manifestações de junho daquele mesmo ano no Brasil. As noções de corpo, memória e olhar desenvolvidas poeticamente no *Breviário sobre o corpo* de Lygia Clark e reflexões sobre o estatuto da pele na contemporaneidade desenvolvidas por Maria Cristina Franco Ferraz no recente seminário *Eros e Dionísio*, ajudam a entrelaçar as cascas da imagem com as peles dos corpos que delas se aproximam.

3.1

Dar as mãos

Nas manifestações de 2013, sobretudo nos momentos de risco, aprendemos muito sobre ativar o tato. O ciclo de manifestações que se iniciava em junho com a luta contra o aumento das passagens tem um marco do seu fim no dia 16 de outubro. Nesse dia, a fatídica prisão dos mais de 70 manifestantes seguida da manchete “Lei mais dura leva 70 vândalos para presídio”, divulgada no jornal *O Globo* com um elogio à repressão “bem-sucedida”, constituíam a combinação da violência física, jurídica e simbólica necessária para tornar o ar irrespirável. Se havia meses o gás lacrimogêneo e demais bombas que causavam tosse, lágrimas, pequenos desmaios e graves ferimentos já vinham afastando muitos das ruas, agora a conjunção de forças coercitivas impelia com mais contudência a retirada dos corpos que insistiam na ocupação da cidade. O aparato *policial*, em suas diversas facetas impedia o ato *político* de seguir acontecendo. De junho a outubro, uma

série de marcas ia se inscrevendo nos corpos insistentes. Na última vez que encontrei com o recém-falecido Sérgio Luis Santos das Dores, o “Presidente”, conhecido morador de rua, figura constante na antiga Casa Nuvem e militante ativo de diversos movimentos no Rio de Janeiro, como o Ocupa Câmara (2013) e o Ocupa Rio (2011), ele levantou a calça, me expôs a sua perna e disse que sua memória de 2013 eram as cicatrizes inscritas por balas de borracha na sua canela. As feridas dos meus amigos, sob o signo do medo, aos poucos se inscreviam em mim.

Naquele quinto mês de protestos contínuos, uma sensação de repetição me trazia um cansaço e a impressão de que talvez fosse o momento de sair das ruas e pensar novas estratégias de ação política. No entanto, na manifestação anterior, um manifestante caiu e ficou de cama (situação que se manteria por mais alguns meses). Sua imobilidade me reativou a sensação de revolta e a necessidade de me mover. Muitos outros já acumulavam machucados, mais ou menos graves, e estavam fisicamente impossibilitados de continuar. Intuí que vivia um processo em vias de terminar e senti a necessidade de registrar com mais precisão.

Saí com duas amigas e nos revezamos na operação do som e da câmera. Era a primeira vez que eu saía com um gravador e microfone direcional além da câmera. Dois anos depois, em 2015, ouvindo a gravação, me surpreendi com a quantidade de vezes que repetia estar com medo. Eu avisava que ia embora, mas alguma coisa me prendia ali e eu continuava, até que uma ofensiva do BOPE me dispersou das minhas amigas e distanciou minha voz do microfone. Foi quando tive notícias de que tiros “de verdade”¹⁰⁵ tinham atingido um manifestante não muito distante.

Queria fazer um filme que nunca cheguei a montar. A demanda de correr acabava sempre por impedir os movimentos suaves de uma câmera na mão ideal, o ajuste do foco e a precisão dos enquadramentos. As imagens ficaram esquecidas em um HD qualquer.

Na correria de um avanço da polícia, me dispersei do meu grupo, o equipamento estava nas mãos das minhas amigas. Segui de mãos livres.

¹⁰⁵ Que não são os de borracha, os oficialmente letais. Sobre o manifestante ferido ver a seguinte notícia, vale a pena ler atentamente a construção do perfil do manifestante, que foca na sua associação estreita com o vandalismo. Ver PAIVA, Gabriel de. Jovem baleado em protesto diz não saber de onde vieram os tiros. *O Globo*, 16 out. 2013. Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/jovem-baleado-em-protesto-diz-nao-saber-de-onde-vieram-os-tiros-10379801> Acesso em 13 de janeiro de 2016.

A polícia vinha de múltiplas direções e a impressão que eu tinha era de estar cercada. Queria ir embora. Estava correndo e respirando ondas de gás havia pelo menos umas duas horas. A pior medida a tomar era sair sozinha. A polícia, fora do alcance do olhar dos outros, usufrui de mais poderes. Estava na Rua do Passeio, próxima da Cinelândia. O metrô, como de costume nos momentos de confronto, estava fechado. Indo em direção a Zona Sul, só era possível pegar ônibus a partir do Catete. Perguntei para um menino mascarado de roupas pretas que passou por mim: “por onde eu saio?”. Não me lembro de por que e nem de quem veio a iniciativa, mas sei que, de novo premidos por alguma ofensiva da polícia (a aproximação do choque? alguma bomba?) nos demos as mãos. Corremos juntos. E assim seguimos até não lembro que momento exatamente. Fomos andando juntos até mais ou menos a Rua Cândido Mendes, na Glória, quando me deparei com mais uma estação de metrô fechada. Despedimos-nos e enfim nos apresentamos. Não lembro o nome dele, nem o rosto. Seguimos direções diferentes.

Dele, não registrei nem uma imagem, apenas o gesto, que recordo com certa vergonha. Eu realmente não consigo lembrar o momento exato em que demos as mãos e rememorando a cena sempre me parece meio sem sentido. Pelo nosso caminho, já nos distanciando do conflito, vários ônibus, motos e um grande contingente policial nos encarava. A presença dele me deu uma segurança. Talvez eu não lembre porque realmente não importava o rosto dele. Ele era mais um vestido de preto, assim como para ele, eu era mais uma vestida de preto. Assim como as minhas amigas, que eu perdera de vista. Assim como os que se machucaram. Bastava saber que nos daríamos as mãos caso necessário. Os Black Blocs, aliás, têm o costume de se apresentar em correntes de braços dados, é como fazem frente aos blocos de escudos dos policiais. Não éramos concebidos como “cidadãos”, mas “vândalos”. Denominação essa que legitimava a violência sobre os nossos corpos, assim como deslegitimava todos os nossos gestos. Mas esse, de dar as mãos, permaneceria invisível aos outros. Uma fraternidade secreta, mas compartilhada por uma multidão.

3.2

Construir com as mãos

Sou da família dos batráquios: através da barriga, vísceras e mãos, me veio toda a percepção sobre o mundo. Não tenho memória, minhas lembranças são sempre relacionadas com percepções passadas, apreendidas pelo sensorial. Num lapso de segundo eu me sinto tomada pela quentura da mamadeira na palma da mão, acompanhada pelo gosto do leite morno que desce devagar, deixando um rastro de bolhas atrás de si. Experiência esta, talvez a mais remota dentro da minha vivência, inscrita no meu passado, que se faz presente ainda hoje.¹⁰⁶

Assim Lygia Clark inicia o seminal ensaio *Breviário sobre o corpo*, um ensaio sem data. “Não tenho memória” é uma frase no mínimo curiosa para preceder a extrema acuidade de detalhes da lembrança que segue. A experiência vivenciada no passado se faz presente “hoje”. Teria sido uma estratégia deliberada não registrar a data da redação do seu texto? Um esquecimento proposital? Como poderia situar essa escrita na divisão arbitrária dos dias de um calendário? A barriga, as vísceras e as mãos conhecem a contagem dos dias? A família dos batráquios conhece o isolamento dos indivíduos que percorrem separados e disciplinadamente os dias um por um? A experiência tátil da mão que tocou o calor da mamadeira é o fio condutor da lembrança. Certamente, na cultura ocidental cada vez mais centrada na visualidade, notadamente marcada pela circulação ostensiva de imagens, o tato tende a ser considerado um sentido menor. Nessas breves linhas de alta concisão poética, Lygia ensaia ver o mundo a partir de “mãos-olho”. Nesse universo tátil apresenta “olhos cegos que conhecem pelo tato o redescobrir da pele, dos pêlos, das gorduras, das asperezas”¹⁰⁷.

A filósofa Maria Cristina Franco Ferraz, em comunicação recente denominada *Eros, Poros: pele e desejo*¹⁰⁸, comenta os impasses da pele na contemporaneidade. Impasse, palavra de origem francesa, significa a impossibilidade de dar sequer um passo, evoca a ausência de saída, ausência de passagem. A atualidade seria marcada pelo fechamento dos poros. Poros, na mitologia grega, é filho de Métis, a astúcia. Representava, portanto, uma figura astuciosa, expediente, reconhecida pela capacidade de encontrar saídas. No vocabulário filosófico, a negação

¹⁰⁶ CLARK, Lygia. Breviário do corpo. Arte & Ensaios, n 16, p. 114—125, 2008, p.115.

¹⁰⁷ Ibid., p.116

¹⁰⁸ Comunicação apresentada no dia 14 de setembro de 2016 no seminário internacional *Eros e Dioniso: amor e sexualidade na cultura contemporânea*, organizado por Paula Sibilia e Marianna Ferreira Jorge. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=u8JzeOmxxsLQ&t=3034s>> Acessado em 07 de dezembro de 2016.

de poros, a impossibilidade de saída, é remetida no uso reiterado da palavra “aporia”.

Ferraz encontra no material teflon, sucesso comercial, um elemento interessante para pensar a pele neste início de século. O teflon tem duas características principais: baixo coeficiente de atrito e impermeabilidade. Ou seja, trata-se de uma superfície notadamente não porosa. Pelo teflon, tudo desliza, nada se detém. Tecnologia compatível com uma sociedade da imagem e do espetáculo, marcada pela circulação incessante de informações, que exige cada vez mais a circulação e flexibilidade dos corpos e de suas construções midiáticas. Segundo a definição da Wikipedia: “A principal virtude desse material é que é uma substância praticamente inerte”¹⁰⁹. O teflon dificilmente reage a outras substâncias, livra-se rapidamente das gorduras, das asperezas, desse universo de singularidades múltiplas que a “mão-olho” de Lygia Clark descobre reagindo. Ferraz assinala, tendo em vista o fluxo propiciado por essa pele teflon que: “o deslizar incessante sobre superfícies lisas escorregadias por entre tarefas fragmentadas tende a bloquear a inscrição de acontecimentos no corpo”¹¹⁰. Nota ainda um descompasso entre um imperativo de movimento, a exigência de constante deslocamento desses “corpos acelerados e fechados”¹¹¹, a demanda por se conectarem e desconectarem incessantemente no regime *full-time* e *non-stop* do capitalismo em sua fase atual¹¹², e, por outro lado, um certo enclausuramento sensível e afetivo. Uma conjunção quase paradoxal entre hiperconexões e blindagens a atravessamentos.

O continuum do tempo, acentuado pela quase onipresença de dispositivos de comunicação *online*, nos quais conteúdos fluem ininterruptamente, proporciona uma expatriação do instante, elemento tão caro à poética de Clark. A inscrição de acontecimentos no corpo talvez necessite de acontecimentos que abram os poros. Ferraz lembra que Eros é filha de Poros, remetendo a um parentesco íntimo entre Poros e Eros. Ou seja, entre porosidade e desejo. Eros nasce de um encontro for-

¹⁰⁹ Verbete da Wikipédia. Disponível em <https://fr.wikipedia.org/wiki/T%C3%A9flon> Acessado em 21 de fevereiro de 2017.

¹¹⁰ FERRAZ, M., Eros, Poros: pele e desejo, 2016. Transcrição minha a partir do vídeo. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=u8JzeOmxxsLQ&t=3034s>> Acessado em 07 de dezembro de 2016.

¹¹¹ Ibid., n.p.

¹¹² Diagnóstico influenciado pelo livro 24/7 – Capitalismo Tardio e os Fins do Sono, do autor Jonathan Crary (Editora Cosac Naify, 2014.)

çado e um tanto clandestino entre Penia e Poros. Poros, além de astucioso, representava a riqueza, mas Penia era uma figura da pobreza, o que remete a um traço de precariedade sempre presente em Eros. Em aproximação com essa mitologia, é possível ensaiar uma ligação entre uma pele porosa e seu caráter ativador de uma produção desejante. Lygia Clark, ao ver o seu corpo com “mãos-olhos” ativava uma inteligência criadora, desejante. A inteligência da artista é de “mãos-olho”. Ela vê com as sensações da pele:

Mãos que eram as únicas peças inteligentes do meu corpo, fora as vísceras de onde brotaram vômitos e haustos de intuições para construir-se a realidade do meu mundo. Mãos que cavaram a minha permanência no mundo, que abriram a minha passagem através do novo nascimento depois da letargia violenta e branda loucura que se estendera por 27 anos. Mãos mágicas que no momento da crise da opção tiveram o desejo de, com uma faca, tirar todas as diferenças dos dois mundos em conflagração. Mas que tiveram também a sabedoria da espera e por um pequeno lapso de tempo compreenderam que, se elas podiam destruir com tal desejo e violência, poderiam também reconstruir este corpo composto de uma cabeça alienada, de um coração frouxo, de um sexo calado, rancoroso e surdo. Mãos que andaram nesta ocasião pelo meu corpo, como um carrinho de mão, medindo-o, analisando-o, afaçando-o e trazendo até o meu conhecimento todas as necessidades deste corpo até então inerte e morto. Mãos que passaram pela minha sensualidade como um arado, desdobrando, revolvendo, remexendo, mãos que arrumaram minha cabeça como uma grande gaveta em desordem. Mãos que redescobriram minha face no contato do relevo, montanhas mágicas, terra árida e cabeluda, áspera e macia como plaina plantada, ou charco onde pululavam e coaxam sapos, cobras, lagartos, insetos, larvas e vermes.¹¹³

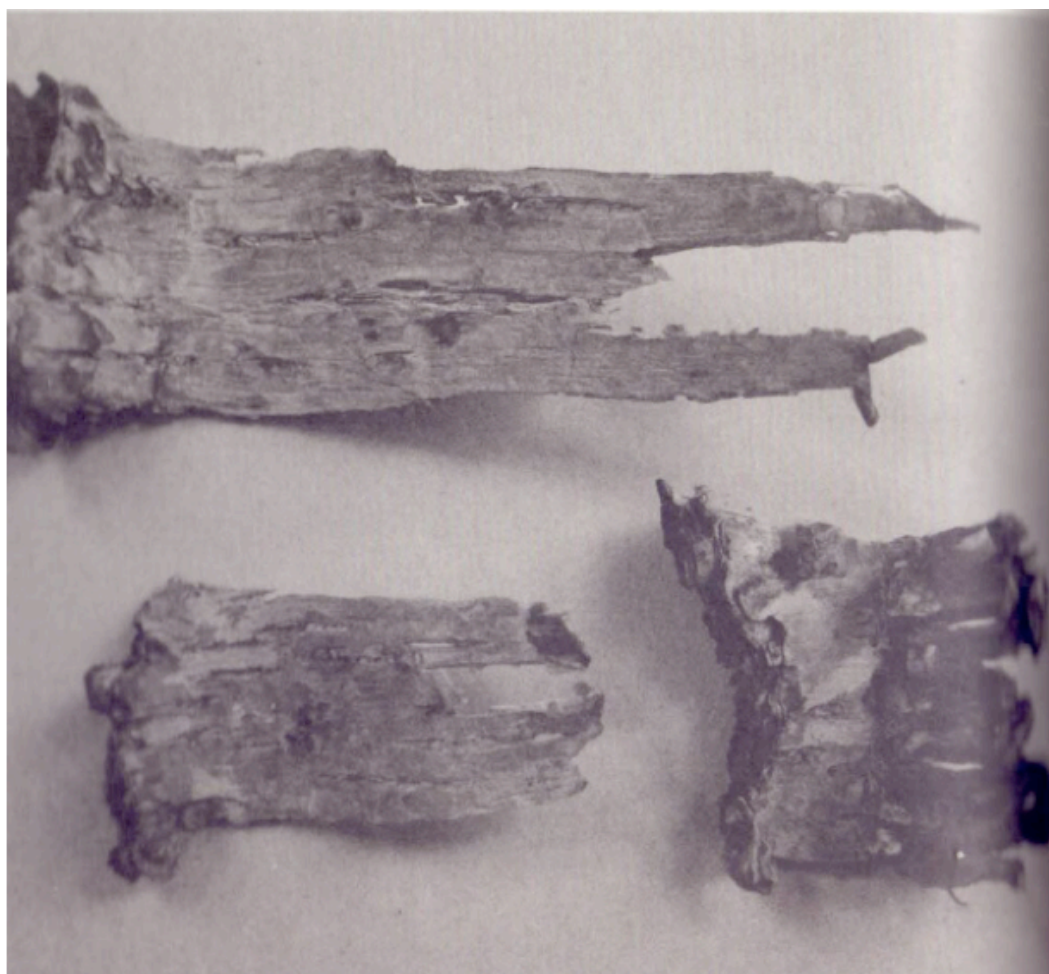
As mãos de Lygia abrem passagem. As mãos de Lygia não repousam sobre a realidade do mundo, mas constroem a realidade do seu mundo, assim como constroem o seu próprio corpo que é mundo. O corpo organizado, composto por uma “cabeça alienada”, cujo sexo é “calado” e o coração “frouxo”, tem sua inércia (característica elementar do teflon) desativada pelo erotismo da mão, que leva a

¹¹³CLARK, Lygia. Breviário do corpo. *Arte & Ensaios*, n 16, p. 114—125, 2008, p. 116.

cabeça a se configurar como uma “grande gaveta em desordem.” A sua face não tem uma imagem estável, como se poderia exigir de um sujeito com identidade fixa cuja imagem do rosto é cravada em seus documentos, mas precisa ser “redescoberta” pelo tato. O “redescoberto” assinala a possibilidade de descobrir de novo, não se deparar sempre com o mesmo. Ferraz ajuda a pensar a pele não como “mero invólucro ou embalagem”¹¹⁴, como algo que abriga uma interioridade isolada do fora, mas como interface dentro/fora, meio de comunicação direto, não mediado, um limiar de trocas, constitutivas tanto do dentro como do fora, instabilidades em reconfiguração contínua dos seus limites.

3.3

Ver com as mãos



¹¹⁴ FERRAZ, M., Eros, Poros: pele e desejo, 2016. n.p.

Figura 17: Fotografia de Didi-Huberman em Birkenau, publicada junto com o ensaio “Casca”, na revista *Serrote*, em 2013.

Didi-Huberman verifica a importância de se atentar para a pele das coisas. Uma pele dispara o seu ensaio *Casca*, é a pele de uma árvore bétula, uma casca arrancada por suas próprias mãos. Trata-se de uma matéria cujas qualidades são radicalmente distintas do teflon. São superfícies acidentadas, pelas quais uma mão não pode deslizar sem atrito, ricas na sua capacidade de inscrever sensações diversas. Oferecem singulares passagens e caminhos ao toque, uma lasca nunca é exatamente igual à outra, e cada uma se modifica visivelmente com o decorrer do tempo. São essas árvores, as bétulas (em alemão *Birken*) o elemento destacado para nomear o campo de extermínio nazista Birkenau, tradução alemã para Brzezinka, que significa “floresta de bétulas”. Pisar nesse terreno e ver essas árvores, ainda presentes, era se deparar também com um passado que embora de alguma forma latente, não poderia ver e talvez sequer imaginar:

Meu amigo Henri, que me acompanhava — e cuja impassível serenidade me fizera decidir dar o passo dessa viagem —, me contou ter me ouvido dizer: ‘Isto é inimaginável’. Foi o que eu disse, claro, como todo mundo. Mas, se devo continuar a escrever, ajustar o foco, fotografar, montar minhas imagens e pensar isso tudo, é precisamente para tornar uma frase desse tipo incompleta. Cumpriria dizer: ‘Isto é inimaginável, logo devo imaginá-lo apesar de tudo.’¹¹⁵

Mais adiante, seguindo sua ronda acerca do inimaginável e constatando tanto a dificuldade tremenda de tornar o horror imaginável, por parte das vítimas, quanto a serventia estratégica de manter o horror inimaginável, por parte dos opressores, o filósofo responderia com um gesto, uma ação: “A partir desse momento, fotografei praticamente qualquer coisa às cegas”.¹¹⁶ O paradoxo de imaginar o inimaginável se desenvolve a partir do ato de fotografar o infotografável, concretizado no gesto (desesperado ou extremamente esperançoso?) de fotografar “às cegas”. Fotografar com as mãos. Didi-Huberman caminha ciente de que o seu objeto não está visível, por isso não sabe para onde apontar a câmera. E ainda as-

¹¹⁵ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Casca*. *Serrote*, n. 13, 2013, p. 111.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 113

sim aponta, na esperança de que o gesto mesmo de fotografar desvele algo. E ainda assim escreve, monta, ciente de que essas imagens não podem mostrar tudo e por isso convocam um movimento de perpétua montagem, escrita, reescrita, redescoberta. As imagens pedem passagem, a escrita pode abrir os poros da imagem. Erguer os vestígios para que o passado não se deixe soterrar. Catar as cascas do chão. Arrancar delas outras cascas. Tocá-las. Como o fio de um novelo que se desenrolasse infinitamente, segurar uma ponta de memória, puxá-la até o fim, ciente de que nunca o objeto final será alcançável. Manter, contudo, a responsabilidade de uma ligação — mesmo que bamba — com o inalcançável.

A efetividade de suas fotografias consiste mais na afirmação de um compromisso (inimaginável seria recuar, resignar-se diante do unimaginável), do que no objetivo de efetivamente retratar algo, meramente representar objetos ou uma paisagem já visíveis de antemão. É nesse sentido, que as imagens trêmulas dos manifestantes têm uma ligação com o gesto que se efetua nesse passeio do filósofo. O manifestante que não desliga o seu celular diante da impossibilidade de filmar, tendo o seu corpo acometido por policiais, e não deixa de publicar suas imagens na internet mesmo diante da suposta abstração a que foram condenadas pelas circunstâncias, ensaia uma aproximação com o gesto de Didi-Huberman, resguardando-se aqui toda a diferença intrínseca aos contextos em que cada um se encontrava. Analiso aqui algumas imagens produzidas por nós naquela noite de outubro de 2013.



Figura18: Assim como as figuras que seguem, frame de vídeo produzido por manifestante no dia 16 de outubro de 2013.

Nesta imagem, ainda é possível ver claramente um referente. A tropa de choque está posicionada quase que frontalmente em relação à câmera. É possível ainda distinguir os elementos da paisagem que circunda a tropa. Uma árvore à esquerda, um foco de fogo no centro, um carro policial à direita. Já nem tão explícitos, embora ainda reconhecíveis, os prédios ao fundo. No entanto, as mãos que filmam e que fojem, mãos que se movem, logo prejudicam a identificação do referente. É provável que os policiais tenham avançado em linha reta, ou apenas tenham se detido ali enquanto outros jogavam bombas. O fato é que, como mostra a sequência a seguir, a imagem imprime um movimento ora vertical e ora horizontal, que indica a expressão das mãos, que agiam segundo o balançar do corpo, o movimento ondulatório de sobe e desce de uma corrida, e os desvios de um lado para o outro de quem não pode seguir uma linha reta, o zigue-zague de quem não tem o domínio exato do caminho que traça. Os movimentos bruscos acabam por se destacar na imagem, reforçando a presença do ponto de vista que se desloca na paisagem, do descontrole das mãos ao correr.

Este borrão, com um direcionamento vertical, parece ser fruto de uma súbita subida das mãos:



Figura 19

Já o borrão a seguir, apresenta riscos horizontais, deslocamentos das mãos de um lado para o outro causam esse efeito sobre a imagem dos policiais, que

provavelmente não se moviam de um lado para o outro. Parece ser proveniente de um zigue-e-zague da imprecisão da corrida.

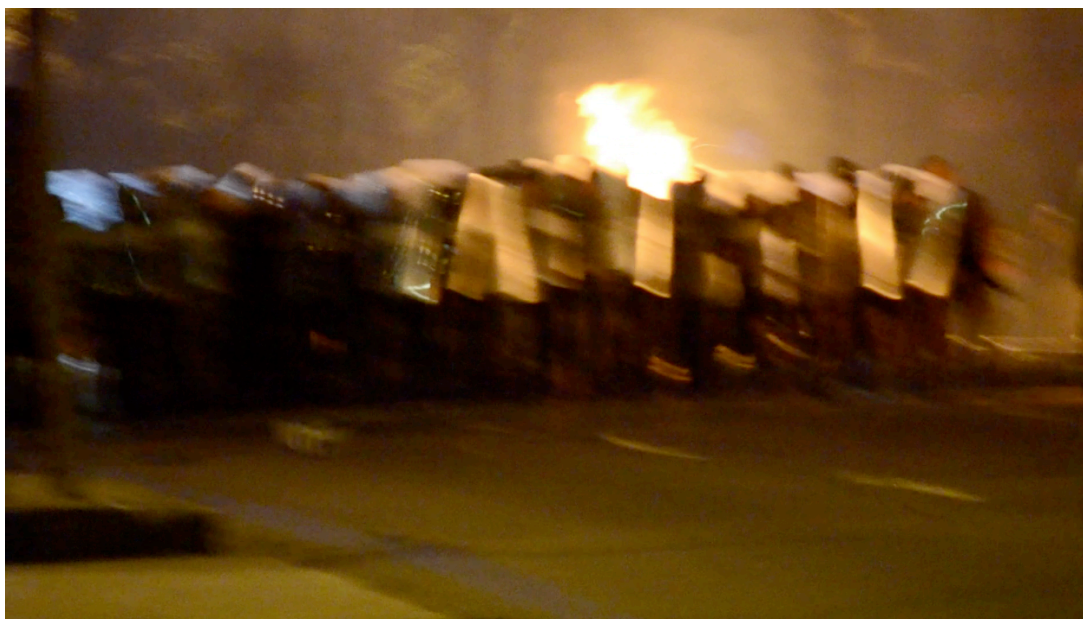


Figura 20

Por que mexer a câmera para cima e para baixo? Em que medida esses gestos corroboram o intuito de registrar o acontecimento? Nota-se que o caráter informacional e facilmente legível da imagem encontra-se prejudicado. Contudo, é nesta aparente ilegibilidade que residem suas condições de existência. Mais adiante, registra-se um manifestante (também ele não identificável) que corre. E logo mais, a câmera mostra-se um pouco mais distanciada do choque. Ao registrar este que corria, as mãos que a seguravam também estavam a correr. O que se vê na última imagem é uma atmosfera esfumada, indicando a presença de gás lacrimogêneo, o que dificulta a capacidade de segurar a atenção do olhar necessária para filmar.



Figura 21



Figura 22



Figura 23

No passeio por Birkenau, Didi-Huberman lamenta o tratamento dado às imagens tiradas por um membro do Sonderkommando em agosto de 1944, único testemunho visual de execução por meio de gás em um dos campos de extermínio nazistas. As imagens foram modificadas para serem apresentadas de maneira mais legível. Capturadas em situação de extremo perigo, não puderam resguardar a precisão técnica necessária para mostrar, da maneira a mais facilmente compreensível, a cena que se pretendia transmitir. O que se transmitiu com a imprecisão do foco e do enquadramento foi a extrema dificuldade, o perigo a que estava submetido o fotógrafo e, assim, a dimensão de risco, de coragem e resistência contida no gesto de clicar. Apesar de. Ao suprimir os restos da imagem e reenquadrar apenas o seu espaço valoroso do ponto de vista informativo, deixava-se de lado uma camada de experiência impressa na imagem. Porém, é justo no caráter supostamente defeituoso da imagem que consiste o rastro da transformação do “seu *trabalho servil*, seu trabalho de escravo do inferno, num verdadeiro *trabalho de resistência*”¹¹⁷. Esse caráter falho demonstra a impossibilidade do membro do Sonderkommando de simplesmente estar lá como fotógrafo; ele estava lá para exercer outro trabalho. No entanto, mesmo ao escapar e assim produzir um testemunho, acaba deixando a marca das forças que o impediam de fazê-lo.

¹¹⁷ DIDI-HUBERMAN, Georges. Cascas. *Serrote*, n. 13, 2013, p. 124

É evidente que, ao propor uma relação, de forma alguma quero esboçar aqui uma equivalência entre a gravidade das situações. Pelo contrário, há de se frisar aqui que, em 2013, a presença de câmeras e registros por parte dos manifestantes foi extensa, quase obrigatória. Apenas uma minoria dos manifestantes saía talvez sem algum dispositivo que filmasse. Além de que a divulgação dessas imagens era feita de maneira imediata em amplas redes na internet. O objetivo mais evidente dessas imagens, contudo, era informar sobre os acontecimentos. Desse ponto de vista, esses frames que destaquei aqui, seriam menos efetivos. O que se tem verificado no uso dos arquivos nos documentários recentes sobre o período é o privilégio dos momentos mais claros dos registros, compreendendo essas imagens “falhas” como mero resto. Talvez seja possível, no entanto, resguardando as diferenças radicais entre os contextos históricos, políticos e tecnológicos, esboçar, algum ponto de contato, algum grau de persistência, na captura do gesto de resistir, na tentativa de testemunhar algo diante de forças que impedem essa ação.

No caso da manifestante, se, por um lado, o choque deixa de figurar na imagem, a sua falência em demonstrar claramente o referente capta as forças de repressão que a impediam de dar a ver aquela situação sem o rastro do tremor de suas mãos. Por que as imagens da grande mídia, produzidas a partir de helicóptero, tem a qualidade técnica impecável? Os riscos da imagem são também um registro dos riscos dos quais a manifestante tinha que correr.

3.4

Debruçar-se, olhar de poros abertos

Seria o escape de referente o que torna essa imagem superficial? E, portanto, descartável? Ou será que ela pode resistir como um ato coletivo? Que não tenha exatamente um significado a ser compartilhado, mas algum sentido? Ou seja, como um gesto que não necessariamente comunica, mas expressa algo? O que ela apresenta para além dos pixels de sua superfície acidentada? O que além dos estouros de luz? Didi-Huberman afirma que “Há superfícies que transformam o fundo das coisas ao seu redor”¹¹⁸. Seria possível, a partir do olhar para essas imagens, desfazer a metafísica que opõe aparência e essência, com prejuízo do primeiro

¹¹⁸ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas. Serrote*, n. 13, 2013, p.131

termo, que não faria mais do que “esconder” o segundo, verdadeiro e relevante? Se a superfície é o que cai das coisas, desprendendo-se e ainda assim procedendo das mesmas, seria possível uma operação que considere digno abaixar-se para as recolher? Debruçar-se sobre essas imagens é considerar que resguardam algo do acontecimento, são latentes. E mais ainda, seria na medida em que pulsam, ardem, que podem transformar “o fundo das coisas ao seu redor”? Como se aproximar delas?

Em outro texto, intitulado, *O pensar debruçado*, Didi-Huberman propõe o gesto de se debruçar como engajamento de aproximação tátil das imagens. Uma abordagem do olhar não se separa da intenção com a qual a convocamos. A vista sobrepujante de quem olha de cima (o filósofo oferece o exemplo radical dos pilotos de avião de bombardeio) tem o conforto de contemplar formas. Na distância ideal, é mantida a possibilidade de estabilizar o mundo diante de coordenadas objetivas, geométricas, geográficas. Na distância ideal, é dado ver “bem”, controladamente, mensurar o espaço, as linhas divisórias, os contornos. Os que veem de cima se protegem do risco de estar “face à possibilidade aberta — escancarada — que o que vejo de cima venha acidentalmente sugar-me e destruir-me com suas terríveis potências materiais”¹¹⁹! Já o pensamento debruçado parte da tentativa de tornar inteligível suas experiências sensíveis, ciente dos hiatos e de toda a dificuldade de correspondência entre essas duas instâncias. A visão abrangente decorrente do movimento de aproximação exige um corpo implicado na imagem e no espaço, que já não podem mais ser absolutos “de modo que o não-saber faz parte deste outro banquete do olhar”¹²⁰. O gesto de se debruçar desencadeia acontecimentos. Buscar tocar as imagens pode trazer a consequência de ser tocado por elas. Uma memória pode emergir e se inscrever no momento, no “hoje”, da observação.

Lygia Clark, em seu texto *Breviário sobre o corpo*, registra os embaraços vivenciados pelos corpos de “mãos-olho”, por aqueles que tentam capturar de perto um instante:

O corpo que se volta à procura da percepção do instante, (...) que se debruça sobre si mesmo no momento da náusea da não percepção, que vo-

¹¹⁹ Didi-Huberman, G., *Pensar debruçado*, 2015, n.p.

¹²⁰ Ibid., n. p.

mita impropérios pela mímica, que se curva no cumprimento da fatalidade, que se transforma num trilho onde o outro passa fumegante como uma máquina com o seu desejo sobre ele (...).¹²¹

A tarefa de aproximação não se faz sem a náusea de um “não saber” que se abre ao ponto de vista aproximado. A capacidade descritiva e reflexiva de Didi-Huberman, no passeio por Birkenau, esbarra-se no irrompimento de certa náusea, que ele não se esquivava de registrar. A expressão “aperto no coração” é repetida três vezes ao longo do curto texto. Essa repetição, tratando-se do escritor exíguo e extremamente erudito que o assina, não é mera falta de vocabulário ou incapacidade de nuançar suas impressões. Provavelmente afirma o desejo de sublinhar a presença de uma percepção sensível que atravessa os olhos e se inscreve em sensações corporais. Aqui, o “coração” interessa como elemento impreciso, que embaralha, criando mesmo uma indistinção, entre o sentido fisiológico e o afetivo.

A pele de Didi-Huberman não parece ser teflon, seu passeio desacelerado não parece bloqueado à inscrição de acontecimentos no seu corpo. No seu passeio por Birkenau, pequenos detalhes lhe saltam aos olhos e apertam o coração: “As rãs saltam de todos os lados quando me aproximo da beira d’água. Embaixo estão as cinzas”¹²². As rãs, animais conhecidos pela pele viscosa, são da família dos batráquios, aquela de Lygia Clark, cuja percepção do mundo advém toda “através da barriga, vísceras e mãos” e cujo coração não é “frouxo”. As rãs, ao emergirem da placidez da água, denunciam a profundidade e a instabilidade vitais daquela superfície. Didi-Huberman, ao seguir pelas ruínas do campo, ignora uma placa de proibição de acesso a um certo local, desvia-se do sentido imposto pelas placas que orientam a visita de acordo com a curadoria que preza pela informação e escolhe passear “demoradamente por entre as ruínas silenciosas”¹²³. O seu olhar desconfia do achatamento das superfícies. Vestígios das chacinas, nas zonas IV e V da orla próxima ao bosque de bétulas de Birkenau, ainda emergem para a superfície. Os curadores deste “Museu de Estado” responderam a essa “superfície que ainda recebe solicitações do fundo”¹²⁴ com novas soterrações, escondendo os res-

¹²¹ CLARK, Lygia. Breviário do corpo. *Arte & Ensaios*, n 16, p. 114—125, 2008, p. 123

¹²² DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas. Serrote*, n. 13, 2013, p.127

¹²³ *Ibid.*, p. 123

¹²⁴ *Ibid.*, p. 128

tos de corpo que apareciam, silenciando-a, mas Didi-Huberman escolhe passear justamente pelas ruínas silenciosas.

Ferraz lembra que o tato é percebido centímetros abaixo da pele, curiosa informação que ajuda a desfazer a noção de uma superfície que se separa bruscamente de uma profundidade. Esses limites não são tão claros como pode supor um pensamento distanciado. A filósofa percebe como lugar comum da contemporaneidade a presença de um elogio simplista das superfícies em detrimento das profundidades, reforçando essa dualidade. Em contraposição, relembra a afirmação potente da superfície elaborada por Nietzsche em *Gaia Ciência*. No seu prólogo, escrito em Ruta, próximo a Gênova, no outono de 1886, o filósofo verifica um estatuto paradoxal da superfície. É possível ser superficial por profundidade:

Oh, esses gregos! Eles entendiam do *viver*! Para isto é necessário permanecer valentemente na superfície, na dobra, na pele, adorar a aparência, acreditar em formas, em tons, em palavras, em todo o Olimpo da aparência! Esses gregos eram superficiais — *por profundidade*! E não é precisamente a isso que retornamos, nós, temerários do espírito, que escalamos o mais elevado pico do pensamento atual e de lá olhamos *para baixo*?¹²⁵

O fato das manifestações de junho de 2013 terem sido excessivamente filmadas não significa necessariamente que foram suficientemente vistas. O fluxo incessante das imagens deslizando pelas telas não me ajudava mais a vê-las. Mas nem tudo nessas imagens deslizava com a fluência das informações, como na performance otimizada do teflon. Considero agora ainda importante um debruçar-se sobre elas, um olhar para baixo que traga à tona a profundidade mesma de suas superfícies borradas, aparentemente insignificantes, descartáveis.

Enquanto eram transmitidas ao vivo, essas imagens tinham um valor informativo apesar dos borrões, elas efetivamente informavam acontecimentos e a comunidade de espectadores que, não estando nas ruas, preocupava-se com o que lá acontecia, servia-se delas. Mas, como lembra Walter Benjamin, no crucial ensaio *O Narrador*:

¹²⁵ NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*, 2001, p. 15

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele.¹²⁶

O interessante dessas imagens, porém, é que não se entregavam completamente. Suas falhas resguardavam algo para além da informação. Algo nelas resiste ao regime comunicacional e por isso “conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”¹²⁷.

Para Benjamin, essa é a força de uma narrativa em contraposição às meras informações. O autor destaca justamente a desenvoltura das mãos dos narradores. Ver com “mãos-olho” como sugere Lygia pode ser um bom método para o narrador. Em Benjamin a narrativa “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”¹²⁸. Segundo Benjamin, a narrativa, que sempre floresceu em meios de atersões, tende a ser “uma forma artesanal de comunicação”¹²⁹. Benjamin destaca que os narradores, quando não trazem acontecimentos autobiográficos, têm o hábito especial de ressaltar as circunstâncias em que escutaram aquilo que pretendem contar. Eles não suprimem uma coisa em si, destacada das circunstâncias em que ocorreu. As circunstâncias contagiam a fala. Trazem pelo menos o ponto de vista a partir do qual assistiram algo, ou de onde escutaram a narrativa de quem assistiu.

Os borrões das imagens de junho de 2013 aqui expostas têm a virtude de trazer consigo o ponto de vista da narradora, os movimentos das suas mãos implicadas no conflito. No entanto, talvez a potência dessas imagens esteja na precariedade que provém justamente da porosidade em relação ao acontecimento. Possivelmente é justo nesse ponto de contato, entre o precário e o poroso, que elas se tornam eróticas, ativadoras de desejos. Lembremos que Eros é filha do encontro clandestino entre Penia, a pobreza, e Poros, a porosidade.

Seguindo a lógica dos curadores do “Museu de Estado” que Didi-Huberman visita, ou de qualquer jornalista da grande mídia, o caráter falho, ou artesanal, das imagens teria sido um fator que as condenaria à irrelevância. O es-

¹²⁶ BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: *Magia técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.*, 1985, p. 204.

¹²⁷ Ibidem.

¹²⁸ Ibid., p. 205

¹²⁹ Ibidem.

panto do filósofo diante do tratamento que deram às imagens de resistência produzidas pelo Sonderkommando ao serem reduzidas ao seu aspecto informativo, provém de outra perspectiva do que seja olhar uma imagem. Olhar uma imagem consistiria em extrair dela o que não se deixa apaziguar, o que não cessa de queimar:

Saber olhar uma imagem seria, de certo modo, tornar-se capaz de discernir o *lugar onde arde*, o lugar onde sua eventual beleza reserva um espaço a um ‘sinal secreto’, uma crise não apaziguada (...).¹³⁰

Ativando “mãos-olho”, como se passasse a mão numa superfície incerta de uma casca de árvore, busquei me deter nos acidentes. Capturar imagens, arrancar instantes do fluxo. Resta agora construir um olhar que busque se aproximar delas, manter aceso o exercício de tentar tocá-las, dar as mãos a essas mãos trêmulas, promover novamente um encontro poroso, mesmo que *precário*, entre corpos desejantes, fazer reverberar os gestos de resistência dos que ocupam e resistem hoje. Construir uma sensibilidade para olhar suas imagens sem que elas deslizem incólumes, sem reação, uma sensibilidade aberta às crises que as imagens encarnam.

Lygia Clark propõe, por fim, o corpo como: “abrigo poético, onde o silêncio vem cheio de propostas e a escuridão e o esquecimento da autonomia do um”¹³¹. Este corpo sensível, no qual memórias remotas se fazem presentes no *hoje*, sensações delicadas se apresentam mesmo que distantes no tempo cronológico, exige uma porosidade para se construir como abrigo poético. Esquecer-se da “autonomia de um” para que a memória dos toques se inscreva neste um, um que se abre porosamente ao múltiplo. Nesta noite da prisão dos mais de 70 manifestantes que seria um marco do fim desse ciclo de manifestações, quando nos despedimos eu agradei muito ao menino que me acompanhou até a Glória. Eu lembro de dizer a ele que sozinha sentiria muito medo. Para minha surpresa, ele que parecia tão desenvolto carregando tapumes entre as barricadas, respondeu que também sentiria medo sozinho: “Sozinho aqui a polícia me esculacha”.

¹³⁰ DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. *RevistaPós*. Belo Horizonte, v.2, n.4, p. 204-219, nov. 2012, p. 215

¹³¹ CLARK, Lygia. Breviário do corpo. *Arte & Ensaios*, n 16, p. 114—125, 2008, p. 123

3.5

A política dos equívocos

Lembremos aqui de Rancière. A polícia que esculacha o manifestante não se restringe aos agentes policiais ali presentes. O povo “Está inteiramente preso numa estrutura do visível que é aquela em que tudo se vê e que não há portanto mais lugar para a aparência”¹³². Este regime do “todo visível” não se opõe ao real, mas à aparência mesmo. O paradoxo é que se tudo aparece o tempo todo, nunca algo aparece. O consenso não é um acordo entre diferentes posições políticas, mas o estabelecimento de um único regime determinado do sensível. É um todo instituído contra a multiplicidade das partes e de seus respectivos modos de apresentação. A instituição do todo é ao mesmo tempo a instituição de nenhuma parte. A aparência se opõe ao regime homogêneo do visível. Ela é uma inscrição de heterogeneidade. Uma parte aparece quando o visível confronta-se com um invisível, quando uma língua confronta-se com outra língua¹³³. O desentendimento é inevitável. (E desejável).

A belíssima formulação de Deleuze/Guattari em *Acerca do Retorno*, um dos mil platôs, ajuda a pensar essas imagens cujas aparências confrontaram a lógica policial: “Pois só há imaginação na técnica”¹³⁴. Em um dos primeiros dias de realizações de ações diretas, no dia 17 de junho de 2013, fiquei na dúvida se essa era uma boa medida a ser tomada. Estava muito preocupada com as significações que poderiam ser conferidas a essas ações. Foi quando um manifestante me disse: “Essa é uma oportunidade histórica de quebrar as coisas. Foda-se. Depois você pensa”. Poderia parecer, à primeira vista, uma fala inconsequente, mas hoje me parece uma proposição rica. Havia ali uma sugestão metodológica. Ele me convidava a experimentar antes de tentar interpretar. Segui o conselho e por muito tempo, em certa medida ainda hoje, aceitei não saber interpretar aquele acontecimento. No entanto, olhando as imagens, sempre me pareceu que havia uma fala se inscrevendo ali, mesmo que eu não soubesse traduzir. A imaginação já se fazia ali, na técnica, nas câmeras imiscuídas na experiência.

¹³² RANCIÈRE, J. *O desentendimento – política e filosofia*. p. 106

¹³³ É quando nem “todo mundo fala a regra”, para retomar a reflexão de Godard em *Je vous Salue Sarajevo*, abordada anteriormente, no ponto 1.6 *Um olhar aproximado e a resistência ao controle*.

¹³⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, vol. 4, 2012, p. 171.

Para Eduardo Viveiros de Castro:

O equívoco não é o que impede a relação, mas aquilo que a funda e a propõe: uma diferença de perspectiva. Traduzir é presumir que há desde sempre e para sempre um equívoco; é comunicar pela diferença, em vez de silenciar o Outro ao presumir uma univocidade originária e uma redundância última – uma semelhança essencial – entre o que ele e nós estávamos dizendo.¹³⁵

O antropólogo aqui fala da relação entre os profissionais da sua área em contato com comunidades falantes de outras línguas que não a deles. É claro que o contexto aqui é muito distinto, mas acho interessante fazer essa alusão para pensar como se relacionar com algo que – por mais próximo que seja de si – se apresenta enquanto diferença. O equívoco (necessário) das imagens age como ponta de desterritorialização. Pressupor o equívoco é mais do que assumir o erro como condição fundamental do conhecimento. É recusar o unívoco, o consensual. Essas imagens equivocadas liberam a imaginação. Produzem corpos. Fabricam tempos. São cristais de espaço-tempo incidindo variadas vibrações. Projetam decomposições e transformações dos corpos e da paisagem. Radicalizam a diferença. Desidentificam, apesar de todo o anseio pela identificação. Essas imagens não são anti-policiais simplesmente por se posicionarem a partir do ponto de vista dos manifestantes, assumindo seus riscos, engajando-se em suas ações. São anti-policiais nessa recusa ao unívoco que impossibilita qualquer identificação total. Agem como anti-provas. Não comprovam a existência de algo tal como ele é (ou foi) no real, mas manifestam uma aparência possível do real.

Para Rancière, a aparência política “não é o que esconde a realidade, mas o que a duplica, o que introduz nela objetos litigiosos, cujo modo de apresentação não é homogêneo ao modo de existência ordinário dos objetos que nela são identificados”¹³⁶. À aparente cumplicidade entre uma população e a enunciação de suas partes, consumada pelo regime policial, a aparência política contrapõe a demonstração de uma desidentificação.

¹³⁵ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas Canibais*. 2015, p. 90-91.

¹³⁶ RANCIÈRE, J. *O desentendimento — política e filosofia*. 1996, p. 107

4.

Ressonância: o acontecimento sonoro

Para o manifestante músico

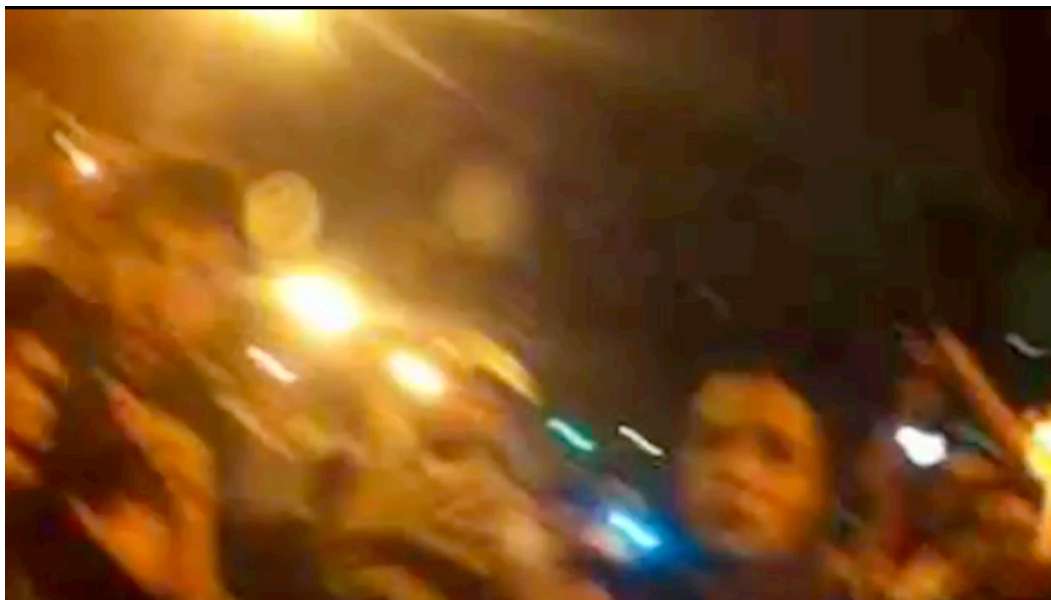


Figura 24: Frame do vídeo da prisão do repórter do Mídia NINJA.

Esses rostos mal identificados foram assim capturados por um vídeo do grupo Mídia NINJA.¹³⁷ No dia 22 de julho de 2013, diante do Palácio Guanabara, a sede do governo estadual do Rio de Janeiro, um dos seus repórteres, em uma situação conturbada, filmava com o celular em suas mãos. O problema central do vídeo é a exigência de identificação. Já o seu paradoxo é o que figura com mais intensidade nas imagens: a fuga constante da possibilidade de identificação. Diante de um suposto policial disfarçado de civil, o repórter NINJA questiona: “Quem é você?” “De onde você veio?” “Quem é você para colocar a mão no meu bolso?”. Enquanto permanece sem saber a identidade daquele sujeito que colabora com a polícia, ele próprio é intimado a apresentar o seu documento para a polícia uniformizada. Do emaranhado de sons e gritos de ordem, surge uma palavra *identifi-*

¹³⁷ Prisão do repórter Mídia NINJA. *Pós Tv*, jul. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aDO6tr6kgAk&t=50s>>. Acessado em 23 de setembro de 2016. Recomendo que o leitor assista o vídeo para melhor fruição do texto. As imagens de celular aqui reproduzidas são do repórter Filipe Peçanha.

cável por parte da multidão — gritam: “identificação! identificação! identificação!”, pedindo a identificação do sujeito que coage o midiativista.

Com o aumento da tensão que culmina no ataque físico da polícia sobre o repórter que filma, colocado à força no camburão, as imagens vão gradativamente desidentificando os rostos e mesmo os corpos. Os limites dos contornos estão em um aflituoso embate entre fazimento e desfazimento. Para além do acontecimento que as imagens poderiam representar, o que toca o espectador é a própria tessitura que as constitui, a pele que se oferece ao contato dos olhos. A materialidade inquietante da luz captada através da instabilidade dos corpos agitados se inscreve em borrões, rasga a superfície supostamente neutra da imagem e transgride inevitavelmente sua possível capacidade de representação passiva da realidade. É nessa camada do informe produzida involuntariamente que se instala o que há de mais perturbador no encontro com esses vídeos. O som dos gritos dos manifestantes, tal como as imagens, age antes como um bloco sonoro do que como veículo de palavras. Não promete representar um sentido, algo por trás delas. Tanto imagem como som instalam-se diante do espectador como paredes, é possível fruí-las na sua superfície, mas não atravessá-las, por mais instáveis e movediças que sejam.

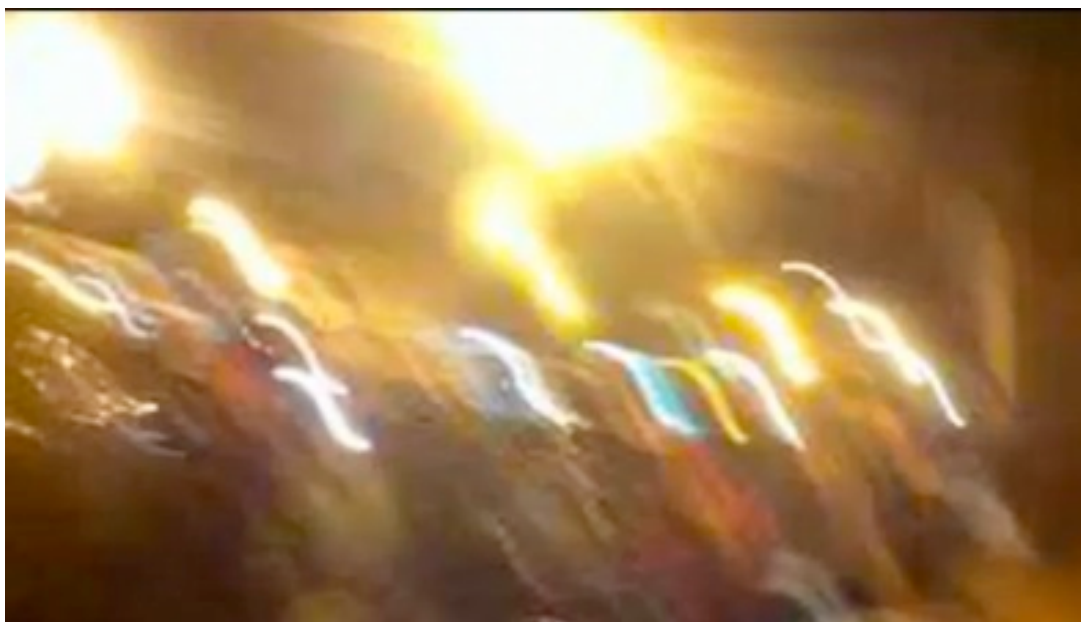


Figura 25: frame do vídeo da prisão do Mídia Ninja. Neste momento ele está prestes a ser preso, já segurado pelos policiais.

Essas imagens e sons, mais do que documentar acontecimentos, atestam estados-limite do corpo e da linguagem. As manifestações de junho de 2013 extrapolaram o uso cotidiano da palavra e instauraram diferentes usos de linguagem. Assim como as demandas e as pessoas que integravam a multidão eram heterogêneas, também traços de expressão se desdobravam em múltiplas facetas. Da significação das frases escritas em cartazes, aos gestos de depredação de prédios e objetos, foram diversas as relações criadas com o campo verbal, incluindo momentos extremos de sua negação. Pretendo pensar aqui o uso repetitivo de certas frases que, como gostaria de defender, rompiam com as amarras do significado, partiam para outra relação com a materialidade do som e convocavam um envolvimento corporal sensível. Assim como a superfície borrada da imagem, o som despona, como diria Bataille, com o vigor da “insubordinação dos fatos materiais”¹³⁸, que consistiria na insurgência do tato sobre o pensamento, do sensível sobre o inteligível, do informe sobre a forma.

4.1

A fórmula

Proponho pensar a presença das emissões sonoras de vocábulos por parte dos manifestantes presentes nesse vídeo (como, por exemplo, o grito repetido “identificação! Identificação!”) a partir de uma conexão com o ato de leitura *Bartleby, ou a Fórmula*, que o filósofo Gilles Deleuze, no livro *Crítica e Clínica*, faz do conto *Bartleby, the Scrivener - A Story of Wall Street* [*Bartleby, o escrivão — Uma história de Wall Street*], do escritor norte-americano Herman Melville (1819-1891). Originalmente publicada pela revista americana Putnam's Magazine em 1853, a novela teve sua primeira aparição com autoria anônima¹³⁹. Trata-se de um texto bem distante de junho de 2013. Penso que criar distâncias a partir de conexões com elementos deliberadamente heterogêneos pode ser uma boa estratégia de deslocamentos e desvios do olhar para criar uma aproximação desse acontecimento.

¹³⁸ DIDI-HUBERMAN, Georges. *A semelhança informe ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille*, 2015, p. 39

¹³⁹ Verbete da Wikipedia. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Bartleby, o Escrivão](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bartleby,_o_Escriv%C3%A3o)> Acessado em 28 de julho de 2016.

A novela se passa em um escritório de advocacia localizado na cidade de Nova York, na agitada Wall Street daquele fim do século XIX. Bartleby, contratado para compor a equipe de copistas desse escritório regido por um estranho advogado, é um estrangeiro sem referências, como descreve Deleuze “sem passado nem futuro, é instantâneo”¹⁴⁰. Quando perguntam se ele afinal responderá algo sobre sua identidade, afirma: [Prefiro] “não”¹⁴¹. É envolto em mistério. Pouco se deixa ser olhado, procura se manter sempre atrás do biombo que esconde a sua imagem. Bartleby desatava os nós daquilo que se entendia por bom senso ou razoabilidade. Raciocinar com ele seria abrir mão de uma gama de pressupostos, inclusive daquele que permeia todos os outros, a língua natal. O seu modo de se expressar se *distanciava*, de modo bem original, dos usos da língua conforme os padrões estabelecidos no contexto em que se inseria. O narrador chega a declarar: “[m]as havia algo em Bartleby que não apenas me desarmou, como também me comoveu e desconcertou, de maneira assombrosa. Pus-me a raciocinar com ele”¹⁴². Esse homem chegava a aparecer diante da percepção do narrador tão sem força que parecia “estendido na sua mortalha, em meio a pessoas estranhas e indiferentes”¹⁴³.

Deleuze acrescenta àquela figura apática de aspecto fantasmal, numa fronteira quase indiscernível com a morte, um vigor inestimável. Não fosse a vitalidade conferida por Deleuze ao som do enunciado repetidamente emitido por Bartleby — I'd prefer not to [preferiria não] —, essa relação com os acontecimentos recentes seria impensável por mim. Pelos ouvidos da minha sensibilidade, a voz do Bartleby de Melville era, embora precisa e firme, baixa e muito fraca, nem um pouco afeita aos gritos coletivos da multidão que tomara as ruas. No entanto, quando apresentada por Deleuze, a Fórmula — tal como ele denomina a frase repetida com persistência pelo copista — ganha uma nova densidade “arrasadora”¹⁴⁴, amplificada e muito mais explosiva. Destaco, na minha leitura, os breves momentos que o filósofo sublinha uma certa materializade da Fórmula, por ora acentuando sua sonoridade. Ele a escuta como um “bloco inarticulado” ou “sopro

¹⁴⁰ DELEUZE, Gilles *Crítica e clínica*, 1997a., p.86

¹⁴¹ MELVILLE, Herman, *Bartleby, o escrivão — Uma história de Wall Street*. 2008, p. 19.

¹⁴² Ibid., p. 10.

¹⁴³ Ibid., p. 17

¹⁴⁴ DELEUZE, Gilles *Crítica e clínica*, 1997a., p.82

único”: “Murmurada numa voz suave, paciente, átona, ela atinge o irremissível, formando um bloco inarticulado, um sopro único.”¹⁴⁵ Se, em Melville, Bartleby já arrasa a ordem de um escritório e em seguida de um grupo de pessoas que frequentava o prédio onde ele trabalhou, em Deleuze a Fórmula arrasa com a própria língua inglesa, a “arrasta” e a leva para um Fora:

Melville inventa uma língua estrangeira que corre sob o inglês e que o arrasta (...) É como se três operações se encadeassem: um certo tratamento da língua; o resultado desse tratamento, que tende a construir no interior da língua uma língua original; e o efeito, que consiste em arrastar toda a linguagem, em fazê-la fugir, em impeli-la para seu limite próprio a fim de lhe descobrir o Fora, silêncio ou música.¹⁴⁶

Em determinada passagem do conto, o “vulto lívido do escrivão”¹⁴⁷ declara: [prefiro] “não ser sensato no momento”¹⁴⁸. O estrangeiro, apesar de sua aparência frágil, era corajoso e categórico ao fugir da sensatez. Ao invés de ser visto como estranho, chegava a tornar as pessoas ao seu redor as estranhas. Sua estranheza e, sobretudo, sua insistência abalavam noções de comportamento pré-definidas. Portanto, a fórmula que emitia, não incorreta, mas de uso gramatical estranho, trazia à tona também a possibilidade de um modo de vida estranho, outro.

Podemos criar certos pontos de proximidade entre os gestos de Bartleby e a multidão que tomava as ruas em 2013. Sem referências, os manifestantes deslocavam certos usos da linguagem e, em concomitância, dos modos de circulação e existência na cidade. Sem identidades pré-conhecidas ou necessariamente auto-declaradas, como Bartleby, agiam no instantâneo. Não se conhecia deles passado, nem um programa definido de futuro. Operavam como nômades, estrangeiros ao Estado, mesmo que tendo vivido sempre nos seus interstícios, anônimos como um copista. Os manifestantes também repetiam frases ou sons como Fórmulas, que como sugere Deleuze levam ao silêncio ou à música, uma vez que desarticulam as possibilidades mais corriqueiras de resposta, assim como tem um caráter de bloco, que leva ao destaque da sua sonoridade. Em 2013, durante situações limite, na iminência dos confrontos com a polícia, as Fórmulas dos manifestantes chegavam a desembocar apenas em coros rítmicos sem palavras, como um “sopro único” ou

¹⁴⁵Ibid., p. 80.

¹⁴⁶ DELEUZE, Gilles *Crítica e clínica*, 1997a., p. 84.

¹⁴⁷ MELVILLE, Herman, *Bartleby, o escrivão — Uma história de Wall Street*. 2008, p. 17.

¹⁴⁸Ibid., p. 20

“bloco inarticulado” — “uh-uh-uh-uh, uh-uh-uh-uh” — e transformavam avenidas em verdadeiras “praia[s] sonora[s]”¹⁴⁹ desconhecidas para os seus habitantes mais tradicionais, incluindo a polícia. Assim como Bartleby tornara o escritório tão estranho para o advogado que ele acabara por se mudar, muitas vezes os manifestantes conseguiam estabelecer temporariamente territórios impenetráveis pela polícia. Mais pela perplexidade que desconcertava a forma de organização militar, do que por efetiva intimidação física.

Tanto as Fórmulas de Bartleby, como as de uma máquina de guerra engendrada por nômades contra a forma estado podem ser, a um só tempo, interiores e estrangeiras ao aparelho de estado, instalar-se nas brechas, sempre em vias de se desfazer ou falecer. Contudo, apesar da iminência constante de captura pelo aparelho de Estado, resguardam potências de alteridade. Minam pressupostos e substancialidades operando por descodificação e desterritorialização.

A potência de Bartleby reside, sobretudo, na insistência da repetição da sua simples e breve Fórmula. É insuportável para ordem vigente e desemboca no silêncio final da prisão, destino último da personagem. Nas manifestações de 2013, quando manifestantes também operavam constantemente a partir da repetição de Fórmulas, alguns chegam a ter o mesmo destino de Bartleby, como é possível verificar no vídeo que termina, não coincidentemente, com uma prisão. É o que acontece com o repórter do Mídia NINJA ao insistir em filmar o que, do ponto de vista policial (da ordem) não deve ser filmado.

Fórmulas, que, em certos casos, apesar da adequação gramatical funcionavam também como uma emissão sonora que ganha imponência pela própria densidade do som, não apenas pelo significado das palavras pronunciadas. O grito “identificação”, ou mesmo frases como “a Rocinha quer saber onde o Amarildo está”, são gramaticalmente corretas e emitem significados, que além de serem plenamente compreensíveis, trazem à tona conteúdos que deveriam alcançar uma escuta urgente. No entanto, gostaria de destacar aqui o fator expressivo, contido na própria estratégia de repetição. A repetição tendia a levar a língua à música, criava agenciamentos que permitiam que essas Fórmulas agissem como um ritmo que proporcionava um atravessamento de meios, colocando-se como fator territo-

¹⁴⁹ Expressão de Homero, apropriada de: HOMERO. *Odisséia*/ Homero. Tradução e introdução de Carlos Alberto Nunes, 2011, p. 155.

rializante. Assim, desatavam os pressupostos dos jogos de poder vigentes, do território vigente. Se o patrão não espera ser desobedecido, a polícia muito menos.

No conto, quando o advogado quebra o pacto implícito do biombo (atrás do qual o escrivão se omitia da vista dos outros), Bartleby, essa figura destituída de qualquer poder, como descreve Deleuze: “se exporá à vista, e mais até do que lhe pedem, plantado teso feito um pau no meio do escritório, porem não copiará mais”¹⁵⁰. É curioso perceber como o frágil estrangeiro consegue preferir não mais obedecer e continuar ali, de pé, sem ser prontamente repreendido. Nesse momento, é quando, segundo Deleuze, ele: “extraí dos escombros um *traço de expressão*, PREFIRO NÃO”. Ou seja, a sua Fórmula, mais do que ser uma ponte para um significado, opera como um “sopro único”, um bloco sonoro a ser arremessado em direção ao patrão. Os traços de expressão agem como forças, para além de compreendê-los, parece ser plenamente possível sentir a intensidade de seus arremessamentos diante dos corpos e espaços que incidem, possivelmente desalinhando-os:

É *como* se traços de expressao escapassem da forma, semelhantes às linhas abstratas de uma escrita desconhecida, semellhantes às rugas que se contraem desde a fronte de Ahab até a da Baleia, semelhantes às correias móveis tomadas por ‘horriveis contorções’ que passam através dos cabos fixos e sempre ameaçam arrastar um marinheiro ao mar, um sujeito à morte.¹⁵¹

O gesto de retornar às ruas insistentemente e se deter diante da polícia a repetir uma Fórmula, era tão inesperado quanto desconcertante. Talvez a força que possibilitava a criação desse espaço no qual era possível arremessar esses fortes e necessários enunciados estivesse no caráter expressivo da repetição das Fórmulas. Se o que estivesse em jogo fosse apenas o significado, bastava emitir cada frase uma única vez.

A repetição talvez tenha sido o maior crime cometido contra a ordem vigente nas cidades brasileiras, e, sobretudo no Rio de Janeiro, onde as manifestações perduraram com bastante intensidade ao longo de mais tempo. Sérgio Martins, numa troca de correspondência com Pedro Duarte, realizada em 30 de setembro de 2013, cerca de quatro meses após o disparar das manifestações, destaca uma

¹⁵⁰ DELEUZE, Gilles *Crítica e clínica*, 1997a, p. 88.

¹⁵¹ Ibid, p. 89-90.

Fórmula que assinala justamente a estratégia da repetição. Tratava-se do canto “olha eu aqui de novo”. Era uma estratégia tanto anunciada como performatizada:

O ‘olha eu aqui de novo’ é desconcertante porque se contrapõe a essa falsa *razão comunicativa* do discurso vazio, porque o confronta com um tipo de recusa que ele não consegue desqualificar por completo. Sua insistência é tola só na aparência; é na verdade um sinal de extrema lucidez, um sinal de compreensão de que a arena da linguagem é central para a disputa política. E o motor desse ludismo lúcido é justamente aquela felicidade pública que você bem apontou, aquela dimensão afetiva que as ruas contrapõem à cisão da cidade entre gozo privado e fobia pública. Mas aqui já não estamos mais falando de ocupar a cidade com ideias, das quais gritos e cartazes seriam veículos, e sim de uma linguagem que emerge ela própria das ruas, de seus embates e sua dinâmica afetiva.¹⁵²

Os dois professores da PUC-Rio procuram compreender essa linguagem emergente. Não acredito que se trate efetivamente da criação de uma linguagem inédita, mas certamente é possível afirmar uma singularidade no uso. A repetição do “Olha eu aqui de novo” soa como a recusa de Bartleby ao afirmar: “Acho melhor não ser sensato no momento”¹⁵³. Sérgio Martins defende essa recusa ao demonstrar a impossibilidade de diálogo a partir de canais previamente estabelecidos, como os veículos da grande mídia ou instâncias governamentais. Explica:

Dia após dia, manifestantes eram enxotados com bombas e balas de borracha, mas retornavam entoando um canto quase infantil: ‘Olha eu aqui de novo!’ O que era esse grito, senão uma expressão de pura insistência diante da recusa — truculenta — ao diálogo? Pode até soar como um ludismo inconsequente, mas é o sinal da compreensão coletiva profunda do que está em jogo: qual o valor de se entrar num semblante de diálogo com o discurso vazio que é engendrado pelo governo e pela imprensa? Esse discurso é uma armadilha ideológica: seu tom é aparentemente razoável e próximo do senso comum, o que sugere que quem o recusa está recusando o próprio diálogo democrático. Mas a verdade é que aceitá-lo é entrar no jogo de cartas marcadas de uma fala surda cuja circulação — no sentido de que ela é propriamente circular, que se reproduz e se naturaliza dando voltas sobre si própria, com imprensa legitimando governo e

¹⁵² MARTINS, S. Brasil em movimento—reflexões a partir dos protestos de junho, 2014, p.260 [grifo da autora].

¹⁵³ MELVILLE, Herman, *Bartleby, o escrivão — Uma história de Wall Street*. 2008, p. 20.

vice-versa — só faz reiterar a suposta ilegitimidade do outro (através, por exemplo, da pecha de vândalo).¹⁵⁴

A Fórmula de Bartleby, na sua estranheza peculiar, toda vez que é emitida causa um impacto tão inesperado e assustador que a sua estranheza pode acabar por estremecer as relações de poder ali estabelecidas. Assim, torna-se improvável a sua subordinação anterior.

Se o copista deixa de copiar, manifestantes questionam a polícia e se recusam a ocupar apenas os espaços delimitados por ela. Tal como a descreve Deleuze/Guatarri no *Tratado de Nomadologia*, a máquina de guerra não é simplesmente exterior ao Estado, é antes um agenciamento de forças que age em plena exterioridade, enquanto o Estado, inversamente, é uma forma de interioridade, que opera por dualidades relativamente opostas, que funcionam sob a dinâmica da alternância. De uma alternância, contudo, inerte, uma vez que previsível e *circular*, como nos lembra Sérgio Martins. O aparelho de Estado funciona a partir de uma lógica binária de ou isto, ou aquilo; ou o déspota, ou o legislador; ou o ceifeiro, ou o organizador — pares que se manifestam pelas oposições claro/escuro, temível/regrado, violento/calmo, entre outras possíveis. Já a máquina de guerra mina essas oposições.

Como numa máquina de guerra, tanto Bartleby como os manifestantes que emitiam suas Fórmulas fugiam momentaneamente a dualidades. Esses indivíduos que se apresentavam de modo a ofuscar suas referências e particularidades, não se enquadram em “repartições binárias entre ‘estados’”. “I would prefer not to” [preferiria não] não é uma afirmação, nem uma negação. Nem subordinado, nem rebelde. Bartleby não se revolta com a obrigatoriedade de cumprir a sua demanda, nem a obedece. Apenas “prefere não”. Prefere não falar a língua da ordem e assim instaura uma cena de desentendimento.

A preferência, que não diz sim, mas também não declara concretamente que não, instaura uma terceira e inesperada via entre o obedecer e o desobedecer. Não cabe ao falante que ocupa o lugar da obediência instaurar a preferência. Ao fazê-lo, sua preferência só pode ser escutada com ruído. É o que acontecia quando os manifestantes preferiam continuar nas ruas: “Olha eu aqui de novo”.

¹⁵⁴ MARTINS, S. op. Cit., p. 259

A Fórmula de Bartleby não é nem ordenadora, nem contemplativa, ela desconcerta e é contagiosa: “também desarticula os atos de fala segundo os quais o patrão pode comandar um amigo benevolente fazer perguntas, um homem de fé prometer”¹⁵⁵. A performance do inesperado, por mais sutil ou escandalosa que seja, é a arma tanto de Bartleby, como dos manifestantes. O narrador de Bartleby se pergunta “Que aberração mais profunda ainda poderia ocasionar”¹⁵⁶? Assim como Deleuze, encantado com a “aberração” pergunta:

Mas, se é verdade que as obras-primas da literatura formam sempre uma espécie de língua estrangeira no interior da língua em que estão escritas, qual vento de loucura, qual vento psicótico se introduz assim na linguagem?¹⁵⁷

4.2

O sopro

Talvez a aberração e o vento de loucura que emanam tanto de Bartleby como dos manifestantes com a repetição de Fórmulas seja exatamente encarar a fala como possibilidade de emissão sonora, mais do que ponte neutra para o sentido. Segundo Jean-Luc Nancy, a filosofia teria relegado a faculdade de experimentação da audição (ouvir) em detrimento da compreensão do som (escutar¹⁵⁸), estabelecida como hierarquicamente superior. O som teria sido neutralizado pelo sentido. Nancy demonstra como os pares figura/ideia, teatro/teoria são mais facilmente contíguos do que os pares audível/inteligível, sonoro/lógico. Fica a sugestão de que o gesto de abertura à experiência material da linguagem, proporcionada pelo som, propõe uma fenda de invisibilidade no pensamento ocidental. Há um isomorfismo potencial entre o visual e o conceitual, a própria ideia de forma (morfismo) remete mais diretamente ao campo visual. De imediato, o sonoro filia-se mais ao informe: “O sonoro, pelo contrário, arrebatava a forma. Não a dissolve, alarga-a an-

¹⁵⁵ DELEUZE, Gilles *Crítica e clínica*. 1997a, p. 85.

¹⁵⁶ MELVILLE, Herman, *Bartleby, o escrivão* — Uma história de Wall Street. 2008, p. 10, p.20.

¹⁵⁷ DELEUZE, op. cit., 1997a, p.83.

¹⁵⁸ Em francês o verbo *Écouter* resguarda uma ambiguidade interessante para este raciocínio, ao embaralhar os significados de ouvir e escutar. Pode significar apenas ouvir, numa dimensão apenas auditiva; como compreender, prestar atenção, em suma, escutar.

tes, dá-lhe uma amplidão, uma espessura e uma vibração ou uma ondulação que o desenho mais não faz do que aproximar”. (NANCY, 2007, p. 2)¹⁵⁹.

Cabe aqui lembrar a distinção entre animal fônico e animal lógico proposta por Aristóteles, ao pensar política. O animal que detém o logos é justamente aquele que separa a articulação discursiva das articulações (ou aquilo que este compreenderia como desarticulações) apenas fônicas. Há uma fenda na possibilidade de diálogo entre esses animais de propriedades distintas.

A voz, *phoné*, indicaria sensações, poderia exprimir apenas dor ou agrado. A voz é uma propriedade de *todos* os animais, justamente porque é tida como uma impropriedade. Ou seja, não se toma uma parcela, uma parte ou lugar no debate político apenas através da voz. Já o animal lógico, que detém a palavra, que é uma propriedade contada na cena política, pode através do logos avaliar o que é proveitoso ou nocivo, justo ou injusto. Há de se desconfiar, contudo, das fronteiras entre o lógico e o fônico, uma vez que é variável o que torna uma palavra contável enquanto palavra. A *política*, para Jacques Rancière, é a colocação em questão do que deve ou não ser contado como palavra. Por isso, é fundamental sempre se inquietar diante da contagem pela qual “uma emissão sonora é ouvida como palavra, apta a enunciar o justo, enquanto uma outra é apenas percebida como barulho que designa prazer e dor, consentimento ou revolta, (...)”¹⁶⁰.

Ser privado de logos seria, em última instância, a impossibilidade de inscrição simbólica na polis. A vida do animal fônico é reduzida à pura facciedade reprodutiva. Contudo, Jean-Luc Nancy, ao pensar a partir dos sons, embaralha as fronteiras entre o fônico e o lógico. Se o som não é reduzido em prol da abstração semântica que propõe, pode ser encarado como uma potencialidade física, na qual não há distinção entre materialidade e sentido. O significado passa a ser apenas a margem de um processo mais amplo de relações envolvendo o fator crucial da ressonância, instância fundamental pela qual seria compartilhado o sentido.

A partir dessa abordagem, que propõe uma relação material com o campo sonoro e o corpo como agente principal da recepção da linguagem, o filósofo questiona noções de sujeito e de linguagem e as formas como esses dois termos podem se friccionar. Destaca-se aí um elemento fundamental no enlace entre cor-

¹⁵⁹ NANCY, Jean-Luc. *À Escuta*. 2014, p.12.

¹⁶⁰ RANCIÈRE, J., *O Desentendimento – política e filosofia*. 1997, p. 36.

po e som: o espaço. É no espaço que o som vibra e se propaga num processo de reverberação mútua com a matéria corporal, proporcionando uma camada de indistinação entre esses três elementos: som, corpo e espaço. O fator que envolve e permeia essas três dimensões é a ressonância, desfazendo as delimitações modernas que distinguem o sujeito daquilo que o circunda, estar à escuta:

(...) pode e deve aparecer-nos, não como uma figura do acesso a si, mas como a realidade deste acesso, uma realidade por consequência indissociavelmente ‘minha’ e ‘outra’, ‘singular’ e plural’, tanto quanto ‘material’ e ‘espiritual’, e significante e a-significante.¹⁶¹

Uma subjetivação que se dá a partir da escuta descarta a possibilidade de um si que tenha algo de substancial. É estar no espaço e se permitir entrar em ressonância com aquilo que o circunda. Isso não significa ser totalmente permeável ao fora, mas por outro lado, esta proposição nega o outro extremo que seria uma impermeabilidade total¹⁶². Quando os manifestantes gritam “identificação! Identificação!”, exigindo que o p2¹⁶³ identifique-se, já não se pode extrair o sujeito individual autor desta fala, trata-se de uma enunciação coletiva que ganha sua força na ressonância.

Vale lembrar aqui do fenômeno dos microfones-humanos, que são um método de propagação da voz que tem o corpo humano como única tecnologia. São como jograis, funcionam com uma multidão repetindo o que diz uma única pessoa, de modo a tornar sua fala audível à distância. Antes dos novos ativismos que se proliferam com mais intensidade pelos menos desde os 1990, quando se popularizam movimentos com ausência de grandes lideranças destacadas do todo, os carros de som, palanques e microfones eram presença certa em qualquer grande protesto de rua. O líder, geralmente com o som estourado, com uma ganância de ter sua voz amplificada em volume tão alto que muitas vezes extrapola o limite das suas caixas de som, pautaria e coordenaria o movimento. Mais recentemente, a busca por horizontalidade encontra no microfone-humano um potencial expressivo. Qualquer pessoa pode assumir o centro de um círculo e falar o que deseja, sua voz se amplifica com a repetição dos demais. Ou seja, dependendo do que for

¹⁶¹ NANCY, J. *À Escuta*. 2014, p. 28

¹⁶² Nega uma pele teflon, para retomar a reflexão de Maria Cristina Franco Ferraz, presente no capítulo anterior.

¹⁶³ Gíria que designa policial desfarçado de cidadão comum.

dito, se não houver por parte dos que escutam uma identificação mínima que os faça repetir, a fala pode simplesmente não ser amplificada. Não cabe aqui, ao destacar a importância da materialidade do som, criar uma dualidade ou hierarquia que refute completamente a importância dos significados. O caso do microfone humano é interessante para explorar esse limiar. Evidente que o significado do que é dito importa e vai ser determinante para que haja o contágio necessário para que demais pessoas repitam e aconteça a reverberação. Contudo, o microfone humano não tem o seu sentido esgotado no significado do que é dito, o coro de vozes em ressonância tem em si, uma enorme força expressiva.

Em junho de 2013, por exemplo, aconteceram embates interessantes entre esses dois modos de fala: entre uma organização que determina um líder para falar no microfone e o microfone humano. Logo após a eclosão das manifestações, militantes de partidos e movimentos sociais organizados tentaram promover grandes assembleias para discutir o rumo dos acontecimentos. No Rio de Janeiro, a assembleia foi marcada para acontecer no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O prédio se mostrou pequeno para abarcar a enorme quantidade de pessoas, que acabou por lotar a Praça do Largo de São Francisco em que se situa, no centro da cidade. Nesse evento, notou-se, por parte de muitos ali presentes, um grande descontentamento com a dinâmica que possibilitava as falas. Só quem já tinha algum estatuto de liderança estabelecido poderia se inscrever para falar no microfone, apenas depois dessas falas, as pessoas comuns poderiam se inscrever. A maioria se cansou bem antes de chegar a vez das pessoas comuns e foi embora. Quando algumas decisões foram tomadas, já havia pouquíssimas pessoas presentes. As falas foram marcadas por interrupções de grupos que gritavam em coro: “Maré! Maré! Maré!”. Sugerindo uma ida massiva à Maré em decorrência das mortes em recente operação policial na comunidade. Já em Belém, segundo o relato de amigos, numa assembleia semelhante, um grupo de manifestantes anônimos confrontou o microfone com o microfone humano e conseguiu ser escutado. Em 2015, numa manifestação de secundaristas de São Paulo que ocupavam suas escolas contra a reforma proposta pelo então governador Geraldo Alkimin, houve um embate parecido. Um partido político compareceu à manifestação com um carro de som. Os estudantes armaram um círculo

e a partir do microfone-humano entoaram a seguinte mensagem: “nosso movimento é horizontal e não são vocês que vão nos representar aqui”¹⁶⁴. Não eram simplesmente embates sonoros, eram embates entre diferentes formas de organizar uma coletividade. No microfone-humano, é evidente que certos agentes, por capacidade organizacional ou respeitabilidade anteriormente adquirida, são mais aptos a tomar uma posição central e dirigir a fala a ser repetida pelos demais. De todo o modo, a ideia é que não haja posições predefinidas que lhes garantam tal estatuto, dependendo da capacidade momentânea de afetação do outro.

O interessante é que, quando se vê um coletivo utilizando a estratégia de fala do microfone-humano, não necessariamente se vê o líder que entoa as frases a serem repetidas. Embora seja comum que se arme um círculo e o diretor da fala ocupe o centro, tomando uma posição de maior visibilidade, não necessariamente aquele que puxa a fala tem um destaque espacial bem demarcado em relação aos que repetem. Dessa forma, quando se escuta a fala, o que se vê é antes uma experiência de ressonância que atravessa diversos corpos do que um sujeito individual que a enuncia.

4.3

Imagens em ressonância

A baixa qualidade da captura, a pouca luz da noite, a perda ainda maior de qualidade e as travas em decorrência da transmissão online, todos infortúnios de filmar com a instabilidade proporcionada por segurar um objeto tão pequeno e leve como um celular contribuem para que a imagem seja falha. No entanto, é possível levantar a hipótese de que, involuntariamente, por pura “insubordinação dos fatos materiais”¹⁶⁵, a imagem teria entrado em ressonância com o som. Nesse sentido, tenderia também ela ao informe, promovendo camadas de indistinção entre corpo e espaço, análogas ao processo de ressonância já comentado a partir do campo sonoro. Um verso de Bashô ajuda a criar essa relação entre som e imagem,

¹⁶⁴ Conflito presente em cena do filme *Lute como uma menina!*, dirigido por Flávio Colombini e Beatriz Alonso, de São Paulo, 2016. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA>> Acessado em 13 de dezembro de 2016.

¹⁶⁵ BATAILLE, G. apud: DIDI-HUBERMAN, Georges. *A semelhança informe ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille*, 2015, p. 39.

“Trégua de vidro o som das cigarras perfura as rochas”¹⁶⁶.

Aqui o campo imagético é contundido pela ressonância, a rocha perfurada pelo som. Segundo Octávio Paz, “a broca sonora da cigarra penetra na rocha muda; o agitado se acalma e o pétreo se abre; o sonoro invisível (o chilrear do inseto) atravessa o visível silencioso (a rocha).” O campo sonoro atravessa o visual, o perfura. A interpenetração entre som e imagem se dá rompendo com o silêncio ou a transparência. Como descreve Otávio Paz ao comentar Bashô:

Esse momento é silencioso e esse silêncio é transparente: o chio da cigarra se torna visível e transpassa a rocha. Assim, a trégua é de vidro, uma matéria que é homóloga visual do silêncio: as imagens atravessam a transparência do vidro como o som atravessa o silêncio.¹⁶⁷

No vídeo, a imagem que não se faz transparente, mas emerge como uma parede opaca dá a ver sua tessitura, parece também ser impregnada por um som que a destitui da possibilidade de silenciar-se visualmente, como um vidro transparente. Eis o sentido de um *acontecimento*: inscrever-se como diferença, não uma diferença no mundo ou na linguagem, mas como algo que perpassa a ambos, diferenciando-os. O ensaio *Eu assino embaixo - biografia memória e cultura*, de Roberto Correia dos Santos, é um aporte interessante para pensar a escrita enquanto acontecimento, partindo-se da percepção de que a escrita da narrativa pode fugir ao controle do narrador. O seu texto notoriamente fragmentado justapõe escritura e estilhaço, “Escritura. E estilhaço”¹⁶⁸. O vídeo é tanto aquilo que se quis mostrar, quanto a impossibilidade de mostrar sem tudo estilhaçar. As imagens imprimem, antes de qualquer coisa, rastros de gestos e movimentos abruptos. Resistem com veemência a representar as formas por semelhança clara e distintamente identificável. A imperfeição trêmula da imagem pode ser lida como uma impregnação do caos, “(O caos como o (in)alcançável da forma). Aproximam-se incomensuráveis fatias de sentidos”¹⁶⁹.

Fatias de significações e fatias de estímulos sensoriais. O corpo é, a um só tempo, expresso e convocado por todos os sentidos, afetando fisicamente o espectador. A dinâmica dos textos fragmentários de Roberto Correia dos Santos dialoga

¹⁶⁶ BASHÔ, Matsúo. Apud: PAZ, Octavio. A poesia de Matsúo Bashô. 2009, p. 76.

¹⁶⁷ PAZ, Octavio. Ibid, p. 104-105

¹⁶⁸ SANTOS, Roberto Correia dos., *Eu assino embaixo - biografia memória e cultura*, 2014, p. 201.

¹⁶⁹ Ibidem.

com o vídeo no dar a ver pelas brechas, pela performance do impremeditável. Nos textos em que o autor não faz mais do que assinar embaixo, nos quais cada frase ultrapassa a si mesma e a quem o enuncia, enunciados interligam-se sob o caldo inseparável “cultura-memória-lembrança-imaginação-processos subjetivantes”.¹⁷⁰

A situação era aterradora. Uma pessoa será presa sem razão explícita diante da multidão e das cinco mil pessoas que o assistem ao vivo, mas ainda assim nada podem impedir. Policiais usarão força física sobre o corpo daquele que produz as imagens. A Polícia Militar do Rio de Janeiro demonstra o seu poder sobre os corpos ali presentes, embora ainda assim insistam em se manifestar. No entanto, o registro vai além disso e, portanto, é mais do que um registro.

Algo em excesso se dá. Extrapola-se a possibilidade de mostrar. Como mostrar o excesso? Como mostrar o desaforo diferencial das forças no embate entre a polícia e os manifestantes? As formas não se sustentam. Estamos vendo de perto: a câmera não filma ao longe, está na própria mão que será detida, é acoplada ao próprio corpo metido à força no camburão. A imagem resiste a mostrar. Não poderia agir de outro modo sem ceder ao intolerável banalizando-o, neutralizando-o. Ao reconhecer e se sensibilizar com a luta da vida contra todas as forças mortíferas que a impele e ameaça o repórter NINJA, voluntariamente ou não, compõe uma imagem que se deixa aceder por:

Uma visão que compõe, através deles, perceptos desta vida, deste momento, fazendo estourar as percepções vividas numa espécie de cubismo, de simultanismo, de luz crua ou de crepúsculo, de púrpura ou de azul, que não têm mais outro objeto nem sujeito senão eles mesmos. (...) Trata-se de liberar a vida lá onde ela é prisioneira, ou de tentar fazê-lo num combate incerto.¹⁷¹

¹⁷⁰ Ibidem.

¹⁷¹ DELEUZE, G.; GUATTARI, F., *O que é a filosofia?*, 2010, p. 202



Figura 26: Assim como a imagem que segue. Trata-se de um frame do vídeo da prisão do Mídia Ninja. Neste momento ele já foi colocado à força no camburão.



Figura 27

A escrita estilhaçada das imagens se dá pelos labirintos do “sem-pronome”, desnomeado por Santos. Os afectos e perceptos produzem uma textura monumental¹⁷² tátil de indiscernibilidade que borra os sujeitos e objetos colocados

¹⁷² Aqui toma-se monumento na acepção proposta por Deleuze/Guattari em *O que é a filosofia?*. O monumento aqui não é o objeto de poder que representa e celebra um passado vitorioso. Pelo contrário, é algo que age no presente. Presentifica, através das potências da fabulação e não da memória, blocos de sensação que conservam a si mesmos enquanto durarem seus suportes materiais. A

em ação. A um só tempo: descodificação e desterritorialização. É nessa desestabilização nômade do terreno que os afectos podem guerrear. Vale tanto para os rostos deformados, captados pelo tremor de uma lente de má qualidade diante daquela situação de embate, como para o espectador presente ao se sensibilizar: “Os afectos atravessam o corpo como flechas, são armas de guerra”¹⁷³. Ao ser preso, enquanto a multidão grita pela sua resistência “NINJA! NINJA! NINJA!”, o repórter do veículo alternativo pergunta: “Por quê? Mas por quê? Por que, cara? Mas por quê? Mas por quê? Mas por quê? Mas por que, cara? Mas qual é o motivo?”. Voz que continua em ressonância plenamente angustiante depois do vídeo. Quase impossível não pensar nos incontáveis porquês que a Polícia Militar do Rio de Janeiro continua sem responder; na multiplicidade de vozes que ecoa, talvez em silêncio e sem esperança, essas perguntas de formulação tão simples. O próprio presente do vídeo, seja lá quando e a quem for exibido, tece as relações iminentes em que essas liberações de desejo e de vida se dão. A imagem se recusa a mostrar o homem preso e o interior enclausurante do camburão. Trasmuta-se em pura luz. Desterritorializa-se a voz que pergunta “por quê?”, o que faz com que ela continue a perguntar. Não lá, não no passado: aqui e agora quando a escuto através das caixas de som do computador. Aqui e agora quando Rafael Braga continua preso¹⁷⁴.

O vídeo demonstra e provoca, com contundência, processos de abalos do eu: “O devir-sensível é o ato pelo qual algo ou alguém não para de devir outro (continuando a ser o que é)”. Essa sensação remete novamente à escrita de Santos,

vibração nervosa da câmera sob impacto das repreensões e impulsos da mão tensa que ora se ergue, ora se protege, no corpo a corpo com a polícia, gera camadas de sensações que irradiam vultuosos. O caráter monumental do vídeo está na prodigiosa falência parcial do provável objetivo motivador do seu realizador: a capacidade de meramente relatar um acontecimento, de meramente registrar um passado, de claramente demonstrar e identificar o rosto do suposto policial disfarçado de civil e do policial uniformizado que o revista. Tudo isso é suplantado por perceptos e afectos que invadem a tela e esbarram no espectador ainda hoje.

¹⁷³ DELEUZE, G.; GUATTARI, F., *Mil Platôs*, vol. 5, 1997

¹⁷⁴ O site “Liberdade para Rafael Braga” assim o descreve em 2016: “Jovem, negro, pobre, catador de latinhas e morador da Vila Cruzeiro, Rafael Braga foi o único condenado no contexto das manifestações de 2013 - mesmo sem ter participado delas - por portar uma garrafa de pinho sol e água sanitária. Em janeiro deste ano, a caminho da padaria na favela onde morava, foi novamente preso a partir de um flagrante forjado, de acordo com testemunhas, e acusado de associação e tráfico de drogas, mesmo estando sob vigilância. Hoje, Rafael aguarda mais um julgamento, podendo ser condenado por um crime hediondo com base, apenas, na palavra do policial que o prendeu. A série de absurdos do caso de Rafael o tornam emblemático por expor a injustiça e a seletividade racista e classista do sistema penal brasileiro.” Liberdade para Rafael Braga. mar. 2016. Disponível em < <http://www.liberdadepararafael.meurio.org.br> >. Acessado em 10 de dezembro de 2016.

que afirmaria, “Em eu os tantos outros. Outro-outro-outro. Outros pluralizados”¹⁷⁵. E ainda, “Ideias expostas como substância vistas como redondo-fechadas-absolutas-profundas — quedam”¹⁷⁶.

E é justamente a superfície que as faz tombar. Olhar não o que haveria por trás das imagens, a profundidade do sentido dos acontecimentos que registram, mas apenas o que emerge na tela, o que toca os olhos, os sentidos. A luz estourada em pixels é puro presente que se dá a ver; aquilo que poderia se deixar passar distraidamente, em segundo plano, embora seja o único plano tangível, tocável.

A semelhança pressupõe um afastamento material entre dois elementos em conformidade formal, isto é, que eles não se toquem. Para a representação da semelhança, exige-se a postura de um olho distanciado do objeto que vê, em um ponto de vista fixo, estável: o olho adequado ao dispositivo da câmara escura, por exemplo¹⁷⁷. Já a transgressão formal se dá ao se livrar dos tabus do toque, reivindicando o campo dos contatos materiais, onde a distinção entre os corpos, entre eu e o outro, não são tão claras como no campo da representação. Essas imagens, como tentei propor a propósito do som, agem como traços de expressão. Segundo Deleuze, um traço de expressão “é suficiente para desfazer qualquer semelhança, assim como a fazer vacilar a sujeito. (...) já não é uma questão de Mimese, porém de devir”¹⁷⁸.

O informe está no campo do possível da semelhança. Não é um outro externo e sim dessemelhança da própria forma, a impossibilidade de sua fixação durável. No vídeo, o destino dos corpos está imbricado com o destino das imagens — e vice-versa. O deslocamento se torna deslocante. O embaraço das formas aqui age como o devir-sensível, capaz de tornar o mesmo sempre outro. Perder a si, como na grafia da vida engendrada por Santos, “Não há o eu senão como recurso — recurso último a encobrir um desconhecimento fantasmal”¹⁷⁹.

Por fim, se a construção imagética não interfere do desfecho injusto dos

¹⁷⁵ SANTOS, Roberto Correia dos., *Eu assino embaixo - biografia memória e cultura*, 2014, p. 202.

¹⁷⁶ Ibid., p. 203.

¹⁷⁷ O paradigma de observação que tem como ícone o dispositivo da câmara escura e o modo de produção subjetiva que dela decorre é bem descrito no livro *Técnicas do Observador, visão e modernidade no século XIX*, de Jonathan Crary, (Editora Contraponto, 2012).

¹⁷⁸ DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. 1997, p. 90.

¹⁷⁹ SANTOS, Roberto Correia dos., *Eu assino embaixo - biografia memória e cultura*. 2014, p. 201.

acontecimentos, por outro lado faz do vídeo um bloco capaz de atualizar sensações, de fazer a voz que pergunta “por quê?” ecoar no presente. Portanto, assim como o campo sonoro, segundo Nancy, pode ser tomado como uma materialidade que desfaz os limites lógicos entre eu e o outro, singular e plural, material e espiritual, entre o que tem ou não significado, a imagem parece responder a isso desfazendo as distinções entre corpo e espaço na diluição das formas. Como verifica Deleuze acerca dos originais como Bartleby, o copista — e possivelmente os manifestantes que se prestavam a repetir fórmulas:

Cada original é uma potente Figura solitária que extravasa qualquer forma explicável: lança flamejantes dardos-traços de expressão, que indicam a teimosia de um pensamento sem imagem, de uma questão sem resposta, de uma lógica extrema e sem racionalidade.¹⁸⁰

Dessa forma, os *acontecimentos*, seja no campo mais restrito daquilo que se considera arte, ou nos atos *políticos*, podem suscitar experimentações com a linguagem que tentam operar o desmantelamento de nós nos sistemas já delimitados por lógicas opressoras. Para *acontecer*, talvez precisem daqueles que escolham efetivamente preferir não “ser sensato no momento.” Se tanto Bartleby, como o manifestante/cinegrafista acabam presos, por outro lado, a linguagem do vídeo enquanto imagem e o uso das Fórmulas, enquanto som, e, sobretudo a imbricação audiovisual dessas instâncias, instaura um abalo — a ser reverberado — na organização da cultura¹⁸¹ e do pensamento.

Essas figuras originais tendem a restar solitárias como Bartleby ao ser descrito com a mão impiedosa do narrador com a seguinte imagem: “Um destroço de naufrágio em plano Atlântico”¹⁸². No entanto, é sempre possível que se encontrem, em terrenos instáveis e frágeis — podendo formar mesmo uma multidão, como nas manifestações de junho de 2013. Até os destroços podem furar rochas ou formar pequenos terrenos. Terrenos em formação permanente como arquipélagos. Neles, os originais que estiverem *à escuta* para ouvir o *som* do outro podem se encontrar, mas sempre na imanência de uma caminhada:

Resta-lhes precisamente sua 'originalidade', quer dizer um som que cada um *emite*, como um ritornelo no limite da linguagem,

¹⁸⁰ DELEUZE, G. Crítica e clínica. 1997, p. 95-96.

¹⁸¹ Essa que quer “a morte da exceção”, para retomar o filme *Je vous Salue Sarajevo* de Godard.

¹⁸² MELVILLE, H. op.cit. p. 22.

mas que só emite quando toma a estrada (ou o mar) com o próprio corpo (...), quando empreende sua viagem encarnada sem objetivo particular e então encontra o outro viajante, a quem reconhece pelo som.¹⁸³

Aqui, a imagem, como “negativo da música”¹⁸⁴, revela o ritmo que colocava a multidão, formada pelos encontros entre originais, em movimento: revela os rastros das transcodificação entre meios. Qualidades propriamente sonoras desvelam-se em ritmo e movimento nos riscos imprecisos da imagem, no tremor impresso. No platô *Acerca do Ritornelo*, do livro *Mil Platôs*, Deleuze/Guattari afirma: “Não se faz um povo se mexer com cores, as imagens nada podem sem as trombetas, os lasers modulam-se a partir do som”¹⁸⁵. Mas as cores se movem com o povo. As imagens são justamente a exposição de uma instabilidade.

Sair de casa para cantar. Cantar para sair de casa. A cançãozinha tirava de casa. Solapava as bases do território estável (das segmentações duras, ruas, calçadas...). Projetava-se e abria-se já diante do caos. Do caos podem nascer meios e ritmos.

Funda-se um território em constante iminência de abertura ao cosmos. Os tijolos sonoros são móveis e o muro periga sempre ser atravessado pelos tijolos bruscos que forçam a reterritorialização. A polícia gera sons que desarticulam a audição do canto, como a própria capacidade de cantar. O som das bombas de gás vem acompanhado de um bloqueio na garganta. Tosse e dificuldade de projeção da voz. Se as vogais e consoantes, os muros onde predominam as paredes, formariam organismos, esses muros sonoros, contudo, não se pretendiam estáveis. Não pretendiam formar um corpo organizado, formal. Um desejo de mundo exigia uma projeção sempre para fora. Enxertar-se. “Lançamo-nos, arriscamos uma improvisação. Mas improvisar é ir ao encontro do Mundo, ou confundir-se com ele. Saímos de casa no fio de uma cançãozinha”¹⁸⁶.

Na segunda-feira, do dia 17 de junho, quando manifestantes ocupavam a escadaria da ALERJ, iniciava-se uma dinâmica de repressão. A polícia disparou bombas de gás-lacrimônio e de efeito moral. Muitos manifestantes começaram a

¹⁸³ DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. 1997, p. 100.

¹⁸⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, vol.4. 2012, p.176.

¹⁸⁵ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, vol.4. 2012, p.176.

¹⁸⁶ *Ibid.*, p. 123.

correr, mas alguns isoladamente gritavam: “resiste!”. O grito logo era repetido por outro e repetido por outro e repetido por outro, “resiste!”, “resiste!”, “resiste!”, até que, a partir do encontro e ressonância dessas vozes, efetivamente se configurava a possibilidade um terreno onde era possível resistir. Foi depois dessa manifestação que o preço das passagens do transporte público diminuiu e foi revogado na cidade de São Paulo e no Rio de Janeiro. Na quarta-feira seguinte estava numa manifestação contra o aumento das tarifas em Niterói quando recebíamos a notícia da revogação do aumento no Rio de Janeiro. Na quinta-feira paguei 2,75 na passagem de ônibus, 20 centavos a menos.

Cabe agora saber se esses gritos ainda ecoam, se esses vídeos (tanto se filmou) ainda projetam essas vozes.

O povo que falta está no risco.

5.

Referências bibliográficas

BASBAUM, Ricardo; PENNA, João Camillo. Diagrama (manifestações) versão no. 2, 2016.. **Post-Election Artists Dossier**. Grey Room 65, Fall 2016.

BASHÔ, Matsuo. **Sendas de Oku**. Traducción de Octavio Paz y Eikichi Hayashiya, 1970. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1981.

_____. **Sendas de Oku**. Tradução indireta de Olga Savary (do espanhol). São Paulo: Roswitha Kempf, 1983.

BEAUREGARD, L. P. A metamorfose do Subcomandante Marcos. **El País**, Cidade do México, mai. 2014. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/26/internacional/1401056860_449766.html> Acessado em 07 de abril de 2017.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

_____. A pequena história da fotografia. In: **Magia técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 91-107.

BORBA, Maria; FELIZI, Natasha; REIS, João. **Brasil em movimento** — reflexões a partir dos protestos de junho. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

CLARK, Lygia. Breviário do corpo. **Arte & Ensaios**, n 16, p. 114—125, 2008.

_____. A propósito da magia do objeto. (1965); A propósito do instante (1965); Do alto (1965); Nós recusamos (1966). In: **O mundo de Lygia Clark**: arquivos. Disponível em < <http://www.lygiaclark.org.br/arquivoPT.asp> >. Acessado em 23 de agosto de 2016.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador**: visão e modernidade no século XIX. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

_____. **24/7**: Capitalismo Tardio e os Fins do Sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos**. Crise e Insurreição. Tradução: Edições Antipáticas. São Paulo: n-1 edições, 2016. Disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2017/03/aosnossosamigos2014.pdf>>. Acessado em 20 de janeiro de 2017.

_____. **L'Insurrection qui vient**. Paris: La Fabrique éditions, 2007. Disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2017/03/insurrection-qui-vient.pdf>> Acessado em 22 de janeiro de 2017.

DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975—1995)**. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze, avec Claire Parnet, Pierre-André Boutang (dir.)*. Video Editions Montparnasse, 1996. *Escola Nômade de Filosofia*. Disponível em < <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>>. Acesso em 14 de agosto de 2016.

_____; _____. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. — São Paulo: Editora 34, 1995.

_____; _____. **Mil platôs — Capitalismo e Esquizofrenia**, vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **Mil platôs — Capitalismo e Esquizofrenia**, vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Mil platôs — Capitalismo e Esquizofrenia**, vol. 5. / Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. — São Paulo: Ed. 34, 1997
DIDI-HUBERMAN, Georges. **Peuples exposés, peuples figurants**. L'Œil de l'histoire, 4. Paris: Minuit, 2012.

_____. **Quando as imagens tocam o real**. RevistaPós. Belo Horizonte, v.2, n.4, p. 204-219, nov. 2012.

_____. **A semelhança informe ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille**. Rio de Janeiro: 2015.

_____. **Pensar debruçado**. Lisboa: KKYM, 2015.

GIRAUTA, Bernardo. 2013: o trabalho sonoro nas palavras. *Revista Beira*, Rio de Janeiro, jan. 2017. Disponível em <<https://medium.com/revista-beira/2013-o-trabalho-sonoro-nas-palavras-76b409b25916>>. Acessado em 15 de fevereiro de 2017.

HARVEY, David; MARICATO, Ermínia; ZIZEK, Slavoj; Davis, Mike et. al. **Cidades Rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

HOMERO. **Odisséia**. Tradução e introdução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Hedra, 2011.

LEANDRO, Anita. **Sem Imagens**. Estudos da Lingua(gem), v. 12, n. 1, jun. de 2014. p.121-134.

_____. **O tremor das imagens**. Notas sobre o cinema militante. *Devires*, v. 7, n. 2, jul. e dez. 2010. p. 98-117.

LEPECKI, André. **Coreopolítica e coreopolícia**. *ILHA*, v. 13, n. 1. jan. e jun. de 2012. p. 41-60.

MARTINS, Giovani. **O rojão**. Setor X, n.4 jan. 2015, p. 47.

MASCARO, Gabriel. **Não é sobre sapatos**. Descrição da obra. Disponível em: <<http://pt.gabrielmascaro.com/NAO-E-SOBRE-SAPATOS>> Acessado em 8 de janeiro de 2017.

MELVILLE, Herman. **Bartleby, o escrivão** — Uma história de Wall Street. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

NANCY, Jean-Luc. **À escuta**. Trad. Fernanda Bernardo. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2014.

_____. **Demande**: Littérature et philosophie. Paris, Galilée, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

NOVAES, Willian; PAES MANSO, Bruno; SOLANO, Esther; **Mascarados**: A verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc. Rio de Janeiro: editora Geração, 2014.

NUNES, Rodrigo. **Anônimo, vanguarda, imperceptível**. Serrote, n. 24, 2016.

_____. **Geração, acontecimento, perspectiva**: pensar a mudança a partir do Brasil. *NUEVA SOCIEDAD*, 2014a.

_____. Juin n'est pas fini. *Les Temps Modernes*, n. 678, 2014b.

NUNES, Rodrigo. **Liderança Distribuída**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 09, p. 10-19, 2016.

NUNES, Rodrigo. **Vai ter luto e luta ou não vai ter nada**. *IHU*, 08 de maio de 2016. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/554559-vai-ter-luto-e-luta-ou-nao-vai-ter-nada-ou-seja-a-fortuna-existe-sera-preciso-ter-virtu-entrevista-especial-com-rodrigo-nunes>> Acessado em 20 de novembro de 2016.

PAIVA, Gabriel de. **Jovem baleado em protesto diz não saber de onde vieram os tiros.** *O Globo*, 16 out. 2013. Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/jovem-baleado-em-protesto-diz-nao-saber-de-onde-vieram-os-tiros-10379801>> Acessado em 13 de janeiro de 2016.

PÁL PELBART, P. **Carta aberta aos secundaristas.** *Outras Palavras*, mai. 2016. Disponível em: <http://outraspalavras.net/brasil/pelbart-tudo-o-que-muda-com-os-secundaristas/>> Acesso em: 28 nov. 2016.

PAZ, Octavio. **A poesia de Matsúo Bashô.** A tradução do Haiku. In: *Signos em rotação*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 155-184.

POUND, Erza. **ABC da literatura.** São Paulo: Culrix: 2006.

PRECIADO, B. Marcos for ever. **Libération**, Paris, jun. 2014. Seção Chronique. Disponível em <http://www.liberation.fr/chroniques/2014/06/06/marcos-for-ever-1035394>> Acesso em: 28 nov. 2016.

RAMOS, Nuno. **No palácio de Moebius.** *Piauí*, n 86, p. 71-78, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento** — política e filosofia. Trad. Ângela Lopes. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Le spectateur émancipé.** Paris: La Fabrique Éditions, 2008.

ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica.** São Paulo: N-1, 2016.

SAFATLE, Vladimir. **Quando as ruas queimam:** manifesto pela emergência. São Paulo: N-1, 2016.

_____. SAFATLE, Vladimir. **A arma mais forte será ampliar a não cooperação com o governo.** *Portal Az*. Disponível em: <https://www.portalaz.com.br/blog/blog-do-murilo/379742/a-arma-mais-forte-sera-ampliar-a-nao-cooperacao-com-o-governo>> Acessado em: 14 de março de 2017.

SANTOS, Roberto Correia dos. **Eu assino embaixo:** biografia, memória e cultura. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2014.

SOARES, Luiz Eduardo. **“Eles” antes de junho de 2013** in: *O Brasil e seu Duplo*. (Livro a ser lançado, texto recebido por correspondência pessoal).

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe:** entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

_____. **Para Jessé Souza, golpe nasceu em junho de 2013.** *GGN*, nov. 2016. <<http://jornalggn.com.br/noticia/para—jesse—souza—golpe—nasceu—em—junho—de—2013>> Acessado em: 23 de novembro de 2016.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais.** São Paulo: N—1, 2015.

_____. **Verbetes Bartleby.** Wikipedia, jan. 2017. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bartleby,_o_Escrivão> Acessado em 28 de julho de 2016.

_____. **Verbetes Subcomandante Marcos.** Wikipedia, nov. 2015. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Subcomandante_Marcos> Acessado em 09 de dezembro de 2016.

WIKIPEDIA. **Verbetes Teflon.** Wikipedia, jan. 2017. Disponível em <<https://fr.wikipedia.org/wiki/T%C3%A9flon>> Acessado em em 21 de fevereiro de 2017.

_____. **Verbetes Vandalismo.** Wikipedia, mai. 2012. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia:Vandalismo>> Acessado em 15 de março de 2017.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze.** São Paulo: Centro Interdisciplinar de Estudos em Novas Tecnologias e Informação, Unicamp, 2004.

Autoria anônima. Como ocupar uma escola? 2012. *O mal educado*, São Paulo, out. 2015. Disponível em: <<https://gremiolivre.files.wordpress.com/2015/10/como-ocupar-um-colc3a9gio.pdf>> Acessado em 03 de março de 2017.

Filmografia

A vizinhança do tigre. Direção: Affonso Uchoa. Brasil, 2015.

Branco sai, Preto fica. Direção: Adirley Queirós. Brasil, 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=j_6Lcu4L2mk> Acessado em 05 de julho de 2016.

Je vous Salue Sarajevo. Direção: Jean-Luc Godard. França, 1993. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=LU7-o7OKuDg>>. Acessado em 03 de fevereiro de 2017.

Lute como uma menina. Direção: Flávio Colombini e Beatriz Alonso, Brasil, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA>>

Acessado em 13 de dezembro de 2016.

Últimas conversas. Direção: Eduardo Coutinho. Brasil, 2015.

Waleska Molotov. Direção: Amandla du Lodo (Anarca filmes). Brasil, 2017.

Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=qJk_3GKK-dQ > Acessado em 08 de abril de 2017.

Vídeos

Comunicação apresentada no dia 14 de setembro de 2016 no seminário internacional **Eros e Dioniso: amor e sexualidade na cultura contemporânea**, organizado por Paula Sibilia e Marianna Ferreira Jorge. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=u8JzeOmxxsLQ&t=3034s>> Acessado em 07 de dezembro de 2016.

Prisão do repórter Mídia NINJA. *Pós Tv*, jul. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aDO6tr6kgAk&t=50s>>. Acessado em 23 de setembro de 2016.